

# **RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE DE SÃO JOÃO BOSCO**

*O influxo de alguns santos  
na vida espiritual e apostólica  
do fundador dos Salesianos*



GIUSEPPE BUCCELLATO SDB

# RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE DE SÃO JOÃO BOSCO

*O influxo de alguns santos  
na vida espiritual e apostólica  
do fundador dos Salesianos*

Tradução e adaptação  
D. Hilário Moser



2015 © Guiseppe Buccellato

Título original: *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2013.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B 918

Raízes da Espiritualidade de São João Bosco. O influxo de alguns santos na vida espiritual e apostólica do fundador dos Salesianos. -- Brasília, DF : EDB, 2015.

ISBN: 978-88-209-9101-2

1. Santos cristãos. 2. Bosco, João, Santo, 1815-1888. 3. Vida Religiosa  
I. Título

CDD 922.22

Revisão: Cristina Kapor  
Diagramação: Helkton Gomes

EDB - Editora Dom Bosco  
SHCS CR Quadra 506, Bloco B, Sala 65  
Asa Sul, 70350-325, Brasília-DF  
Fone: (61) 3214-2300  
atendimento@edb.org.br  
www.edbbrasil.org.br

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	9
<b>Introdução</b> .....	13
<b>Siglas e Abreviaturas</b> .....	19
<b>Capítulo I</b>	
<b>Dom Bosco, S. Inácio e a Companhia de Jesus</b> .....	21
História de um relacionamento “oculto” .....	21
A Companhia de Jesus no século XIX na Itália. Dados históricos. ....	24
João Bosco “se encontra” com a Companhia de Jesus .....	27
Os exercícios espirituais no Piemonte no século XIX .....	30
Os exercícios espirituais na experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco .....	32
<i>As Regras ou Constituições da Sociedade</i> e o magistério dos primeiros Capítulos Gerais .....	38
Outros influxos da espiritualidade inaciana .....	42
- <i>S. Luís Gonzaga, patrono da Sociedade de S. Francisco de Sales</i> ... ..	42
- <i>A função do “rendiconto” na vida religiosa “bosquiana”</i> .....	43
- <i>“Ad maiorem Dei gloriam”</i> .....	44
- <i>O texto para a meditação</i> .....	45
- <i>O Exercício da Boa Morte</i> .....	46
- <i>O mês de maio</i> .....	47
Os exercícios espirituais dos salesianos .....	47
Documento: A meditação inaciana no primeiro noviciado .....	49

## Capítulo II

<b>O novo S. Felipe Neri</b> .....	51
Dom Bosco nas pegadas do grande educador florentino .....	51
Conselhos e lembranças de S. Felipe Neri.....	55
A castidade, principal virtude de um religioso.....	60
O panegírico de S. Felipe Neri.....	63
Dom Bosco, novo S. Felipe Neri .....	67
Documento: O texto do panegírico de S. Felipe Neri.....	68

## Capítulo III

<b>Sinais particulares: a paixão pelas almas</b> .....	71
João Bosco e Francisco de Sales, pastores feitos sob medida para o rebanho.....	71
O encontro.....	74
Os propósitos de Dom Bosco na sua ordenação presbiteral .....	77
Reflexos dos escritos do santo bispo de Genebra em Dom Bosco autor .....	80
O nome, o lema e o brasão dos salesianos .....	83
Documento: S. Francisco de Sales no <i>Vade-mécum</i> do Pe. Barberis..	86

## Capítulo IV

<b>Dois santos “semelhantes”:</b> Dom Bosco e S. Vicente de Paulo.....	89
Particular afinidade espiritual .....	89
<i>“O cristão guiado à virtude e à civilização” (1848)</i> .....	91
Dom Bosco autor espiritual .....	92
Traços de originalidade de <i>O cristão guiado à virtude</i> , de Dom Bosco ..	94
Afinidade espiritual.....	95
As motivações do autor.....	97
Uma carta de S. Vicente de Paulo nas Constituições de 1877 .....	99
A Sociedade de S. Vicente de Paulo em Turim.....	101
Documento: A carta de S. Vicente nas Constituições Salesianas.....	105

## Capítulo V

<b>João Bosco e Afonso Maria de Ligório</b> .....	107
Influxo teológico, espiritual e pastoral do patrono dos confessores.....	107
As origens “afonsianas” do Colégio Eclesiástico de Turim.....	109
A questão dos sistemas de teologia moral: probabilismo e probabiliorismo .....	112
O estudo da moral prática no Colégio Eclesiástico de Turim.....	115
S. Afonso, Dom Bosco e o apostolado da boa imprensa .....	119
Ecoss da espiritualidade afonsiana .....	122
- <i>A questão da comunhão frequente</i> .....	122
- <i>A doutrina dos novíssimos</i> .....	123
- <i>A devoção a Maria Virgem</i> .....	124
- <i>A devoção ao Santíssimo Sacramento</i> .....	125
- <i>Uma santidade ao alcance da mão</i> .....	126
- <i>A concepção da vida religiosa</i> .....	127
Documento: As cartas de S. Afonso nas Constituições de 1885.....	131

## Capítulo VI

<b>S. José Cafasso, pai do nosso Pai</b> .....	133
“Se fiz algum bem, devo a este digno eclesiástico” .....	133
Um encontro que marca uma vida .....	136
Discernimento baseado na autoridade moral do Pe. Cafasso .....	139
Influxo de um relacionamento muito particular.....	142
<i>A Biografia do Padre José Cafasso</i> , de 1860 .....	145
Os três anos em que João Bosco se tornou Dom Bosco .....	150
- <i>Aqui se aprende a ser padre</i> ... ..	151
- <i>Caridade pastoral, jovens das camadas populares e primeiros catecismos</i> .....	152
- <i>Uma Sociedade de leigos e eclesiásticos</i> .....	154

- <i>O empenho no apostolado da boa imprensa</i> .....	155
- <i>O “sentire cum Ecclesia” e a obediência ao Papa</i> .....	156
Documento: Instrução do Pe. Cafasso ao clero sobre a oração .....	157
<b>Conclusão</b> .....	161
<b>Bibliografia</b> .....	165

## APRESENTAÇÃO

Realidade de infindáveis matizes, a espiritualidade é a alma de toda experiência cristã pessoal e da *identidade própria* de cada instituto religioso. Embora invisível por natureza, ela se manifesta em todas as atitudes da vida de uma pessoa e, ao abraçar numerosas experiências interiores, torna-se o arcabouço de uma instituição religiosa.

De fato, a espiritualidade muitas vezes é vista como um percurso, um *caminho espiritual*, ao longo do qual se avança rumo a um objetivo determinado segundo as exigências do espírito. Para nós cristãos esse “espírito” é o Espírito Santo que cada um recebe no batismo, torna-nos participantes da Igreja e nos habilita a viver nele.

Falamos de espiritualidade como consciência pessoal de uma vida vivida no Espírito, embora na pluralidade das diversas formas e das diversas concepções espirituais.

Falando de *raízes de espiritualidade*, está cientificamente assentada a convicção de que existem diversos *percursos espirituais* que podem coexistir tranquilamente, que interagem reciprocamente e que historicamente deixam transparecer os sinais da sua experiência através da vivência de personagens e instituições que lhes são contemporâneas. Trata-se de um influxo que, embora enriqueça determinado carisma espiritual, não compromete a sua originalidade. Dado que cada pessoa, cada instituição é diversa das demais, em última análise, a opção que cada uma delas faz é fruto de uma sensibilidade e de uma genialidade pró-

prias, como também de um discernimento único, pessoal, sem chances de repetição.

A estas felizes considerações nos conduzem as bem elaboradas páginas deste precioso trabalho de Giuseppe Buccellato.

O panorama bibliográfico sobre Dom Bosco destes últimos cinquenta anos, segundo nosso parecer, apresenta certa desproporção entre as poucas publicações e os artigos que podem ser situados no âmbito do conteúdo e da metodologia da teologia espiritual, e os numerosos estudos de cunho histórico e pedagógico. Como consequência, a *espiritualidade de Dom Bosco* resulta, ainda hoje, a *questão menos aprofundada*, embora – na melhor produção historiográfica “dombosquiana” desde Alberto Caviglia e Eugenio Ceria até Francis Desramaut e Pietro Braido – esse elemento nunca esteja ausente, antes, é claramente reproposto e significativamente inserido no contexto de toda a reflexão.

Giuseppe Buccellato tem o mérito de trazer à ribalta essa questão e, mediante segura seleção de provas documentais, mostrar os influxos diretos e indiretos sobre Dom Bosco dos escritos e das instituições (*em ordem cronológica*) de S. Inácio de Loyola, S. Felipe Neri, S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, até a contemporânea e forte experiência com S. José Cafasso.

O resultado é positivo.

É, na verdade, um entrelaçado, por vezes inédito, mas sempre apaixonante e significativo, do relacionamento e dos contatos espirituais vividos por Dom Bosco – conforme escreve o autor – “mediados por precisas situações históricas, por acontecimentos, circunstâncias, leituras, documentos e testemunhos comprovados de maneira irrefutável pela crítica histórica”.

Assim, mediante este estudo, pode-se afirmar com maior conhecimento de dados que a espiritualidade de Dom Bosco é verdadeiramente um fruto maduro do seu tempo, genialmente cultivado e enriquecido pelas relações espirituais dos principais protagonistas da santidade católica do século XIX. Ao mesmo tempo e de forma surpreendente, oferece também a vantagem de propor uma acertada redescoberta da biografia, dos escritos, das obras dos santos em questão e, particularmente, do carisma específico de cada um deles.

No conjunto, trata-se de um patrimônio de dados e de reflexões que, em última análise, ajudam o leitor a compreender melhor o valor e o significado da excepcional experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco na vida da sociedade e da Igreja.

O compreensível e louvável desejo expresso nos inícios pelo autor, de querer aproximar-se “de forma mais viva e pessoal da experiência espiritual de Dom Bosco, por ocasião do bicentário do seu nascimento”, é plenamente alcançado e satisfeito; aliás, este livro, daqui para a frente, passa a ser uma preciosa oportunidade oferecida a todos.

Por esta contribuição somos vivamente agradecidos a Giuseppe Buccellato.

Cósimo Semeraro  
*Membro da Pontifícia Comissão  
de Ciências Históricas da Santa Sé*



## INTRODUÇÃO

É urgente conhecer e viver a espiritualidade de Dom Bosco. O conhecimento da sua vida, da sua atividade e do seu método educativo não basta. O fundamento da fecundidade da sua ação e da sua atualidade é a sua profunda experiência espiritual. Chegar a uma identificação precisa da experiência espiritual de Dom Bosco não é uma empresa fácil. Talvez seja esta a dimensão de Dom Bosco menos aprofundada (*Pe. Pascual Chávez*).<sup>1</sup>

A gênese deste nosso estudo parece-nos que, em primeiro lugar, deve ser procurada no desejo simples e filial de aproximarmos de maneira mais viva e pessoal da experiência espiritual de Dom Bosco, por ocasião do bicentenário do seu nascimento.

O panorama bibliográfico sobre Dom Bosco destes últimos cinquenta anos, a nosso ver, apresenta certa desproporção entre as poucas publicações e artigos que podem ser situados no âmbito dos conteúdos e dos métodos da teologia espiritual, e os numerosos estudos históricos e pedagógicos.

Já em 1973, o historiador salesiano Pietro Stella observava: “A pesquisa a respeito da espiritualidade de Dom Bosco e dos salesianos, hoje, talvez não esteja tão avançada como a que se refere ao sistema educativo. Este fato se impõe ao historiador e a quem quiser fazer algum prognóstico a respeito de um possível

---

<sup>1</sup> P. CHÁVEZ, *Preparação ao Bicentenário do nascimento de Dom Bosco*, 31 de janeiro de 2011.

desenvolvimento do acontecimento salesiano”.<sup>2</sup>

Com essa observação de caráter geral, parece-nos dever constatar também que as circunstâncias particulares que levaram o fundador dos salesianos a escolher S. Francisco de Sales como patrono da *Sociedade*, com o passar dos anos, puseram um pouco na sombra, em alguns casos até de maneira determinante, a contribuição de outras escolas de espiritualidade, à frente das quais estiveram alguns santos com quem Dom Bosco se relacionou de forma vital e privilegiada.

Na verdade, é dessas diversas contribuições que provém a espiritualidade de Dom Bosco, como síntese original e personalíssima de uma rica experiência carismática que é entregue à Igreja para o bem comum, toda vez que alguém dá início a uma congregação ou movimento espiritual.

A espiritualidade de Dom Bosco é fruto maduro do seu tempo. A fim de tentar compreendê-la em toda a sua riqueza, foi preciso pedir que a história do fundador dos salesianos iluminasse melhor as origens e o desenvolvimento de algumas *relações* mais significativas de ordem espiritual, pelo menos com alguns dos principais protagonistas que, mediante seu carisma específico, expõem à luz do dia algumas das raízes da experiência espiritual e também apostólica de Dom Bosco.

Não se trata, portanto, somente de descobrir algumas *afinidades*, alguns pontos de contato entre a espiritualidade “bosquiana” e a dos seis homens espirituais de que falaremos; esse tipo de operação poderia ser feita em relação a qualquer outro

---

<sup>2</sup> P. STELLA, *Don Bosco e le trasformazioni sociali e religiose del suo tempo*, in P. BROCARDI-M. MIDALI (eds.), *La Famiglia salesiana riflette sulla sua vocazione nella chiesa di oggi*. Turim-Leumann 1973, 167.

santo da Igreja. Pelo contrário, o objeto do nosso estudo procura mostrar os *contatos diretos* entre Dom Bosco e os escritos ou a espiritualidade de S. Inácio de Loyola, S. Felipe Neri, S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, S. Afonso Maria de Ligório e S. José Cafasso; contatos que se verificaram mediante situações históricas definidas, acontecimentos, circunstâncias, leituras, documentos e testemunhos comprovados de maneira irrefutável pela crítica histórica.

Nossa abordagem privilegia os santos que parecem ter proporcionado as contribuições mais significativas na formação da espiritualidade de Dom Bosco. De fato, a pesquisa poderia abranger também outras figuras carismáticas com quem Dom Bosco manteve contato durante a sua vida, mas, segundo nosso parecer, os resultados não teriam a mesma importância.

À medida que o conhecimento do influxo direto desses santos fundadores surgia em sua verdade histórica, crescia a sensação de uma espécie de *dívida de gratidão* para com eles ou com suas famílias religiosas; em alguns casos, tal dívida jamais foi paga pela família espiritual de Dom Bosco. De fato, a descoberta desta espécie de “dependência”, em vez de diminuir, exalta a figura do fundador dos salesianos, iluminando-a com uma luz mais original e evidenciando de forma ainda mais nítida alguns elementos carismáticos irrenunciáveis que o próprio Dom Bosco soube pôr em evidência de maneira excelente nos seus numerosos escritos, em alguns casos praticamente esquecidos.

Sob a iluminação dessa luz, o carisma de Dom Bosco se apresenta como um organismo vivo, destinado pelo Espírito a crescer, permanecendo sempre igual a si mesmo. Sua releitura a partir destas seis diferentes visões prospectivas permite evi-

denciar algumas partes do caminho que a Família Salesiana provavelmente deve voltar a percorrer a fim de não perder toda a riqueza carismática da experiência espiritual do fundador.

Cada uma das figuras carismáticas que, com Dom Bosco, são os protagonistas destas páginas, exigiria um estudo mais amplo e documentado, também em relação ao influxo exercido sobre o fundador dos salesianos; de qualquer forma, as poucas páginas que dedicamos a cada um destes santos podem ser consideradas indicações de uma “tarefa” destinada a sucessivos aprofundamentos.

Após cada capítulo, damos breve informação sobre um *documento* que ilumina as páginas imediatamente anteriores e enriquece – aos que se dispuserem a lê-lo – a percepção da particular importância de cada uma das contribuições espirituais que fazem parte do nascimento e do desenvolvimento da espiritualidade “bosquiana”. Trata-se de documentos algumas vezes longos, quase sempre pouco conhecidos, mas selecionados com o intento de oferecer uma espécie de “prova documental” dos enunciados de cada capítulo. Por exemplo, reler as cartas de S. Vicente de Paulo ou de S. Afonso, que Dom Bosco quis que acompanhassem os primeiros textos das nossas Constituições, faz-nos tocar com a mão, de forma mais visível e imediata, as dependências “declaradas” pelo nosso fundador e, muitas vezes, cobertas pela poeira dos tempos.

A ordem sequencial dos diversos capítulos não pretende, absolutamente, indicar prioridade desta ou daquela figura de santo; responde simplesmente ao critério “cronológico” normal da sucessão dos tempos e dos anos nos quais se desenvolveu a experiência humana e espiritual destas seis figuras extraordinárias da

*História da Espiritualidade.*

Fazemos votos que o esforço, quem sabe cansativo, que estas páginas convidam a fazer, permita aos leitores entrar de maneira mais pessoal e documentada no santuário da experiência espiritual de S. João Bosco e justificar, pelo menos em parte, a complexidade e a riqueza das raízes da sua experiência humana e apostólica.



## SIGLAS E ABREVIATURAS

ACS	<i>Arquivo Central Salesiano</i> junto à Casa Geral da Sociedade de S. Francisco de Sales – Via della Pisana, 1111 – Roma
Cf.	Confira
DpF	Dicastério para a Formação da Sociedade de S. Francisco de Sales
DpFS	Dicastério para a Família Salesiana da Sociedade de S. Francisco de Sales
Ed./eds.	Editor/editores
FDB	<i>Fundo Dom Bosco. Microfichas e descrição.</i> Roma 1980
Ibidem	No mesmo texto citado na nota anterior
Id.	Mesmo autor
Loc. cit.	No mesmo lugar da nota anterior
MB	LEMOYNE G. B.-AMADEI A.-CERIA E., <i>Memorie biografiche di San Giovanni Bosco</i> , I-XIX. San Benigno Canavese (Turim) 1898-1948
MO	SÃO JOÃO BOSCO, <i>Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855</i> , aos cuidados de A. da Silva Ferreira, tradução de Fausto Santa Catarina. Editora Dom Bosco, Brasília 2012



## CAPÍTULO I

### DOM BOSCO, S. INÁCIO E A COMPANHIA DE JESUS

#### História de um relacionamento “oculto”

S. Inácio, espanhol, até os vinte e um anos, seguiu a carreira militar. Ferido numa perna na batalha de Pamplona e demorando a cura, pediu romances de cavalaria para espantar o tédio. Não havendo nenhum por perto, foi-lhe dada a vida de Jesus Cristo e dos santos. Deu-se à leitura desses livros quase contra a vontade, mas, pela força da graça divina, acabou encontrando neles algo maior do que os heroísmos fantasiosos dos romances. Após incertezas e lutas entre o espírito e a carne, tomou a resolução de imitar o que lia e tornar-se santo. A partir daquele momento, realizou coisas maravilhosas e em 1534 fundou a Companhia de Jesus, que tão bem se distinguiu em combater os hereges e na propagação da fé no exterior.<sup>3</sup>

No dia 3 de dezembro de 1933, dia em que se faz a memória de S. Francisco Xavier, durante uma solene celebração na presença do Papa Pio XI, o secretário da Sagrada Congregação dos Ritos, após ler o decreto relativo à beatificação dos três mártires jesuítas: Roque González de Santa Cruz, Afonso Rodríguez

---

<sup>3</sup> G. BOSCO, *Storia ecclesiastica ad uso delle scuole utile per ogni ceto di persone*. Turim 1845, 298-299.

e João del Castillo, leu também o que preconizava a próxima canonização de Dom Bosco.

Na oportunidade, coube ao Pe. Ledochowski, Geral da Companhia de Jesus, exprimir a Pio XI a gratidão de ambas as Sociedades Religiosas. Tendo ao lado o Pe. Ricaldone, Reitor-Mor dos Salesianos, e os postuladores e advogados das duas Causas, pronunciou seu agradecimento.

Uma passagem do discurso do Pe. Ledochowski introduz-nos no primeiro capítulo deste nosso estudo:

A minha satisfação ao participar tão de perto da alegria da grande Família Salesiana, que com intenso fervor de obras, missões e apostolado em tantos campos ocupa um dos primeiros lugares na vinha do Senhor, a minha satisfação, digo, aumenta ao pensar na constante e sincera amizade que Dom Bosco, futuro santo, sempre teve e demonstrou de forma luminosa para com a Companhia de Jesus e os seus membros, ao recordar a profunda veneração que nutriu e promoveu para com os santos da Companhia, em particular S. Luís Gonzaga...; amizade e devoção que ele deixou em herança aos seus filhos, que, talvez, mais do que nunca, unidos no vínculo da caridade, colhem com fraterno interesse todas as ocasiões para manifestar-nos o seu afeto e vir em nossa ajuda.<sup>4</sup>

A referência à constante e sincera amizade que o futuro santo, de forma luminosa, sempre dedicou à Companhia de Jesus, deve ter sido acolhida com surpresa pelo ambiente salesiano. Aliás, nos próprios escritos do fundador, a um primeiro olhar,

---

<sup>4</sup> MB XIX, 244-245.

parecem raras as referências explícitas a S. Inácio e à espiritualidade da Companhia.

Na realidade, como veremos, os elementos que emergem após uma análise mais atenta são de notável importância. A desconfiança que caracterizou o juízo de alguns ambientes, mesmo clericais, do século XIX do Piemonte a respeito da Companhia, provavelmente sugeriu a Dom Bosco certa prudência; minha breve digressão do próximo parágrafo ajudará a justificar melhor nossa afirmação.

Um pequeno episódio leva-nos a compreender o “clima” do ambiente de Turim na segunda metade do século XIX. Em 1863, Dom Bosco pediu ao município de Turim um financiamento para construir a basílica de Maria Auxiliadora. A negativa do município, na onda dos assim chamados “acontecimentos de Spoleto”,<sup>5</sup> foi motivada pela afirmação de que o título de “Auxiliadora” cheirava a “jesuitismo”. As páginas do livro *O jesuíta moderno com algumas considerações a respeito do Ressurgimento italiano*, da autoria de Vicente Gioberti, certamente contribuíram para aumentar a hostilidade contra a Companhia de Jesus que, naqueles anos difíceis, jamais abrandara seu empenho na defesa da autoridade do Papa contra qualquer “vento de modernidade”.

---

<sup>5</sup> Com a capitulação da fortaleza de Spoleto, ocorrida no dia 17 de setembro de 1860, e a batalha de Castelfidardo, as terras pontificias da Úmbria e das Marcas foram anexadas ao Reino da Saboia. Nesse clima de intensa paixão patriótica e religiosa, as milagrosas aparições da Virgem Maria a um menino, ligadas a uma imagem que se encontrava numa antiga igreja perto de Spoleto, foram para muitos como a esperada resposta do céu. A imagem de Nossa Senhora, por iniciativa do bispo D. Arnaldi, intitulada a *Maria Auxilium Christianorum*, auxílio dos cristãos, contra os inimigos da Igreja (cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996, 667-668).

## **A Companhia de Jesus no século XIX na Itália.**

### **Dados históricos**

Na segunda metade do século XVIII, a oposição contra os jesuítas por parte das cortes católicas de Portugal, Espanha, França, Nápoles e Parma, que de má vontade toleravam a ação da Companhia em favor dos povos das colônias americanas, dado que limitava as possibilidades de exploração por parte de colonizadores ávidos, cruéis e sem escrúpulos morais, conseguiu expulsar a Companhia de Jesus dos territórios de Portugal, Espanha, França, Nápoles e das colônias da América do Sul e Central, e, em seguida, obteve do Papa sua total supressão.

Tinha-se chegado a esses extremos por causa da oposição contra os jesuítas por parte do jansenismo e do iluminismo, e por causa de suas teorias no campo moral, injustamente acusadas de laxismo, além da antipatia pela alegada soberba jesuítica. No dia 21 de janeiro de 1773 o Papa Clemente XIV viu-se constringido a suprimir a Companhia de Jesus, “pela paz da Igreja”, e assinou o decreto *Dominus ac Redemptor*: “Após amadurecida reflexão, de ciência certa, e com plenitude do Poder Apostólico, extinguimos e suprimimos a citada Sociedade, anulamos e abolimos todos e cada um dos seus compromissos, ministérios e administrações, casas, escolas, colégios e internatos, e qualquer outra instituição existente em qualquer província, reino e senhoria, que de algum modo pertençam à dita Companhia”.

Após a Revolução Francesa, durante a qual foram mortos muitos ex-jesuítas “refratários”, e após a tempestade napoleônica, Pio VII, em 7 de agosto de 1814, restaurou a Companhia de Jesus, mediante a bula *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*. A

retomada foi lenta e difícil, mas não demorou que aos jesuítas da Companhia suprimida que permaneceram fiéis à própria vocação, se uniram forças novas. Assim, já em 1844, os jesuítas no mundo eram 4.136, trabalhando em 44 colégios e 37 missões.

Os tempos, porém, já não eram os mesmos da antiga Companhia. Predominava o tempo do liberalismo revolucionário, herdeiro do iluminismo e da Revolução Francesa, decididamente contrário aos governos nascidos da Restauração de 1815 e à Igreja, em particular ao Papa e ao Estado Pontifício. Nessas circunstâncias, os jesuítas juntaram as próprias forças em defesa do Papa. Em 1849, Pio IX quis que eles fundassem uma revista que combatesse as novas correntes de pensamento, adversas ao cristianismo; foi assim que, em 6 de abril de 1850, em Nápoles, nasceu *La Civiltà Cattolica*.

Esta atividade dos jesuítas suscitou a aversão dos governos liberais, que na França, Itália, Espanha, por diversas vezes os expulsaram, açambarcando os seus bens.

Acusado pelos jesuítas de subordinar a religião aos problemas políticos do momento, Vicente Gioberti, um dos protagonistas da unidade da Itália, nos anos de 1846-1847, respondeu com os cinco volumes de *O jesuíta moderno*, que apresentavam o jesuitismo como o principal e mais perigoso inimigo do Resurgimento. A obra era uma concentração de argumentos antijesuíticos, extraídos da história e ligados entre si por uma ideia dominante: a radical e irremediável hostilidade do espírito jesuíta, impregnado de misticismo, laxismo moral e autoritarismo, a um catolicismo civil, inspirador do momento nacional.

A expulsão dos jesuítas de Turim ocorreu em meio ao furor popular, nos primeiros meses de 1848. Somente depois do fato

consumado é que os governos procuraram legalizar o acontecido.

As *Memórias Biográficas de S. João Bosco* narram assim o episódio:

Na tarde de 2 de março, um bando de sectários do Piemonte e outros bandidos provenientes de vários Estados da península, estilhaçando vidros e afundando portas, em meio a gritos selvagens, irrompeu nas casas dos jesuítas dos Santos Mártires e do Colégio do Carmo... Os religiosos, debandados naquela noite dolorosa, buscaram refúgio nas casas de vários cidadãos. O Teól. Guala acolheu muitos deles no Colégio Eclesiástico, que não fica muito distante dos Santos Mártires e do Carmo, e emprestou-lhes somas consideráveis para que pudessem providenciar às suas necessidades mais urgentes. Também Dom Bosco, nessa desventura, fez quanto pôde para ajudá-los, especialmente fornecendo-lhes trajes civis, para que, disfarçados, não fossem reconhecidos ao sair da cidade.<sup>6</sup>

A ajuda do Teól. Guala,<sup>7</sup> fundador e reitor do Colégio Eclesiástico, aos jesuítas em fuga de Turim, não surpreende. O *probabilismo moral* de S. Afonso Maria de Ligório, que caracterizava o ensino do Pe. Guala, antes, e do Pe. Cafasso, depois, era defendido particularmente pelos moralistas jesuítas. O próprio

---

<sup>6</sup> MB III, 296-297.

<sup>7</sup> Luís Maria Fortunato Guala nasceu em Turim, em 1775. Ordenado padre em 1799, foi professor na Faculdade de Teologia da Universidade de Turim. Amigo do Pe. Pio Bruno Lanteri, em 1807 conseguiu que fosse reaberto o santuário de S. Inácio no alto de Lanzo, onde, junto com o próprio Lanteri, começou a pregar exercícios espirituais ao clero e a leigos. Em 1808 tornou-se reitor da igreja de S. Francisco de Assis e algum ano mais tarde administrador do santuário de S. Inácio.

“projeto formativo” do Colégio Eclesiástico, como veremos, inspirava-se no opúsculo *Exercícios Espirituais*, escrito por S. Inácio.

## **João Bosco “se encontra” com a Companhia de Jesus**

Quando ocorreu com exatidão o “encontro” entre Dom Bosco e a Companhia de Jesus não nos é dado saber. O primeiro testemunho direto é o do próprio Dom Bosco nas *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales*. A respeito das suas amizades do tempo da juventude, no período em que frequentava a escola pública de Chieri (1830-1835), ele narra:

Eles (Guilherme Garigliano e Paulo Braia) participavam com gosto da honesta recreação, mas colocavam sempre em primeiro lugar os deveres escolares. Ambos apreciavam o recolhimento e a piedade, e constantemente me davam bons conselhos. Nos dias santos, após a reunião regulamentar do colégio, íamos à igreja de S. Antônio, onde os jesuítas explicavam estupendamente a doutrina, enriquecida de exemplos que ainda recordo.<sup>8</sup>

Escreve S. Caselle:

O estupendo catecismo de que fala Dom Bosco era ministrado ao povo na tarde dos dias festivos pelo Pe. Isaías Carminati, de Bérgamo, nascido em 12 de janeiro de 1798. Chegara a Chieri no começo do ano escolar de 1831-1832, e até 1836, além de lecionar letras aos escolásticos jesuítas na casa de noviciado de Chieri (Casa

---

<sup>8</sup> MO 57.

S. Antônio), foi também *prefeito* dos catequistas, isto é, coordenava o catecismo na igreja de S. Antônio.<sup>9</sup>

As primeiras exercitações inéditas de *sagrada eloquência* de João Bosco, compostas durante os anos seguintes à ordenação presbiteral, revelam os reflexos da formação inaciana recebida no Colégio Eclesiástico:

As pregações conservadas nos nossos arquivos, em grande parte foram compiladas durante os primeiros anos de sacerdócio, isto é, nos anos transcorridos no Colégio Eclesiástico. Os temas desenvolvidos são os mais usados nos séculos XVIII e XIX, ligados de maneira claríssima aos esquemas dos *exercícios espirituais* de S. Inácio, da produção literária de Segneri e de S. Afonso, que Dom Bosco extrai deles ou de seguidores, como o jesuíta piemontês do início do século XVIII Rossignoli e o sacerdote lígure do início do século XIX Antônio Francisco Biamonti.<sup>10</sup>

Numa dessas conferências inéditas, intitulada *Introdução aos santos exercícios espirituais, 30 de novembro de 1843*, o jovem aluno do Colégio Eclesiástico escreve:

Os exercícios espirituais são uma série de meditações e instruções feitas para levar o homem à amizade com Deus. Em primeiro lugar apresenta-se uma série de meditações cuja finalidade consiste em conduzir o homem ao conhecimento de si mesmo: compreender que ele não

---

<sup>9</sup> S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri, 1831-1841. Dieci anni che valgono una vita*. Turim 1988, 50.

<sup>10</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I. Roma 1979, 98.

foi criado para as coisas miseráveis desta terra, mas destinado a uma felicidade infinitamente superior... Haverá algo mais necessário e importante? Não me refiro ao fato de este modo de meditar e esta ordem nas pregações ter sido inspirada pela Bem-aventurada Virgem Maria a S. Inácio; nem às muitas indulgências concedidas pelos sumos pontífices aos fiéis que participam devotamente dos santos exercícios espirituais; refiro-me somente às graças especiais que Deus reserva para cada um destes dias.<sup>11</sup>

Em síntese, o projeto formativo do Colégio Eclesiástico situava os alunos no centro da espiritualidade dos exercícios espirituais e contribuía a preparar os jovens sacerdotes ao ministério mediante a composição diária de meditações e o progresso na arte oratória, ao qual tendiam as exercitações práticas de cada dia. Aliás, o idealizador do Colégio Eclesiástico fora o Ven. Pe. Pio Bruno Lanteri, fundador da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, cujo único escopo apostólico era o de pregar exercícios espirituais com o método de S. Inácio.<sup>12</sup> Naqueles anos, os oblatos, mais ainda do que os jesuítas, que segundo Lanteri estavam muito empenhados em outras obras educativas, dedicaram-se a dar numerosos cursos de exercícios espirituais em favor de padres e leigos de todas as categorias ou classes.<sup>13</sup>

Por isso, não nos surpreende encontrar entre os ensinamentos do Colégio Eclesiástico os nomes de alguns jesuítas ilustres,

<sup>11</sup> ACS A 225.02.01.

<sup>12</sup> Para aprofundar a questão relativa à história e ao projeto formativo do Colégio Eclesiástico, veja G. BUCCELLATO, *Il Convitto Ecclesiastico di Torino. Un modello di formazione presbiterale nell'ottocento italiano*, in G. BUCCELLATO (ed.), *San Giuseppe Cafasso il direttore spirituale di Don Bosco*. Roma 2008, 11-50.

<sup>13</sup> Cf. T. GALLAGHER, *Gli esercizi di Sant' Ignazio nella spiritualità e carisma di fondatore di Pio Brunone Lanteri*. Roma 1983, 37-47.

como Minini, que pregou no santuário de S. Inácio no alto de Lanzo as instruções dos exercícios espirituais dos quais participou o jovem sacerdote João Bosco em 1842, ao concluir seu primeiro ano no Colégio Eclesiástico;<sup>14</sup> Grossi, Sagrini, professores de eloquência no dito Colégio. O “modelo” de presbítero em quem o Pe. Lanteri se tinha inspirado na formação do jovem clero derivava da figura do *orientador* dos exercícios espirituais inacianos; a ciência de confessar bem e a arte de pregar com sabedoria e propriedade de linguagem constituíam o coração do “projeto formativo” do Colégio.

## **Os exercícios espirituais no Piemonte no século XIX**

A prática dos exercícios espirituais periódicos é uma das características mais interessantes da espiritualidade do século XIX. Embora já usada na Europa nos dois séculos anteriores, ela se difundiu e quase generalizou nos anos oitocentos, não somente entre as ordens religiosas, mas também entre o clero “secular”, os leigos devotos, os alunos das escolas.<sup>15</sup>

No Piemonte, após a Restauração, a obra dos exercícios espirituais difundiu-se graças a alguns entusiastas do método de S. Inácio. Merece relevo o trabalho desenvolvido pela Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, fundada por Pio Bruno Lanteri. Este fora iniciado nesse tipo de trabalho pastoral pelo seu mestre, o jesuíta Nicolau von Diessbach.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. MB II, 122.

<sup>15</sup> Cf. J. DE GUIBERT, *La spiritualità della Compagnia di Gesù. Saggio storico*. Roma 1992, 386-387.

<sup>16</sup> Cf. C. BONA, *Le “Amicizie”. Società segrete e rinascita religiosa (1770-1830)*. Turim 1962, 283.

A obra de Lanteri envolveu também diversos sacerdotes da diocese de Turim, que ele iniciou nesse tipo de apostolado dos exercícios espirituais.<sup>17</sup> De certa maneira, ela recebeu uma confirmação oficial na diocese de Turim já desde 1807, quando, junto com o Teól. Luís Guala, Lanteri ficou encarregado de pregar aos sacerdotes da diocese.

Guala e Lanteri decidiram restaurar e usar para esta finalidade os locais anexos a um antigo santuário que, após a supressão da Companhia de Jesus em 1773, fora anexado à cúria arquiépiscopal de Turim e caíra em quase total abandono.

A construção do santuário de S. Inácio, a 920 metros de altitude, pouco distante de Lanzo, não mais do que quarenta quilômetros a noroeste de Turim, fora completada em 1727 pelos jesuítas, que desde 1677 eram os proprietários de uma capelinha onde se venerava o santo fundador, e dos terrenos circunstantes.

Para os primeiros anos, as experiências de Lanteri e de Guala não foram isentas de incômodos e dificuldades materiais, mas já em 1808 a casa foi aberta oficialmente.

Em 1814, o Teól. Luís Guala, alguns anos antes nomeado reitor da igreja de S. Francisco de Assis, tornou-se o administrador do santuário por nomeação do arcebispo de Turim, D. Jacinto della Torre; nomeação que depois será confirmada em 1836 por D. Fransoni.

Esta circunstância particular liga o futuro do santuário ao do Colégio Eclesiástico. Assim, ambos adquirem uma função central na formação teológica e na vida espiritual do clero piemontês dos anos oitocentos e, portanto, do próprio Dom Bosco, que foi

---

<sup>17</sup> Cf. T. GALLAGHER, *Gli esercizi di Sant' Ignazio...*, cit., 229; A. BRUSTOLON, *Alle origini della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine. Punti chiari e punti oscuri*. Turim 1995, 98-106; DpF, *Sussidi 2*. Roma 1988, 293-294.

aluno do Colégio e frequentador assíduo do santuário. O santuário de S. Inácio, de modo especial, foi um pouco como o coração pulsante de toda a diocese de Turim durante os difíceis anos do Ressurgimento italiano.

Os exercícios espirituais em S. Inácio tiveram um valor paradigmático e foram “muito frequentados em todo o Piemonte”;<sup>18</sup> particularmente, tornaram-se “a norma e o modelo com que se instituíram ou retomaram os exercícios espirituais em todas as dioceses”.<sup>19</sup>

### **Os exercícios espirituais na experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco<sup>20</sup>**

Detivemo-nos um pouco em descrever a origem do apostolado dos exercícios espirituais no Piemonte e a história do santuário de S. Inácio, pela particular importância que esta prática de piedade teve na experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco. De fato, a partir de 1842, Dom Bosco foi frequentador assíduo do santuário. Esteve ali ininterruptamente<sup>21</sup> para os seus

---

<sup>18</sup> MB II, 124.

<sup>19</sup> G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio Don Giuseppe Cafasso, con cenni storici sul Convitto ecclesiastico di Torino*. Turim 1895,130.

<sup>20</sup> Quanto à importância dos exercícios na tradição “bosquiana” desde as origens, veja-se G. BUCCELLATO, *Gli esercizi spirituali nell’esperienza di Don Bosco e alle origini della società di San Francesco di Sales*, in M. Ko (ed.), *È tempo di ravvivare il fuoco*. Roma 2000,101-134.

<sup>21</sup> Única exceção foram os anos de 1848 e 1849 porque, em razão dos movimentos políticos pela unidade da Itália, os exercícios espirituais em S. Inácio foram cancelados. Falecido o Pe. Cafasso (1860), seu sucessor foi o Côn. Eugênio Galletti como reitor do Colégio Eclesiástico e do santuário; em seguida, em 1864, o Teól. Félix Golzio, confessor de Dom Bosco de 1860 a 1873, ano da sua morte. Após a morte deste, Dom Bosco ainda foi a S. Inácio para os exercícios espirituais, mas a acolhida fria que recebeu naquele ano convenceu-o a não voltar mais nos anos seguintes (cf. DpF, *Sussidi 2*, cit., 172; MB X, 1277ss).

exercícios espirituais, todos os anos, até 1874; além disso, foi muitas vezes a S. Inácio, primeiro com o Pe. Cafasso, depois com o Pe. Golzio, como colaborador na animação dos exercícios espirituais para leigos e como confessor.<sup>22</sup>

As *Memórias Biográficas* nos contam que, no final dos três anos de permanência no Colégio Eclesiástico, Dom Bosco manteve contatos com os oblatos do Pe. Lanteri e nutriu o desejo de “entrar para a vida religiosa” naquela Congregação<sup>23</sup> e, portanto, de dedicar toda a sua vida à pregação dos exercícios espirituais em S. Inácio.

A circunstância é confirmada por um dos primeiros biógrafos do Pe. Cafasso, Luís Nicolis Di Robilant,<sup>24</sup> e por uma página autógrafa da “*Cronichetta*” do Pe. Júlio Barberis, primeiro mestre de noviços da Congregação Salesiana; ele escreve:

Eis alguns detalhes da vida de Dom Bosco que ele mesmo contou a alguém em particular... Terminado o terceiro ano de moral, eu estava decidido a entrar para oblatos de Maria Virgem; já estava tudo acertado, somente iria a S. Inácio para fazer os exercícios espirituais. No final, falei com o Pe. Cafasso para que me desse uma resposta decisiva e ele me disse que não. A resposta para mim foi um choque terrível, mas eu nem quis perguntar o motivo; voltei para o Colégio Eclesiástico e continuei a estudar, pregar e confessar.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> Cf., por exemplo, MB II, 478; III, 536; X, 892.

<sup>23</sup> Cf. MB II, 203-207.

<sup>24</sup> Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso confondatore del Convitto ecclesiastico di Torino*, II. Turim 1912, 215-216.

<sup>25</sup> ACS A 003.01.01. 15.17.

Pe. Cafasso, em quem Dom Bosco confiava sem reservas, foi muito decidido em guiar o discernimento do seu discípulo. “Oh! Que preocupação! – teria dito a Dom Bosco, segundo Di Robilant – e quem pensará nos vossos jovens? Não vos parece fazer o bem trabalhando com eles? [...] Meu caro Dom Bosco, abandonai a ideia de vocação religiosa, ide desfazer as malas e continuai a vossa obra em favor da juventude. Esta é a vontade de Deus e não outra coisa”.<sup>26</sup>

O fato, porém, é que Dom Bosco conservou uma grande estima e consideração pela missão dos oblatos de Maria Virgem e pelo apostolado dos exercícios espirituais.

Desde o início da sua missão entre os jovens, sempre deu particular atenção aos exercícios espirituais, e continuou a dá-la em todo o seu ministério apostólico. A prática dos exercícios espirituais foi introduzida no Oratório desde o ano de 1847, ano seguinte ao da sua fixação em Valdocco.

*As Memórias Biográficas* narram assim o acontecimento:

Dom Bosco, entretanto, ia amadurecendo atuar outro meio dos mais eficazes para a santificação de certo número de seus jovens: a prática dos santos exercícios espirituais [...]. Ele não esperou para oferecer essa oportunidade aos jovens quando tudo estivesse convenientemente disposto para essa finalidade, persuadido como estava do aforismo que o ótimo é inimigo do bom. Por isso, nesse mesmo ano de 1847 quis que começassem os exercícios espirituais; e a Providência lhe enviou o pregador na pessoa do Teól. Frederico Albert.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 216.

<sup>27</sup> MB III, 221.

Pe. Lemoyne prossegue:

Dom Bosco, mesmo à custa de grandes sacrifícios, quis que essa prática se repetisse todos os anos; dessa forma, foi progredindo sempre mais e obtendo verdadeiras conversões e singulares frutos de santidade. Durante toda a semana dos exercícios espirituais, por vários anos, quis que os externos ficassem com ele durante o almoço, embora às vezes fossem até mesmo cinquenta jovens. Ele se servia dessa ocasião especialmente para conhecer sua índole, animar os menos devotos a uma piedade viva, encorajar sempre mais os fervorosos, e também para estudar sua vocação, encaminhando depois ao estado eclesiástico aqueles que ele percebia serem chamados a isso... Era motivo de grande consolação para o seu coração ver tantos filhos do povo ocupados em aprender um ofício humilde e cansativo, e depois dos exercícios espirituais aspirar com perseverança, não somente a uma vida cristã autêntica, mas até mesmo a percorrer o caminho da santidade.<sup>28</sup>

Antes de 1866, ano em que iniciou para a nascente Congregação a experiência dos exercícios espirituais “por conta própria” em Trofarello, Dom Bosco, com frequência, levou consigo ao santuário de S. Inácio algum dos jovens clérigos do Oratório.<sup>29</sup>

Quando Dom Bosco compôs as primeiras Regras da nascente Congregação, estudou com atenção as Constituições escritas pelo Pe. Lanteri para os seus oblatos de Maria Virgem, e delas se serviu para alguns pontos específicos.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> MB III, 223.

<sup>29</sup> Cf. E. CERIA, *Annali della Società di San Francesco di Sales*, I. Turim 1941, 85; MB V, 66. 713; VI, 696; VII, 699.

<sup>30</sup> Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 145. 158.

No primeiro esboço das Regras da Sociedade de S. Francisco de Sales de que dispomos, conhecido como *Autógrafo Rua*,<sup>31</sup> no início, fala-se das finalidades da nascente Sociedade. São elencadas cinco.<sup>32</sup> Em síntese: reunir seus membros para uma vida de perfeição; imitar Jesus; recolher os jovens pobres e abandonados para instruí-los na religião, particularmente nos dias festivos; acolher alguns em casas destinadas a isso e instruí-los numa arte ou ofício; finalmente, fomentar a religião católica também entre os adultos das camadas populares *pregando exercícios espirituais* e difundindo bons livros.

Na versão definitivamente aprovada de 1874 e na tradução italiana de 1875 lemos: “A necessidade de manter a religião católica faz-se sentir gravemente entre as pessoas cristãs, particularmente nos povoados do interior; por isso, os sócios salesianos se empenharão com zelo em pregar exercícios espirituais, para confirmar e orientar na piedade aqueles que, movidos pelo desejo de mudar de vida, deles participassem... Da mesma maneira se empenharão em difundir bons livros entre o povo, usando de todos os meios que a caridade cristã inspira”.<sup>33</sup>

Ainda pode-se fazer outra breve consideração, sempre em relação ao tema dos exercícios espirituais e das primeiras Constituições. Nas últimas redações compostas por Dom Bosco é possível encontrar uma referência à obrigação de os salesianos clérigos comporem um curso de exercícios espirituais como

---

<sup>31</sup> Trata-se do mais antigo manuscrito de que dispomos. Provavelmente é de 1858 (cf. G. BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875*. Textos críticos aos cuidados de F. Motto. Roma 1992,17), e foi escrito pelo Pe. Rua sob ditado de Dom Bosco.

<sup>32</sup> Cf. G. BOSCO, *Costituzioni...*, cit., 72-79.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 68.

complementação dos estudos em preparação à ordenação presbiteral. “Cada sócio – lê-se na versão italiana de 1875 –, para complementar seus estudos, além de frequentar as conferências diárias de moral, empenhe-se em compor um curso de pregações e meditações, primeiro para uso da juventude, depois adaptado à capacidade de todos os fiéis cristãos”.<sup>34</sup> Não é difícil verificar que a praxe da jovem Congregação era coerente com esta indicação.<sup>35</sup>

Esta última referência ao texto constitucional remete-nos às associações denominadas *Amizades Sacerdotais* do Pe. Diessbach, cujos estatutos, descrevendo os meios apostólicos de que os “amigos sacerdotes” haveriam de servir-se, a fim de “submeter toda a terra a Jesus Cristo”, diziam: “Para explicar eficazmente (a santa palavra de Deus), cada membro deverá compor com muito cuidado um curso completo de missões e um curso completo de exercícios espirituais”.<sup>36</sup>

Também as Constituições dos oblatos de Maria Virgem continham, naquele período, uma referência análoga no primeiro artigo do capítulo segundo, intitulado *A respeito da própria santificação*: “(Os sócios), além disso, se dedicam a compor um curso de meditações e instruções para pregar os exercícios espirituais segundo o método de S. Inácio”.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Ibidem, 181.

<sup>35</sup> No Arquivo Central da Congregação encontram-se diversas séries dessas meditações.

<sup>36</sup> Os estatutos das *Amizades Sacerdotais* são referidos por C. BONA, *Le “Amicizie”...*, cit., 503-511.

<sup>37</sup> *Costituzioni e regole della Congregazione degli Oblati di Maria V.* Turim 1851, 17.

## **As Regras ou Constituições da Sociedade e o magistério dos primeiros Capítulos Gerais**

Quanto às fontes usadas para a redação do texto constitucional, é o próprio Dom Bosco que, numa folha anexada ao pedido de aprovação da Sociedade, enviada ao santo padre em 12 de fevereiro de 1864, nos dá a conhecer os recursos empregados:

Quanto ao constitutivo das Regras, consultei e, na medida do que convinha, também segui os estatutos da Obra Cavanis de Veneza, as Constituições dos rosminianos, os estatutos dos oblatos de Maria Virgem, de todas as corporações ou sociedades religiosas aprovadas pela Santa Sé. Os capítulos 5º, 6º, 7º que se referem à matéria dos votos foram tomados quase por inteiro das Constituições dos redentoristas. A fórmula dos votos foi extraída da dos jesuítas.<sup>38</sup>

Dada a importância desta primeira fórmula de profissão, vamos observá-la brevemente, confrontando-a com a “fonte” correspondente; ela já aparece na redação em língua italiana de 1860, enviada ao arcebispo de Turim, D. Fransoni, então exilado na França, para a aprovação diocesana.<sup>39</sup>

### **Sociedade de S. Francisco de Sales:**

No pleno conhecimento da fragilidade e instabilidade da minha vontade, desejoso no futuro de praticar o que pode ser para a maior glória de Deus e o bem das almas, eu N.N., ponho-me na vossa presença, Deus onipotente e eterno e, embora indigno de estar diante de vós, toda-

<sup>38</sup> G. BOSCO, *Costituzioni...*, cit., 229.

<sup>39</sup> Cf. F. MOTTO, *Introduzione*, in G. Bosco, *Costituzioni...*, cit., 17.

via, confiando na vossa bondade e misericórdia infinitas, unicamente movido pelo desejo de vos amar e servir, na presença da Bem-aventurada Virgem Maria, de S. Francisco de Sales e de todos os santos do paraíso, faço voto de castidade, pobreza e obediência a Deus e a vós, meu Superior, por três anos, pedindo-vos humildemente queirais sem reservas ordenar-me tudo o que julgar ser para a maior glória de Deus e o bem das almas.<sup>40</sup>

### **Companhia de Jesus (votos simples):**

Deus onipotente e sempiterno, eu (N.N.), embora indigníssimo da vossa divina presença, todavia, confiando na vossa piedade e misericórdia infinitas, e movido pelo desejo de servir-vos, na presença da Sacratíssima Virgem Maria e de toda a corte celeste, faço voto à Vossa Divina Majestade de POBREZA, CASTIDADE E OBEDIÊNCIA perpétua na Companhia de Jesus; e prometo nela entrar e nela morrer, tudo querendo conforme as Constituições desta Companhia. Portanto, peço humildemente, pela vossa imensa bondade e clemência, pelo Sangue de Jesus Cristo, que vos digneis aceitar este holocausto em odor de suavidade, e que, assim como me destes a graça de desejá-lo e oferecê-lo, também queirais concedê-la abundantemente para poder cumpri-lo.<sup>41</sup>

No ano anterior à aprovação das Constituições, numa conferência aos salesianos, Dom Bosco se expressou assim: “Onde houver um jesuíta, quero dizer que ali também se encontra um

<sup>40</sup> G. BOSCO, *Costituzioni...*, cit., 204. Os textos sublinhados mostram os pontos de contato.

<sup>41</sup> [IGNAZIO DI LOYOLA], *Regole della Compagnia di Gesù*. Roma 1834, 172.

modelo de virtude, um exemplo de santidade: ali se prega, se confessa, se anuncia a palavra de Deus. O que mais? Quando os maus imaginam tê-los destruído, então é que mais se multiplicam, que o fruto das almas é maior”.<sup>42</sup>

O certo é que quando, em 1877, a nascente Congregação celebrou o seu primeiro Capítulo Geral, serão somente dois os convidados externos à *Sociedade*: Pe. Segundo Franco e Pe. João Batista Rostagno. “Com eles – afirma o Pe. Ceria nas *Memórias Biográficas* – (Dom Bosco), nas noites anteriores, teve diversos encontros a fim de acertar as coisas da maneira mais conforme aos sagrados cânones e aos costumes das congregações religiosas”.<sup>43</sup> O Pe. Barberis, secretário do primeiro Capítulo Geral, no livro de Atas refere o conteúdo de uma intervenção do Pe. Segundo Franco, conhecido pregador e autor de numerosíssimas publicações de caráter pastoral e espiritual:<sup>44</sup>

Antes de tudo, quero congratular-me e alegrar-me convosco pela bondade em convidar-me a este primeiro Capítulo Geral Salesiano. Considero-me feliz por este fato, pois, desde que Deus, vendo as tristezas dos nossos tempos, enviou Dom Bosco à sua Igreja, sempre me interessei, na medida do possível, pelas suas iniciativas; nunca teria imaginado que ele me tivesse em tamanha consideração. Esta Congregação, que preenche o vazio dos nossos tempos, só pode ter sido suscitada por Deus. Ver seu rapidíssimo desenvolvimento faz-nos dizer que *digitus Dei est hic*. Por isso, em meu nome e no nome de todos os meus irmãos, desejo, de coração, manifestar-vos e a toda

---

<sup>42</sup> MB X, 1062.

<sup>43</sup> MB XIII, 253.

<sup>44</sup> A partir de 1882, a Tipografia Pontificia e Arquiepiscopal de Módena publicou vinte e três volumes, os últimos dos quais, póstumos, das *Obras do Pe. Secondo Franco revistas e aumentadas pelo autor*.

a Congregação a minha alegria... Tende a certeza de que, em qualquer coisa em que eu e os meus confrades, em cujo nome também digo expressamente estas coisas, pudermos ajudar em algum problema, sempre podeis contar conosco.<sup>45</sup>

A resposta de Dom Bosco revela sua estima e a cordialidade das relações instauradas com a Companhia de Jesus. Escreve o Pe. Barberis:

Nesse momento, Dom Bosco tomou a palavra para agradecer de sua parte e da parte de toda a Congregação ao padre e à Companhia de Jesus. Nós nascemos ontem e por isso não temos experiência; muitas vezes já recorremos aos padres da Companhia para receber ajuda e conselhos; agora, vendo tanta bondade, iremos recorrer com ainda maior frequência e certamente acontecerá que teremos de incomodá-lo. Nós e toda a nossa Congregação sempre olharemos para vós como modelos de vida religiosa, e nos consideraremos como irmãos menores e servos prontos a tudo o que em nossa pequenez pudermos fazer para executar vossas ordens. Esperemos que, assim unidos, busquemos com mais proveito a maior glória de Deus.<sup>46</sup>

O outro jesuíta presente a este primeiro Capítulo Geral foi o Pe. João Batista Rostagno, também ele de Turim e coetâneo do

---

<sup>45</sup> Esta intervenção se encontra nas páginas 77-78 do primeiro dos cadernos verdes do Pe. Barberis, in ACS D 578.

<sup>46</sup> Loc. cit. O Pe. Secondo Franco foi convidado diversas vezes a pregar no Oratório (cf. MB VIII, 623; X, 1170; XII, 181). Alguns dos escritos do Pe. Franco foram publicados a partir de 1869 pela tipografia do Oratório na coleção das *Leituras Católicas* (cf. MB IX, 760; X, 206.398). Dom Bosco já outras vezes pedira-lhe conselhos em diversas circunstâncias (cf. MB XI, 161; XII, 508), como ele mesmo testemunha no primeiro Capítulo Geral.

Pe. Franco; professor de direito canônico na universidade de Lovaina na Bélgica, e de Verfeil na França, foi consultado por Dom Bosco particularmente quanto aos aspectos jurídicos.<sup>47</sup>

## **Outros influxos da espiritualidade inaciana**

Diversos outros elementos de contato emergem do confronto com a espiritualidade da Companhia de Jesus. Resumimos brevemente os principais:

– *S. Luís Gonzaga, patrono da Sociedade de S. Francisco de Sales*

Nos *Seis domingos e a novena de S. Luís Gonzaga com um aceno a respeito da vida do Santo*, de 1846, lemos a admiração de Dom Bosco, então com pouco mais de trinta anos, por aquele santo jovem que nutria tão grande ternura por Jesus Sacramentado. “Passava várias horas por dia diante do altar do Santíssimo Sacramento. Empregava três dias preparando a santa comunhão e três para fazer a ação de graças. Ao receber a Sagrada Hóstia se desfazia em lágrimas e delíquios, a ponto de muitas vezes não ter forças para levantar-se do chão”.<sup>48</sup>

As *Companhias* representam um dos instrumentos mais característicos da pedagogia espiritual de Dom Bosco. A primeira a surgir, já em 1847, será dedicada a S. Luís Gonzaga e rapidamente

<sup>47</sup> Cf. C. SOMMERVOGEL, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, VII. Bruxelas 1894, 189.

<sup>48</sup> G. BOSCO, *Os seis domingos e a novena de S. Luís Gonzaga com um aceno a respeito da vida do Santo*. Turim 1846, 28.

te acolherá a maior parte dos jovens. A partir de 1855 nascerão, com identidade e destinatários diversos, a *Companhia da Imaculada*, do *Santíssimo Sacramento* e de *S. José*.

S. Luís, este jovem modelo, constantemente apresentado aos jovens e patrono da Congregação Salesiana até 1947, distingue-se pelo seu espírito de oração e pelas suas longas orações. “Desde a idade dos sete anos – escreve Dom Bosco na segunda edição de 1854 – começou a ter suas horas determinadas para a oração; e era tão exato em observá-las que, numa febre quartã de dezoito meses que muito o debilitou, jamais omitiu o horário estabelecido [...]. Desde o berço teve quase sempre um elevadíssimo dom da oração; o Espírito Santo foi seu grande mestre”.

– *A função do “rendiconto” na vida religiosa “bosquiana”*

Pe. Pedro Brocardo definiu o “rendiconto” como “um dado carismático irrenunciável”<sup>49</sup> da concepção da vida religiosa nas origens da Sociedade Salesiana, denunciando, com gentileza, os que, muito simplisticamente, justificam seu abandono na prática.

No seu livro *Amadurecer em diálogo fraterno* demonstrou amplamente a dependência da concepção “bosquiana” do “rendiconto” da que emerge das *Constituições da Companhia de Jesus*. Da natureza e dos conteúdos do “rendiconto” brota a própria concepção “de uma vida religiosa onde a função do superior e a *confiança* que ele estabelece com cada um dos irmãos, é sempre o melhor recurso para construir a comunhão, garantir a qualidade da vida espiritual de cada um e de tornar mais eficaz a missão apostólica. No número 93 das *Constituições da Companhia de Jesus*, compostas por S. Inácio de Loyola, lemos:

---

<sup>49</sup> Cf. P. BROCARDO, *Maturare in dialogo fraterno*. Roma 1999, 210.

É muito importante, aliás, importantíssimo, que o superior conheça a fundo as inclinações e os movimentos da alma, como também os defeitos e os pecados para os quais se sentiram ou se sentem mais levados ou inclinados os que estão sob a sua responsabilidade. Dessa forma, poderá encaminhá-los melhor, com conhecimento de causa, sem expô-los acima das próprias forças a perigos ou fadigas maiores do que as que poderiam suportar com suavidade em Nosso Senhor. Por último, embora guardando o segredo de tudo o que ouve, o superior poderá ordenar melhor e dispor de maneira mais conveniente o que convém a todo o corpo da Companhia.

– “*Ad maiorem Dei gloriam*”

Como sabemos, a expressão representa uma espécie de síntese da espiritualidade inaciana, a que brota do princípio e do fundamento dos exercícios espirituais. É a conhecida questão do *magis*.

O *magis* a que se refere Inácio se enraíza no ideal de cavalaria da sua época e da anterior; não basta buscar a glória de Deus, mas é preciso escolher o *magis*, o melhor modo possível. O acrônimo A.M.D.G., além de aparecer, como vimos, na primeira fórmula de profissão da Sociedade, assinala a maior parte dos primeiros documentos oficiais, em particular os relativos aos primeiros Capítulos Gerais. Às vezes a expressão *Ad maiorem Dei gloriam* é completada pela expressão *et Salesianae Societatis incrementum*.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> A título de exemplo, vejam-se FnB 1853 A 1; 1853 A 4; 1859 A 7; 1868 A 4.

– *O texto para a meditação*

Uma das questões debatidas durante o primeiro Capítulo Geral da Congregação Salesiana (1877) foi a do *texto para a meditação dos principiantes*. A ata do Pe. Barberis, na versão definitiva, afirma:

Perguntou-se em seguida que livro seria o mais apto para os principiantes fazerem meditação. Para os demais existe o do Da Ponte e pode-se continuar com ele, dada a grande quantidade de matéria que ele contém; chegando ao fim pode-se começar de novo, até mesmo diversas vezes... Falando do Da Ponte, fizeram-se os elogios mais entusiastas. Recomenda-se particularmente a introdução; introdução que deveria ser lida cem vezes e até mesmo aprendida de cor, pois vale ouro. Quem segue com atenção o que nela se diz terá grande facilidade em fazer a meditação; mas é preciso ter paciência; os principiantes devem ser bem orientados para isso; é preciso fazer com que todos tenham o livro na mão e aprendam a meditar segundo esse método.<sup>51</sup>

Esse Da Ponte não é mais ninguém do que o jesuíta espanhol Pe. Luís de la Puente (1554-1624). Seu livro, muito difundido, *Meditaciones de los misterios de nuestra santa fe, con la práctica de la oración mental sobre ellos*, foi publicado pela primeira vez em Valladolid em 1605.<sup>52</sup> A citada introdução, “que deveria ser lida cem vezes e aprendida de cor, pois vale ouro”, ocupa trinta e seis densas páginas na edição publicada pela Marietti em

<sup>51</sup> ACS D 578, 116-117.

<sup>52</sup> Cf. J. SIMON DIAZ, *Jesuitas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*. Madri 1975, 309.

Turim, em 1875. Trata-se de um verdadeiro e próprio tratado sobre a oração mental segundo o método de S. Inácio. Outro texto usado para a meditação dos salesianos, inclusive na primeira metade do século seguinte, é *O exercício de perfeição e de virtudes cristãs*, do jesuíta Pe. Afonso Rodríguez (1531-1617).

– *O Exercício da Boa Morte*

Desde a primeira regulamentação das *práticas de piedade*, no *Autógrafo Rua*, de 1858, Dom Bosco prescreve o exercício mensal da *boa morte*. De fato, ali podemos ler: “O último dia de cada mês será dia de retiro espiritual; cada um fará o exercício da boa morte pondo em ordem suas coisas espirituais e temporais como se devesse abandonar o mundo e encaminhar-se para a eternidade”;<sup>53</sup> este artigo permanecerá substancialmente intocado até a aprovação definitiva das Constituições.

Pe. Stella informa-nos:

O exercício da boa morte é uma florescência dos exercícios espirituais de S. Inácio. Pe. Croiset, promotor do retiro mensal na França, argumentava que muitos tinham condições de encontrar um dia por mês a fim de passá-lo na tranquilidade espiritual, ao passo que não dispunham de diversos dias seguidos para fazer um curso inteiro de exercícios espirituais. No início do século XVIII, promotor do pio exercício da boa morte em Turim foi o jesuíta José Antônio Bordoni... O mesmo Bordoni fundou em 1719 uma *Companhia da Boa Morte* na igreja dos Santos Mártires, mantida pelos jesuítas.<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Cf. G. BOSCO, *Costituzioni...*, cit.,186.

<sup>54</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, cit., 339.

– *O mês de maio*

Publicado por Dom Bosco pela primeira vez em 1858, *O mês de maio consagrado a Maria Santíssima Imaculada para uso do povo* conheceu doze edições até 1885. Finalidade principal do livro é a difusão da prática popular introduzida na Itália pelo jesuíta Aníbal Dionisi, no início do século XVIII. Para cada dia do mês, Dom Bosco oferece clássicas meditações subdivididas em três pontos, que se encerram com um exemplo, uma jaculatória e uma oração à Virgem Maria.

Os temas dessas meditações, ao contrário do que se poderia esperar, não são marianos, com exceção dos dois últimos; na verdade, trata-se de reflexões de ordem dogmática ou moral, que retomam os temas mais comuns da pregação dos *exercícios espirituais*:<sup>55</sup> Deus criador, a alma, a Igreja, a fé, os sacramentos, a salvação da alma, os *novísimos*, a missa, a pureza... O décimo segundo dia é dedicado à meditação sobre o *fim do homem*, tema que é considerado *princípio e fundamento* dos exercícios espirituais de S. Inácio.

## **Os exercícios espirituais dos salesianos**

Um dos principais assuntos debatidos durante o terceiro Capítulo Geral, celebrado em Lanzo em 1883, foi a questão do *Regulamento dos exercícios espirituais nas casas da Pia Sociedade de S. Francisco de Sales*; a redação definitiva do regulamento foi confiada ao Pe. Miguel Rua.

---

<sup>55</sup> Em particular, trata-se de alguns dos temas característicos da primeira semana no esquema dos exercícios espirituais inicianos.

O texto compõe-se de treze grandes páginas manuscritas e contém numerosas correções do próprio Dom Bosco.<sup>56</sup> O regulamento, detalhado e minucioso em todas as suas partes, em seu conteúdo retoma o mesmo do santuário de S. Inácio no alto de Lanzo; aliás, também o Pe. Rua fora um dos frequentadores do santuário.

Quando em 1874 foi aprovado o texto definitivo das Constituições, os dias de exercícios espirituais prescritos são *dez ou pelo menos seis*; haverá silêncio durante todo o período do retiro “menos no recreio depois do almoço e do jantar”.<sup>57</sup>

A esse respeito, lê-se na ata do terceiro Capítulo Geral: “Discutiu-se se é conveniente determinar silêncio absoluto após o café da manhã – (sobreviveu longamente a tradição que permitia falar em voz baixa) – ou se se deve permitir um recreio moderado. O Capítulo decidiu continuar como antes, com 17 votos favoráveis e 15 contrários”.

Dom Bosco, porém, descontente, repropôs ao Capítulo Superior a adoção do modelo inaciano, com o silêncio durante o dia inteiro.

Pe. Brocardo nos informa:

Houve um tempo em que na Congregação se discutiu se, durante os exercícios espirituais, se devia ou não abolir o recreio moderado após o almoço e o jantar. O Capítulo, presidido por Dom Bosco, avaliou os prós e os contras e decidiu-se votar. Seis se pronunciaram para manter a situação, um voto foi para introduzir o silêncio completo.

<sup>56</sup> Cf. ACS D 579.

<sup>57</sup> Cf. MB XVI, 413ss. O regulamento foi discutido e aprovado durante o terceiro Capítulo Geral da Congregação e substancialmente ficará em vigor por mais de setenta anos.

O Pe. Ceria comenta: pensava-se que este voto tivesse sido dado pelo Pe. Rua, mas numa carta do Pe. Cartier, que descobri nos arquivos, lê-se: O Pe. Rua disse-me que o voto pelo silêncio total foi de Dom Bosco.<sup>58</sup>

## **Documento: A meditação inaciana no primeiro noviciado**

A partir de 1874, com a aprovação das Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales, iniciou-se o noviciado canônico; antes daquele ano, o cuidado particular dos “inscritos” na Pia Sociedade era confiado ao Pe. Rua.<sup>59</sup> No dia 7 de novembro de 1874 foi eleito mestre dos noviços o Pe. Júlio Barberis, circunstância confirmada por uma nota autógrafa do próprio Barberis.<sup>60</sup> Nos arquivos da Casa Geral conservam-se os cadernos das conferências aos noviços que o jovem mestre, muito diligente, preparava por escrito. O primeiro desses cadernos é relativo ao ano de 1875-1876; na primeira página está escrito: *Conferências*, com o subtítulo: *Feitas aos inscritos da Congregação Salesiana – ano de 1875-1876*. Em seguida, vem a data da primeira conferência, que é 15 de novembro. Essa conferência, que ocupa nove densas páginas do caderno, é dedicada à meditação e ao *modo de fazê-la bem*.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> P. BROCARDI, *Gli Esercizi Spirituali nell'esperienza di Don Bosco e della vita salesiana*, in P. BROCARDI-I. CAPITANIO (eds.), *Il rinnovamento degli Esercizi Spirituali. Simposio salesiano europeo*. Turim-Leumann 1975, 42.

<sup>59</sup> MB X, 1266.

<sup>60</sup> Cf. ACS B 506.01.01.

<sup>61</sup> ACS A 000.02.05.

Por um confronto com os exercícios espirituais de S. Inácio [...] ou com um manual de meditação inaciana,<sup>62</sup> é fácil verificar a correspondência exata do método, que envolve a inteligência, a memória e a vontade, além da imaginação; há somente uma pequena referência isolada feita respectivamente a S. Afonso e a S. Francisco de Sales. Nas atas do primeiro Capítulo Geral da Sociedade, de 1877, a questão do texto a se usar para a meditação dos principiantes refere-se de forma explícita, como dissemos, à longa introdução das *Meditações* do padre jesuíta Luís de la Puente.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Veja-se, por exemplo, G. LERCARO, *Metodi di orazione mentale*. Milão 1969, 353-354.

<sup>63</sup> N. do T.: Cf. G. BUCCELLATO, *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. LEV, Roma 2013, 38- 43.

## CAPÍTULO II

### O NOVO S. FELIPE NERI

#### **Dom Bosco nas pegadas do grande educador florentino**

A Congregação do Oratório foi instituída por S. Felipe Neri, nascido em Florença. Indo a Roma para estudar, sentiu vivo desejo de ir para as missões estrangeiras e obter a palma do martírio. Deus, porém, lhe fez compreender que o lugar de sua missão era a própria Roma; por isso, começou a exercer todo tipo de caridade para com os mendigos, enfermos e necessitados de toda espécie. Percorria as praças, as periferias a fim de recolher particularmente os meninos abandonados, que reunia em algum lugar, onde, com palavras espirituosas e brincadeiras inocentes, mantinha-os longe da corrupção do mundo e os instrua nas verdades da fé.<sup>64</sup>

Dom Bosco escreve esta página da sua *História Eclesiástica* em 1845. Com razão podemos supor que, enquanto narra “o vivo desejo de ir para as missões estrangeiras” de Felipe Neri, nele é ainda viva a lembrança do convincente discernimento do seu diretor espiritual. De fato, também ele, pouco tempo antes, no fim do terceiro ano no Colégio Eclesiástico, desejara ardentemente ir para as missões com os oblatos de Maria Virgem, mas

---

<sup>64</sup> G. BOSCO, *Storia ecclesiastica ad uso delle scuole utile per ogni ceto di persone*. Turim 1845, 313-314.

o Pe. Cafasso decididamente dissuadira-o. Assim refere o episódio o Pe. Lemoine, no segundo volume das *Memórias Biográficas*:<sup>65</sup>

O pensamento de ser missionário nunca o abandonava. Sentia forte inclinação para levar a luz do Evangelho aos infieis e aos selvagens. Também lá haveria de encontrar milhares e milhares de meninos. Entusiasmava-o o fato de os oblatos de Maria Virgem em 1839 terem penetrado no reino de Ava e Pegu,<sup>66</sup> pregando a verdadeira religião; em 1842 essa missão fora confiada inteiramente a eles, nomeando um bispo da própria Congregação, colhendo copiosos frutos em seu ministério apostólico. Pe. Cafasso, a quem não fugia a mínima atitude, deixou-o estudar francês e elementos de espanhol; quando, porém, viu que começava a tomar em mãos também a gramática inglesa, sem cerimônias, disse-lhe: Vós não deveis ir para as missões!<sup>67</sup>

Que Dom Bosco sentisse particular afinidade com um santo que “percorria as praças e as periferias, recolhendo os meninos abandonados” para instruí-los “nas verdades da fé”, é coisa bastante óbvia; seu panegírico de S. Felipe Neri revela-nos, como veremos, a estima que Dom Bosco nutria pelo zelo sacerdotal de Felipe e seu empenho na salvação da juventude; mas, na experiência humana e espiritual de Dom Bosco, a que tempo de sua vida podemos atribuir o conhecimento deste apóstolo da juventude romana de 1600?

---

<sup>65</sup> O episódio é também narrado na “*Cronichetta*” do Pe. Júlio Barberis (cf. ACS A 003.01.01,15.17) e por um dos primeiros biógrafos do Pe. Cafasso, Di Robilant, in *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II. Turim 1912, 216.

<sup>66</sup> N. do T.: Localidades situadas na Birmânia.

<sup>67</sup> MB II, 203-204.

Uma boa hipótese poderia referir-se aos anos do seminário de Chieri (1835-1841). De fato, o edifício onde surgiu o seminário era um antigo convento dos religiosos de S. Felipe Neri; a igreja fora dedicada a ele no dia 29 de junho de 1681.<sup>68</sup> Depois da supressão da Congregação do Oratório, no início do século XIX os locais do antigo convento foram requisitados pelo município de Chieri. Em 1828, graças a um decreto régio, o edifício foi entregue ao arcebispo de Turim para a educação do jovem clero.

Dom Bosco, nas *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales*, a propósito das práticas de piedade, escreve:

A confissão era obrigatória cada quinze dias; mas quem quisesse podia confessar-se todos os sábados. Todavia, só se podia fazer a comunhão aos domingos ou em solenidades especiais. Algumas vezes fazia-se durante a semana, mas para isso era necessário procurar um subterfúgio. Devia-se escolher a hora do café, ir meio às escondidas à vizinha igreja de S. Felipe, fazer a comunhão, e depois voltar para juntar-se aos colegas na hora em que iam para o estudo ou para a aula. Essa infração do horário era proibida; mas os superiores davam um consentimento tácito, porque sabiam e, às vezes, viam e não diziam nada em contrário. Dessa maneira, pude receber frequentemente a santa comunhão, que posso chamar com razão o alimento mais eficaz da minha vocação.<sup>69</sup>

“Era raro encontrar quem encorajasse os seminaristas à frequência dos sacramentos”, ele escrevera pouco antes, a propósito

---

<sup>68</sup> Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996, 81.

<sup>69</sup> MO 94-95.

dos bons conselhos recebidos do seu confessor daqueles anos, o Teól. Maloria, cônego da colegiada de Chieri. Esta indicação, assim como o espírito que animava a Sociedade da Alegria, conduz-nos a alguns elementos fundamentais da espiritualidade e dos ensinamentos de S. Felipe Neri; todavia, neste caso, em que medida o influxo do santo de Florença foi “direto” não nos é dado saber.

O que sabemos com certeza é que Felipe Neri, no sentir de Dom Bosco, era um santo especial: “Há também alguns – ele escreve no seu panegírico a respeito da numerosa falange de santos – que, feitos segundo o coração de Deus, trazem em si tão grande conjunto de virtudes, de ciência, de coragem e de atos heroicos, que mostram de forma sublime quão maravilhoso seja Deus nos seus santos”.

Pe. Pietro Stella garante-nos que na pequena biblioteca pessoal de Dom Bosco havia uma vida de S. Felipe Neri, da autoria de Bacci.<sup>70</sup> Uma pequena urna de cristal, presente da esposa do embaixador de Portugal nos primeiros anos do Oratório, com uma estatueta de cera de S. Felipe Neri revestida com os paramentos sagrados, se encontrava no quarto que fora de Dom Bosco, no tempo em que Pe. Lemoyne escrevia o segundo volume das *Memórias Biográficas*.<sup>71</sup> Estes e outros elementos testemunham-nos uma particular predileção de Dom Bosco.

---

<sup>70</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I. Roma 1979, 240.

<sup>71</sup> MB II, 171.

## Conselhos e lembranças de S. Felipe Neri

Alguns conselhos S. Felipe Neri são constantemente repetidos por Dom Bosco no seu trabalho de educação para a fé.

No primeiro *Regulamento do Oratório de S. Francisco de Sales* de 1847, no contexto das “normas práticas para aproximar-se dignamente das fontes da graça, confissão e comunhão”, ele escreve: “Eu aconselho todos os jovens do Oratório a fazer o que diz o *Catecismo da Diocese*, isto é: convém confessar-se cada quinze dias ou uma vez por mês. S. Felipe Neri, grande amigo da juventude, aconselhava seus filhos espirituais a se confessarem cada oito dias e a comungarem ainda mais vezes, de acordo com o conselho do confessor”.<sup>72</sup> No mesmo ano, em *O jovem instruído*, escreve: “Mas (dirão alguns), se começarmos agora a servir ao Senhor, viveremos tristes. Não é verdade; será triste somente o jovem que servir ao demônio; tal jovem, por mais que se esforce para se mostrar alegre, terá sempre um coração que chora, dizendo-lhe: tu és infeliz porque és inimigo de Deus. Quem era mais afável e mais jovial do que S. Luís Gonzaga? Quem era mais divertido e mais alegre do que S. Felipe Neri? Entretanto, a sua vida foi uma contínua prática de todas as virtudes”.<sup>73</sup>

Em dezembro de 1849, no final de um curso de exercícios espirituais para os jovens na igreja da Confraria da Misericórdia, Dom Bosco distribuiu um folheto, que depois será divulgado também no Oratório, com alguns *Avisos da máxima importância*. O quarto aviso diz: “Escolhei um confessor da vossa confiança, frequentai os sacramentos da confissão e da comunhão. S. Felipe

---

<sup>72</sup> MB III, 163.9.

<sup>73</sup> G. BOSCO, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà*. Turim 1847,12.

Neri, grande amigo dos jovens, exortava os jovens a se confessarem cada oito dias e a comungarem até mais vezes, de acordo com a orientação do confessor”.

Em 1858, na coleção das *Leituras Católicas*, Dom Bosco publica o *Vade-mécum cristão*, uma espécie de “manual” para os fiéis de todas as idades: este texto teve também uma segunda edição em 1878.

Trata-se de verdadeiro e próprio *vade-mécum* para obter a salvação eterna, uma antologia de conselhos e avisos que, como afirma o próprio autor na introdução, foram extraídos da Sagrada Escritura, dos santos padres, de S. Carlos Borromeu, S. Vicente de Paulo, S. Felipe Neri e do B. Sebastião Valfrè, religioso da Congregação do Oratório.

Pela metade do livrinho, Dom Bosco apresenta a sua versão de uma série de conselhos de Felipe Neri,<sup>74</sup> sob o título de *Lembranças de ordem geral de S. Felipe Neri à juventude*.

1. Felizes sois vós, jovens, que tendes tempo para fazer o bem.
2. Filhos, eu quero que estejais sempre alegres: não quero escrúpulos, nem melancolia; a mim me basta que não cometais pecados.

---

<sup>74</sup> A versão mais antiga é provavelmente a publicada pelo primeiro litógrafo de S. Felipe Neri em 1601, poucos anos depois da sua morte. Trata-se de um elenco de trinta e oito conselhos, dezessete dos quais são referidos fielmente “por Dom Bosco (cf. A. GALLONIO, *Vita del Beato P. Filippo Neri, fiorentino, fondatore della Congregazione dell’Oratorio, scritta e ordinata per anni*. Roma 1601, 278-279). Não sabemos qual foi a fonte de Dom Bosco; essas lembranças para a juventude, de fato, se encontram em muitas obras publicadas no Piemonte naqueles mesmos anos (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma 1981, II, 36-37, nota 21).

3. Fugi da alegria imoderada, porque ela destrói o pouco de bem que se realizou.
4. Não se devem abandonar os exercícios espirituais de devoção só porque se quer passear; primeiro cumpram-se os deveres religiosos, depois vai-se passear.
5. Filhos, mortificai-vos nas coisas pequenas para depois poderdes mortificar-vos nas grandes.
6. Evitai nutrir delicadamente o corpo; fugi dos maus companheiros e das más conversas.
7. Não ponhais as mãos sobre os colegas, nem mesmo por brincadeira; nem fiqueis conversando com um companheiro, sozinhos; no recreio, procurai divertir-vos com quem podeis aprender alguma coisa que seja útil.
8. Aproximai-vos com frequência dos santos sacramentos da confissão e da comunhão, e vencereis todas as astúcias do demônio.
9. Buscai um confessor estável; abri-lhe com sinceridade a vossa consciência; segui seus conselhos e fareis a vontade de Deus.
10. Sede devotos de Maria Santíssima, porque este é o melhor meio para obter a graça de Deus; mas, se quiserdes agradar-lhe de verdade, fugi do pecado.
11. Em tudo e por tudo, entregai-vos aos vossos superiores, porque a obediência é o caminho mais seguro para alcançar a perfeição.
12. Pedi continuamente a Deus que vos conceda o dom da perseverança.

13. Procurai ter sempre Deus diante de vossos olhos.
14. Nunca vos desculpeis quando fordes corrigidos, e tomai cuidado para não dizer nada em vosso próprio louvor, nem mesmo por brincadeira.
15. Se quiserdes conservar a caridade, não ridicularizeis os defeitos naturais do próximo.
16. Sede humildes, modestos; por mais que sejais felizes, inteligentes, saudáveis, honrados, ricos, será preciso... tereis que morrer e abandonar tudo.
17. Filhos, lede com frequência as vidas dos santos; ouvi a palavra de Deus. Participai da oração e dos outros exercícios espirituais de piedade porque agradam muito a Deus.<sup>75</sup>

É no chamado *Pequeno tratado sobre o sistema preventivo*, de 1877, que encontramos talvez o influxo mais característico e precioso da espiritualidade de Felipe Neri na vida do *Oratório de S. Francisco de Sales*:

Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. A ginástica, a música, a declamação, o teatro, os passeios são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as conversas, não sejam repreensíveis. Fazei quanto quiserdes, dizia o grande amigo da juventude, S. Felipe Neri, a mim me basta que não cometais pecados.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> G. BOSCO, *Porta teco cristiano ovvero avvisi importanti intorno ai doveri del cristiano acciocché ciascuno possa conseguire la propria salvezza nello stato in cui si trova*. Turim 1858, 33-35.

<sup>76</sup> MB IV, 549.

A análise destas e de outras citações análogas restitui-nos de modo evidente alguns traços característicos da pedagogia e da pastoral de Dom Bosco. Além das repetidas admoestações quanto à importância de ter um confessor estável e de aproximar-se dos sacramentos da confissão e da comunhão com confiança, constância e regularidade, o traço comum mais característico que emerge é a concepção de uma vida cristã *alegre*, onde o importante é cumprir o próprio dever e divertir-se, ficando longe do pecado. “S. Felipe Neri – repetia Dom Bosco – ensinava que a melancolia era o oitavo pecado capital”.<sup>77</sup>

Escreveu o Pe. Pietro Stella:

Sem dúvida, Dom Bosco estava persuadido de que religião e alegria não se contrapõem. Provavelmente também ele tinha a íntima persuasão do que a utilíssima sentença de S. Felipe Neri transmite: Filhos, eu quero que estejais sempre alegres: não quero escrúpulos, nem melancolia; a mim me basta que não cometais pecados. Também em Dom Bosco, melancolia e alegria são justapostas e contrapostas.<sup>78</sup>

Quanto à “ideia”, pelo menos terminológica, de oratório, é evidente a dependência de Dom Bosco, embora as duas instituições possuam modalidades e características próprias. Na realidade, na segunda metade do século XIX, o modelo de oratório recebeu forte impulso em todo o Norte da Itália, particularmente na Lombardia.<sup>79</sup> O próprio Oratório do Anjo da Guarda, fundado pelo Pe. Cocchi em 1840 e depois, a partir de 1852, confiado a

---

<sup>77</sup> MB VI, 425.

<sup>78</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, cit., 189.

<sup>79</sup> Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 109.

Dom Bosco, testemunha o nascimento e o desenvolvimento de iniciativas semelhantes em favor da juventude exposta a perigos.

## **A castidade, principal virtude de um religioso**

Já na primeira edição da *História Eclesiástica* de 1845, a vida exemplar de Felipe Neri é apontada para a imitação do leitor: “Vigilante guarda da virgindade ilibada – escreve Dom Bosco –, só pelo olfato já sabia quem estava ornado desta virtude e quem estava manchado pelo vício oposto”.<sup>80</sup>

Os ensinamentos do santo florentino serão repetidos com frequência aos jovens e aos salesianos. Num bilhete de Dom Bosco a Miguel Magone, segundo narra o próprio autor do *Perfil biográfico do jovem Miguel Magone, aluno do Oratório de São Francisco de Sales*, estão escritas cinco lembranças que S. Felipe Neri dava aos jovens para conservar a virtude da pureza. “Fuga das más companhias; não nutrir delicadamente o corpo; fuga do ócio; oração frequente; frequência dos sacramentos, especialmente da confissão”.<sup>81</sup>

Esta instrução será retomada e notavelmente ampliada muitos anos depois na conferência sobre a castidade de 1878, reproduzida por inteiro pelo Pe. Júlio Barberis e, em seguida, anexada às *Memórias Biográficas*. Informa-nos Pe. Lemoyne: “Na igreja de S. Francisco de Sales, no dia da Ascensão, houve uma conferência para todos os professores, os inscritos e os aspirantes do Oratório, após cinco dos presentes terem emitido os votos”.<sup>82</sup>

<sup>80</sup> G. BOSCO, *Storia ecclesiastica...*, cit., 314.

<sup>81</sup> G. BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim 1861, 43.

<sup>82</sup> MB XIII, 799.

Naquela oportunidade, Dom Bosco retoma os conselhos de S. Felipe Neri e comenta-os longamente; o texto ocupa quase nove páginas do IX volume das *Memórias Biográficas*.

Tomaremos como mestre – lê-se na introdução – o grande santo cuja festa nós celebramos há poucos dias, S. Felipe Neri. Perguntando-lhe qual era a virtude principal para um religioso, com a qual estavam conexas as demais virtudes, respondeu: Conservar a castidade. Conservando esta virtude, ela terá por companhia também as outras. Mediante a castidade, o religioso alcança seu objetivo de se consagrar totalmente a Deus. Mas, como conservar a castidade? S. Felipe aconselhava cinco meios: três negativos e dois positivos. É o que nesta noite procurarei desenvolver brevemente.<sup>83</sup>

A casa de Lanzo, onde ocorreu esta conferência, se intitulava a Felipe Neri; ali se celebrava com solenidade todos os anos sua memória litúrgica no dia 30 de maio.<sup>84</sup> Aberta em 1864, foi uma das casas mais importantes da Sociedade; ali se celebraram os primeiros Capítulos Gerais e, a partir de 1870 em diante, os exercícios espirituais anuais.

Mais do que resumir a longa conferência de Dom Bosco, tentemos ler algumas passagens, seguindo o esquema dos *cinco meios para conservar a castidade*.

*1. Fugi das más companhias:* Ah, fugi, fugi dos maus companheiros! Frequentai os bons, aqueles que de boa mente visitam o Santíssimo Sacramento e encorajam para o bem. O nosso afeto trate os companheiros de for-

---

<sup>83</sup> Ibidem, 799.

<sup>84</sup> Cf. MB IX, 651.

ma igual, com a mesma caridade. Evitem-se os que falam mal, os murmuradores, os que fogem das práticas de piedade, os que querem ter amizades exclusivas. Tomando essas precauções, será muito difícil ao demônio, para não dizer impossível, roubar-nos a virtude da castidade.<sup>85</sup>

2. *Fuga do ócio*: Procuremos estar sempre muito ocupados: é lícito, não somente ler e estudar, mas também cantar, rir, pular; mas, pelo amor de Deus, o demônio nos encontre sempre ocupados porque *multam malitiam docuit otiositas*. Trabalhemos com todas as nossas forças no campo do Senhor, ajudemo-nos uns aos outros, anime-mo-nos com santo entusiasmo no serviço a Deus, arme-mo-nos de grande ardor em promover a sua glória, de um vivo zelo em buscar todos os meios, e em enfrentar todos os sacrifícios para a salvação das almas: o demônio, encontrando-nos sempre ocupados, não poderá fazer-nos mal. Também no tempo do recreio estejamos atentos em não ficar desocupados; nessa hora, se somos assistentes, cumpramos o nosso dever: cuidar dos jovens, organizar seus jogos, tomar parte neles, observar para que ninguém se afaste do pátio.<sup>86</sup>

3. *Não nutrir delicadamente o corpo*: Dizia um santo diretor de almas que o corpo deve ajudar a alma a fazer o bem e deve servi-la. A alma é a dona do corpo. O nosso corpo deve ser considerado como um jumento que tem a obrigação de carregar a alma, porque cabe ao dono ir a cavalo. Ai de nós, se o dono deixa muita liberdade para o seu jumento! Quando se nutre o corpo bem demais, ele pretende mandar, a gente acaba satisfazendo-o no que ele pede, e a alma fica por baixo: seria o mesmo que obrigar o dono

---

<sup>85</sup> MB XIII, 800.

<sup>86</sup> Ibidem, 801-802.

a carregar o animal nas costas. O corpo, nesse caso, não serve mais como ajuda, mas se torna um impedimento.<sup>87</sup>

*4. Oração frequente:* Com esta palavra entendo referir-me a todo tipo de oração, tanto mental quanto vocal, jaculatórias, pregações, leituras espirituais. Quem reza, certamente vence toda espécie de tentação, por mais forte e vigorosa que seja; quem não reza está em perigo próximo de cair. Devemos estimar muito a oração! Ela é como uma arma que devemos ter sempre pronta para defender-nos na hora do perigo. Eu recomendo esta oração especialmente à noite quando nos vamos deitar.<sup>88</sup>

*5. Frequência dos sacramentos, especialmente da confissão:* A última recomendação que vos faço com insistência é a frequência dos santos sacramentos. Aqui não é preciso falar muito, porque as nossas Regras determinam a frequência. Eu só recomendo que façais muitas comunhões e que todas sejam muito fervorosas, isto é, com devoção e recolhimento. Quanto à confissão, porém, tenho uma sugestão a fazer: pelos frutos se conhece se a árvore é boa ou má; assim também, pelos frutos da nossa vida pode-se conhecer a natureza das nossas confissões.<sup>89</sup>

## **O panegírico de S. Felipe Neri**

Em 1868, com a idade de quase 53 anos, Dom Bosco foi a Alba por ocasião de uma festa dos padres daquela diocese; acolheu-o o bispo, D. Galletti, que muito o estimava.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> Ibidem, 802.

<sup>88</sup> Ibidem, 803.

<sup>89</sup> Ibidem, 804.

<sup>90</sup> Cf. MB IX, 212.

Para aquela ocasião preparou um panegírico sobre o fundador da Congregação do Oratório. Pe. Lemoyne nos diz que, redigido o sermão, não ficou satisfeito e o deu ao Pe. João Bonetti para que lesse e corrigisse. “O Pe. Bonetti não sugeriu nenhuma correção, mas o próprio Dom Bosco num segundo momento introduziu algumas modificações”.<sup>91</sup>

A solenidade da circunstância e os particulares destinatários do panegírico justificam o empenho com que Dom Bosco se dedicou à redação do texto. Definitivamente, ele nos revela o modelo ideal de sacerdote que Dom Bosco propõe a si mesmo e aos irmãos da diocese de Alba. Francis Desramaut escreveu:

Havia muito tempo que Dom Bosco olhava para este santo sacerdote educador que, de acordo com o parecer de um Papa seu contemporâneo, seria digno da púrpura cardinalícia pelos seus méritos e suas virtudes; entretanto, passara toda a sua vida divertindo-se com os jovens. Embora brincando com eles, vigiara com sabedoria sobre a educação dos seus corações. A paciência de Felipe no meio dos seus meninos interpelava Dom Bosco. Por mais que eles gritassem – dissera dele Montanari – nunca se queixava. – Padre Felipe, como conseguis suportar toda essa algazarra? – Ele respondia: – Eu até aceitaria que me quebrassem as costas com suas bordoadas, contanto que se tornem bons e virtuosos.<sup>92</sup>

O modelo ideal de sacerdote que Dom Bosco apresenta mais de vinte anos após sua saída do Colégio Eclesiástico provavelmente sofreu alguma evolução. O modelo do Colégio, que

---

<sup>91</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>92</sup> F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, cit., 656.

substancialmente era o mesmo que emergia no fim do Concílio de Trento, tendia a formar um eclesiástico reservado, até mesmo austero e afastado do mundo, embora amável no confessionário. O modelo que ele procura apresentar ao clero de Alba conjuga e harmoniza, de forma mais amadurecida, uma sólida vida de oração com uma atividade incansável a serviço das almas. “Eu me limitarei – diz o *Panegírico* – a oferecer-vos somente um aceno ao que é como o eixo em torno do qual se agrupam as demais virtudes: isto é, o zelo pela salvação das almas! Este é o zelo recomendado pelo Divino Salvador quando disse: Eu vim trazer fogo sobre a terra”.<sup>93</sup>

Desramaut avançou a hipótese de que Dom Bosco, no seu panegírico, inconscientemente acaba por descrever a si mesmo.

Com apoio na experiência do santo (Felipe Neri), este sermão descrevia sua interessante teoria do progresso no caminho da salvação e da santidade mediante a ação virtuosa a serviço de Deus e dos homens. Mais ou menos conscientemente, Dom Bosco, ao fazer o retrato de Felipe que descobre Roma três séculos antes (cerca de 1530), descreve a si mesmo em Turim em torno de 1841. Na figura do florentino Felipe Neri ele apresenta o ideal do apóstolo zeloso, que a virtude do zelo pelas almas havia transfigurado.<sup>94</sup>

E Dom Bosco continua interpelando seus ouvintes:

Aqueles meninos indisciplinados e ignorantes, que aos poucos eram instruídos no catecismo, pediam para se aproximar do sacramento da confissão e da comunhão

---

<sup>93</sup> MB IX, 215.

<sup>94</sup> F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, cit., 732-733.

[...]. Alguém dirá: Essas maravilhas operou-as Felipe porque era um santo. Eu digo diversamente: Felipe operou essas maravilhas porque era um sacerdote que correspondia ao espírito da sua vocação [...]. Quem de nós não pode reunir alguns meninos, dar-lhes um pouco de catecismo na própria casa ou na igreja e, se for preciso, até mesmo no canto de uma praça ou de uma rua, e lá instruí-los na fé, animá-los a se confessarem e, quando for preciso, ouvi-los em confissão?<sup>95</sup>

A hipótese de Desramaut acima referida nos parece estimulante e atendível e alimenta o desejo de reler com particular atenção essas páginas de Dom Bosco.

De que modo S. Felipe conseguiu “convencer aqueles meninos dissipados a praticar as coisas da Igreja”? O próprio Dom Bosco responde:

Imitando a doçura e a mansidão do Salvador, Felipe se aproximava deles com bons modos, cheio de carinho, a uns dava um doce, a outros uma medalha, um santinho, um livro e coisas semelhantes. Aos mais dissipados e ignorantes, que não tinham condições de apreciar os traços de benevolência paterna, preparava um alimento mais adaptado para eles: apenas podia tê-los perto de si, fazia com que lhe contassem suas historietas infantis, convidava-os a cantar, encenar teatrinhos, pular, a se divertir de todas as maneiras.

“Assim, Roma – escreve ainda Dom Bosco – viu um homem sozinho, sem títulos, sem meios e sem autoridade, armado uni-

---

<sup>95</sup> MB IX, 219.

camente da couraça da caridade, combater a fraude, o engano, os maus costumes e toda espécie de vícios, e tudo superar, tudo vencer; tanto assim que aqueles que a voz pública chamava de lobos rapaces, acabaram se tornando mansos cordeiros”.

Os reflexos do sonho dos nove anos parecem evidentes.

Dom Bosco conclui seu panegírico exortando seus ouvintes, sacerdotes: “Respeitáveis senhores, haverá alguma coisa neste servo fiel que não possa ser imitada por nós? Não, não há! [...]. Eclesiásticos, ponhamos mãos à obra. As almas estão em perigo e nós devemos salvá-las”.<sup>96</sup>

E para terminar, faz um pedido: “E vós, glorioso S. Felipe, dignai-vos interceder por mim, vosso indigno devoto, e por todos estes zelosos sacerdotes que tiveram a bondade de me escutar; e no fim da vida fazei-nos ouvir as consoladoras palavras: Salvaste almas? Salvaste a tua! *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*”.<sup>97</sup>

## **Dom Bosco, novo S. Felipe Neri**

Pe. Francisco Dalmazzo, no processo informativo diocesano para a causa de beatificação de Dom Bosco, testemunhou: “Eu andei pela França, pela Suíça, pela Inglaterra e por toda a Itália; em toda parte sempre ouvi falar de Dom Bosco como de um novo S. Vicente de Paulo, de um S. Felipe Neri”.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> Ibidem, 220.

<sup>97</sup> Ibidem, 221.

<sup>98</sup> O testemunho é referido por Pietro Stella, in *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, 485.

Um jornal de Vicência, *Il Berico*, no dia seguinte à sua primeira viagem à França, escreveu: “Ao falar-lhe, prova-se um grande desejo de estar sempre com ele e de ser um dos seus meninos. Algumas de suas expressões, algumas de suas palavras, que ele, como se diz, joga no ar, lembram S. Felipe Neri no meio dos seus filhos espirituais”.<sup>99</sup>

Os próprios salesianos das origens testemunham ter notado a grande afinidade espiritual e apostólica entre os dois santos. “No santuário de S. Inácio – escreve, por exemplo, Pe. Lemoyne – ficou duas semanas para ouvir as confissões da maior parte dos participantes dos exercícios espirituais, que viam nele, além dos dotes de excelente diretor espiritual, algo a mais do que observavam nos demais pios e doutos sacerdotes. Por exemplo, ao aconselhar normas e regras de vida cristã, especialmente aos que aspiravam a maior perfeição, parecia outro S. Felipe Neri”.<sup>100</sup>

## **Documento: O texto do panegírico de S. Felipe Neri**

No arquivo da Casa Geral em Roma conserva-se o manuscrito de Dom Bosco do *Panegírico de S. Felipe Neri*, repleto de acréscimos, chamadas, correções, e uma cópia de um amanuense, com algumas apostilas do próprio Dom Bosco (cf. ACS A 225.07.04). [...]. Trata-se de um texto precioso, escrito em idade madura, a ser lido com atenção; a experiência humana e apostólica de Dom Bosco constitui o “lugar hermenêutico” que nos permite apreciar estas páginas em toda a sua riqueza. A advertên-

---

<sup>99</sup> *Il Berico*, 23 de junho de 1883. O trecho é referido por F. Desramaut, in *Don Bosco en son temps*, cit., 1227.

<sup>100</sup> MB X, 176.

cia que o perpassa por completo (“*Que terrível situação para um sacerdote quando comparecer diante do Divino Juiz...!*”) chega diretamente ao coração da família religiosa por ele fundada. “Deveremos enfrentar fadigas, trabalhos, pobreza, desgostos, perseguições e também a morte? Faremos tudo isso de bom grado, porque vós (Felipe Neri) nos destes um admirável exemplo”.

O texto redigido por Dom Bosco, no seu conjunto, é uma luminosa antecipação e interpretação do *Da mihi animas, coe-tera tolle* que aparecerá, muitos anos mais tarde, no brasão da Sociedade Salesiana.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> N. do T.: Cf. G. BUCCELLATO, *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. LEV, Roma 2013, 60-68; MB IX, 213-221.



## CAPÍTULO III

### SINAIS PARTICULARES: A PAIXÃO PELAS ALMAS

#### **João Bosco e Francisco de Sales, pastores feitos sob medida para o rebanho**

Enquanto a heresia de Calvino e Lutero dava a impressão de ter triunfado no Chablais, por obra de um só homem ela teve que dobrar-se diante da derrota. Este homem foi S. Francisco de Sales, da Saboia. Impulsionado pela voz de Deus que o chamava a grandes coisas, usando somente as armas da doçura e da caridade, partiu para o Chablais. À vista das igrejas arruinadas, dos mosteiros destruídos, das cruzes jogadas ao chão, ele se acende de zelo e começa o seu apostolado... Difundindo-se a fama da sabedoria e da santidade de Francisco, contra sua própria vontade foi feito bispo de Genebra. Aqui redobrou seu zelo, não descuidou até mesmo o mais humilde ofício do seu ministério. Por fim, reverenciado pelo povo, honrado pelos príncipes, amado pelos sumos pontífices, respeitado pelos próprios hereges, entregou a Deus seu espírito puro e inocente em 1622, no quarto de um jardineiro, onde, por humildade, quis se hospedar.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> G. BOSCO, *Storia ecclesiastica ad uso delle scuole utile per ogni ceto di persone*. Turim 1845, 321-322.

Dom Bosco tem pouco mais de trinta anos quando publica este perfil do santo bispo de Genebra na *História Eclesiástica para o uso das escolas*.

O “título” da primeira obra de Dom Bosco em favor da juventude periclitante, o *Oratório de S. Francisco de Sales*, e o próprio nome dado à *Sociedade* fundada por ele em 1859 e *aos seus membros*, pareceriam suficientes para pôr o santo bispo de Genebra no lugar de honra entre os santos cujo influxo espiritual foi determinante na vida e na ação pastoral do santo piemontês.

Pietro Stella em 1986, num artigo de título certamente significativo: *Dom Bosco e S. Francisco de Sales: encontro fortuito ou identidade espiritual?*, escreveu: “É natural (e necessário, diria alguém) que os salesianos se tenham interpelado e se interpelem a respeito da própria denominação. Por que Dom Bosco intitulou a S. Francisco de Sales as suas mais importantes instituições para a educação da juventude masculina?”<sup>103</sup>

A resposta mais imediata é a que foi dada muitos anos depois pelo próprio Dom Bosco nas *Memórias do Oratório*, escrito entre 1873 e 1876.

Começou a chamar-se de S. Francisco de Sales por duas razões: primeira, porque a marquesa Barolo tencionava fundar uma congregação de sacerdotes sob esse título, e com essa intenção encomendara o quadro do santo que ainda hoje se pode ver à entrada do local; segunda, porque como esse ministério exige grande calma e mansi-

---

<sup>103</sup> P. STELLA, *Don Bosco e S. Francesco di Sales: incontro fortuito o identità spirituale?*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*. Roma 1986. O artigo parte das atas de um seminário realizado em Roma de 27 a 30 de setembro de 1983. Este estudo representa um ponto de passagem obrigatório para os que querem aprofundar a questão das relações entre S. Francisco de Sales e Dom Bosco.

dão, havíamos-nos colocado sob a proteção deste santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo em sua extraordinária mansidão e na conquista das almas. Outra razão era a de colocar-nos sob sua proteção, a fim de que do céu nos ajudasse a imitá-lo no combate aos erros contra a religião, especialmente do protestantismo, que começava a insinuar-se insidiosamente nos nossos povoados e de modo particular na cidade de Turim.<sup>104</sup>

A semelhança e a afinidade que liga os dois santos é certa; todavia, não nos parece verdadeira e própria a dependência *direta* de Dom Bosco em relação a Francisco de Sales, com base nos seus escritos, na sua doutrina. A tendência de pôr em relevo os traços comuns que caracterizou uma comparação *a posteriori* de alguns dos primeiros discípulos deveria ser medida de acordo com um estudo mais atento, do ponto de vista da história e da teologia espiritual, dos elementos que acomunam ou que distinguem estas duas figuras da história da espiritualidade.

Dentre os demais, há um elemento que nos ajuda a refletir sobre a oportunidade de observar com atenção crítica a relação espiritual que liga os dois santos.

Em 1846, o arcebispo de Turim, D. Luís Fransoni, abençoou a primeira verdadeira capela do Oratório, dedicada a S. Francisco de Sales. O reconhecimento de um patrono trazia consigo, ordinariamente, a organização de um culto e a celebração de uma festa.

Entretanto, a esta dedicação nunca correspondeu uma praxe que, ordinariamente, dedicasse ao patrono principal os preparati-

---

<sup>104</sup> MO 137.

vos mais solenes e as celebrações mais festivas. “As festas mais vistosas – escreve Pietro Stella – eram as da Imaculada, no dia 8 de dezembro ou no domingo mais próximo, e a festa de S. Luís Gonzaga, em torno de 21 de junho. Ao longo do ano, por importância distinguiam-se o Natal, a Páscoa e o carnaval, com jogos, teatrinho e banda. Mais tarde se acrescentaria a festa de Maria Auxiliadora dos Cristãos, celebrada no fim de maio ou nos primeiros dias de junho”.<sup>105</sup>

Nossa hipótese é que a figura do bispo de Genebra não parecia adaptada ao próprio Dom Bosco para suscitar nos jovens aquele espírito de “emulação” que outros santos podiam despertar como, por exemplo, o jovem Luís Gonzaga. Francisco de Sales, quando muito, podia representar um modelo para os sacerdotes e para os seus colaboradores, não somente pelo seu zelo pelas almas e pela doçura no trato, mas também pelo seu ultramontanismo e a sua decidida defesa da ortodoxia.

## O encontro

O encontro espiritual de Dom Bosco com a figura de Francisco de Sales (1567-1622) ocorreu provavelmente no seminário de Chieri, mais do que nas paróquias rurais que, como menino, tinha frequentado,<sup>106</sup> ambientes mais acostumados à devoção de santos protetores e taumaturgos. Na igreja de S. Felipe Neri, precisamente atrás da entrada do seminário, havia também uma *Associação de S. Francisco de Sales*, erigida canonicamente em

---

<sup>105</sup> P. STELLA, *Don Bosco e S. Francesco di Sales...*, cit., 150.

<sup>106</sup> A hipótese é de Pietro Stella, in *Don Bosco e S. Francesco di Sales*, cit., 141.

1736.<sup>107</sup> Aldo Giraudo nos informa também que, já nos tempos de Dom Bosco, uma capela dessa igreja era dedicada ao santo saboiano.<sup>108</sup>

A partir de 1834, por decreto do arcebispo, foram declarados protetores do Colégio Eclesiástico de Turim, S. Francisco de Sales e S. Carlos Borromeu, que tinham promovido a formação do clero; e foi declarado patrono o B. Sebastião Valfrè, religioso da Congregação do Oratório de S. Felipe Neri, verdadeiro modelo de vida sacerdotal.<sup>109</sup> Esta circunstância particular explica também a opção do Pe. Cafasso de sugerir a Dom Bosco o nome de um patrono para a sua nascente obra em favor da juventude periclitante. Pe. Lemoine escreve:

Como e por qual motivo o Oratório foi dedicado a S. Francisco de Sales e começou a chamar-se com esse nome? Dom Bosco, quando ainda no Colégio Eclesiástico, já tinha decidido em seu coração pôr todas as suas obras sob a proteção do apóstolo do Chablais, mas esperava que o Pe. Cafasso manifestasse seu pensamento. O Pe. Cafasso finalmente pronunciou a sua palavra. Encontrando-se um dia com o Teól. Borel e discorrendo a respeito das dificuldades que Dom Bosco encontrava, da paciência que ele demonstrava em todo seu agir e do contínuo progresso do Oratório, observou que até aquele momento ele ainda não o tinha posto sob a proteção de algum santo patrono. Após breve discussão, Pe. Cafasso citou S. Francisco de Sales, e o Teól. Borel aprovou a ideia.<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> Cf. *Ibidem*, 145.

<sup>108</sup> Cf. A. GIRAUDO, *Lo spirito apostolico di Don Bosco e i suoi modelli*, in *Quaderni di spiritualità salesiana*, 2ª série (2007) 61ss.

<sup>109</sup> Cf. MB II, 50.

<sup>110</sup> MB II, 252-253.

Francisco de Sales foi ordenado padre no dia 18 de dezembro de 1593, com 26 anos de idade. Levado pelo desejo de salvar a ortodoxia cristã, na época em que se difundia furiosamente a reforma calvinista, pediu ao seu bispo para que o enviasse a Genebra, símbolo supremo do calvinismo e sede máxima dos reformadores, para a difícil missão de pregador católico. Esta particularidade característica da sua personalidade, este *zelo* pela salvação das almas é certamente um dos traços de *afinidade espiritual* entre Francisco e Dom Bosco.

Canonizado pelo Papa Alexandre VII em 1665, Francisco de Sales logo se tornou em meio ao clero um modelo de pastor exigente consigo mesmo, fiel ao seu rebanho e ao Papa. Antônio Arnauld (1612-1694), autor de um conhecido escrito de inspiração rigorista e jansenista intitulado *Da comunhão frequente* (1643), atraído pela sua apaixonada preocupação pela defesa da ortodoxia, com admiração definiu-o “mais doce nos seus livros do que no seu modo de agir”.<sup>111</sup> A pequena obra anônima *Advertências de S. Carlos Borromeu e de S. Francisco de Sales aos confessores e breve notícia sobre os cânones penitenciais* (1792), publicada em diversas edições no fim do século XVIII, representa uma chamada exigente à observância dos cânones do Concílio de Trento em matéria de Penitência.

Somente no início do século XIX a imagem do bispo de Genebra como pastor austero e decidido defensor da fé deixou lugar à imagem mais benigna e amável que o Pe. José Cafasso procurou transmitir aos seus ouvintes no Colégio Eclesiástico de Turim.

---

<sup>111</sup> Cf. P. STELLA, *Don Bosco e S. Francesco...*, cit., 145.

## Os propósitos de Dom Bosco na sua ordenação presbiteral

O primeiro documento em ordem de tempo no qual Dom Bosco nos informa ter tomado Francisco de Sales como seu modelo de vida sacerdotal é um caderninho autógrafo, cujo conteúdo é conhecido entre os salesianos com o nome de *Testamento espiritual de Dom Bosco*, mas cujo verdadeiro título, também este autógrafo, é *Memórias desde 1841 até 1884-5-6 pelo Sacerdote João Bosco para seus filhos salesianos*.<sup>112</sup> Trata-se de um importante escrito autobiográfico de Dom Bosco, cuja redação começou em 1884 e se concluiu em 24 de dezembro de 1886,<sup>113</sup> pouco antes do encerramento da experiência terrena de Dom Bosco, dia em que o caderno passou para as mãos do seu secretário, Pe. Carlos Viglietti.

No início desse caderno, destinado em geral a uma série de disposições, conselhos e recomendações para o período após a sua morte, Dom Bosco lembra o tempo da sua ordenação presbiteral (5 de junho de 1841) e revela os propósitos feitos naquela ocasião; referimo-los aqui por inteiro.

O caderninho começa exatamente com estas palavras:

Comecei os exercícios espirituais na casa da Missão no dia 26 de maio, festa de S. Felipe Neri, de 1841. A sagrada ordenação foi feita por D. Luís Fransoni, nosso arcebispo, no seu palácio episcopal, no dia 5 de junho daquele ano. A primeira missa foi celebrada na igreja de

<sup>112</sup> Em 1985, Pe. Francisco Motto fez a edição crítica deste caderninho, com cerca de 140 páginas.

<sup>113</sup> Cf. F. MOTTO, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...* Roma 1985, 5-19, onde se trata da redação deste caderninho.

S. Francisco de Assis, assistida pelo meu insigne benfeitor e diretor Pe. José Caffasso,<sup>114</sup> de Castelnuovo d’Asti, no dia 6 de junho, domingo da Santíssima Trindade. A conclusão dos exercícios espirituais feitos em preparação à celebração da primeira santa missa foi esta: o padre não vai sozinho para o céu, nem vai sozinho para o inferno; se fizer o bem, irá para o céu com as almas que ele salvou mediante o seu bom exemplo; se fizer o mal, se der escândalo, irá para a perdição com as almas condenadas pelo seu escândalo.

### *Resoluções*

1º Nunca passear, a não ser por graves necessidades: visitas aos doentes etc.

2º Ocupar rigorosamente bem o tempo.

3º Sofrer, fazer, humilhar-se em tudo e sempre, quando se tratar de salvar almas.

4º A caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiem em tudo.

5º Haveri de me mostrar sempre contente com os alimentos que me forem preparados, contanto que não sejam nocivos à saúde.

6º Beberei vinho com um pouco de água e somente como remédio: quer dizer, somente quando e quanto for exigido pela saúde.

7º O trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos da alma, por isso, não concederei ao corpo mais do que cinco horas de sono por noite. Ao longo do dia, parti-

---

<sup>114</sup> Dom Bosco escreve sempre “Caffasso”, em vez de “Cafasso”.

cularmente depois do almoço, nunca descansarei. Farei alguma exceção em caso de doença.

8º Todos os dias dedicarei algum tempo à meditação, à leitura espiritual. Ao longo do dia farei uma breve visita ou pelo menos uma oração ao Santíssimo Sacramento. Farei pelo menos um quarto de hora de preparação para a missa e outro quarto de hora de agradecimento.

9º Nunca me deterei a conversar com mulheres, fora do caso de ouvi-las em confissão ou de alguma necessidade espiritual.

Estas memórias foram escritas em 1841.<sup>115</sup>

Durante esses exercícios espirituais em preparação à ordenação, Dom Bosco se hospedou na *Casa da Missão* dos padres lazaristas de Turim, situada no antigo mosteiro da Visitação.<sup>116</sup> Os propósitos de Dom Bosco transmitem-nos uma visão austera e “radical” da vida presbiteral; entre eles, o quarto põe diante dos nossos olhos uma como fotografia “datada” com precisão do seu ideal apostólico “salesiano”. Dom Bosco tem quase 26 anos, e Francisco de Sales já aparece como a sua principal referência espiritual.

Entretanto, o conhecimento e o interesse que Dom Bosco mostra ter a respeito dos escritos espirituais de Francisco são bastante limitados e circunscritos. A afinidade espiritual que o liga ao santo bispo consiste mais num “sentir comum” com esta figura de santo visto como modelo de paciência e de benignidade do que em outra coisa.

---

<sup>115</sup> FDB 748 D 7-10. Na edição crítica vejam-se as páginas 20-22.

<sup>116</sup> Cf. A. GIRAUDO, *Lo spirito apostolico...*, cit., 62.

## Reflexos dos escritos do santo bispo de Genebra em Dom Bosco autor

Apesar da “dedicação” a S. Francisco de Sales do primeiro Oratório e da nascente Sociedade, não é fácil encontrar traços dos escritos do bispo de Genebra na rica produção literária do fundador dos salesianos.

Pe. Picca escreve: “Nas origens da Congregação fica a impressão (também pela escassa documentação significativa) de uma familiaridade um tanto reduzida em termos de escritos de S. Francisco de Sales. Somente após a morte de Dom Bosco deu-se a tão desejada publicação de uma biografia adaptada e dos escritos do Santo Doutor”.<sup>117</sup>

Sobre o mesmo tema escreve Pietro Stella: “Nas obras devocionais, espirituais e de pregação de Dom Bosco, anteriores a 1850, a única página que deriva dos escritos de S. Francisco de Sales parece ser a meditação sobre o paraíso que se lê em *O jovem instruído* (1847), extraída em boa parte da *Introdução à vida devota*”.<sup>118</sup> “Nos escritos que vão de 1850 a 1886 (portanto, num espaço de tempo muito longo) – escreve ainda Stella – a passagem mais evidente é constituída por uma citação explícita das *Controvérsias* na pequena obra apologética *O católico instruído na sua religião* (1853) [...]. Fora isso, bem pouco se encontra de S. Francisco de Sales nos escritos de Dom Bosco”.<sup>119</sup>

Em *O jovem instruído* de 1847, no parágrafo intitulado *Do que precisa um jovem para se tornar virtuoso*, os jovens são

---

<sup>117</sup> J. PICCA, *S. Francesco di Sales nelle Costituzioni e nei Capitoli Generali dei SDB*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*, cit., 287.

<sup>118</sup> *Ibidem*, 151.

<sup>119</sup> *Ibidem*, 152-153.

convidados a empregar todos os dias um pouco de tempo a “ler algum livro que trate de assuntos espirituais”.<sup>120</sup> Entre os textos aconselhados está também a *Filoteia* de S. Francisco de Sales; é esta a única referência ao bispo de Genebra. Análoga indicação será feita às Filhas de Maria Auxiliadora em 1885.<sup>121</sup> Somente nas últimas versões de *O jovem instruído*, que durante a vida de Dom Bosco conheceu 120 edições,<sup>122</sup> será inserido um perfil biográfico de S. Francisco de Sales, *protetor dos oratórios festivos para os jovens*,<sup>123</sup> algumas práticas devotas e alguns conselhos extraídos dos seus escritos.

Pode parecer surpreendente observar que, entre os numerosos fascículos da coleção das *Leituras Católicas*, Dom Bosco não tenha publicado nada de consistente “sobre” e “de” S. Francisco de Sales.<sup>124</sup> Apesar da importância da referência ideal, ele nunca se dispôs a escrever uma biografia do santo bispo de Genebra.

Segundo as *Memórias Biográficas*, só em 1876 Dom Bosco comunicou aos seus o desejo de publicar duas biografias de S. Francisco de Sales.

Fazendo-se sentir a necessidade de tornar conhecida a vida e as obras de S. Francisco de Sales – lemos no volume XI –, e considerando que as biografias existentes não eram adaptadas para os jovens e os tempos, o Beato

---

<sup>120</sup> G. BOSCO, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà*. Turim 1847, 18.

<sup>121</sup> Cf. G. BOSCO, *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, C. ROMERO (ed.). Roma 1983, 324.

<sup>122</sup> Cf. S. GIANOTTI, *Bibliografia generale di Don Bosco*, I. Roma 1995, 12-13.

<sup>123</sup> Cf. G. BOSCO, *Il giovane provveduto*. Turim 1885, 132ss.

<sup>124</sup> Cf. L. FRANGI, *S. Francesco di Sales e la sua dottrina nelle letture cattoliche*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*, cit., 235.

[Dom Bosco] convidou publicamente os primeiros salesianos a compor duas: uma para o povo e para a juventude, num único volume de pequena mole, de modo a poder dispor de muitas cópias nos colégios e nas sacristias; e outra em dois volumes, baseada nos melhores autores e cuidadosamente elaborada, para as pessoas instruídas. Ele estava convencido de que seria útil apresentar o pensamento do Santo [S. Francisco de Sales] e pôr em ação tudo o que pudesse servir para confirmar os princípios católicos em relação aos princípios protestantes. Depois da impressão dessa Vida, ele tinha a intenção de imprimir as obras completas em edição acessível; entretanto, desejava que se publicasse logo, com boa apresentação, a *Filoteia*, retocando-a, porém, de tal modo que pudesse ser proposta à juventude e às casas de educação. Naturalmente, queria que as obras completas fossem publicadas em sua versão integral. Empreendimento ousado, mas que revela sempre mais no nosso fundador a grandiosidade dos seus projetos.<sup>125</sup>

Este desejo de Dom Bosco não foi completamente esquecido. Em 1899, o Pe. Júlio Barberis, primeiro mestre de noviços da Sociedade, publicou a *Vida de S. Francisco de Sales*; em 1904, Pe. Eugênio Ceria cuidou da publicação da *Filoteia*; depois, em 1922 e 1942, publicaram-se duas edições do *Teótimo*. Estas são as únicas iniciativas editoriais da primeira geração dos filhos de Dom Bosco quanto aos escritos e às obras do bispo de Genebra.

“Não admira – escreveu a este propósito o Pe. Eugênio Valentini em 1986 – que os primeiros salesianos não se tenham interessado pelo estudo de S. Francisco de Sales. O próprio Dom

---

<sup>125</sup> MB XI, 437-438.

Bosco não pode ser catalogado entre os estudiosos da vida e dos escritos do Salésio [...]. Os primeiros filhos de Dom Bosco aprenderam o espírito de S. Francisco com base no exemplo, nas palavras, no clima das casas salesianas e no método educativo, todo ele inspirado na compreensão e na doçura”.<sup>126</sup>

Esta doçura característica, que Dom Bosco atribui também a outros santos a ele afins, como S. Felipe Neri ou S. Vicente de Paulo, na sistematização “teórica” do *Sistema Preventivo para a educação da juventude* de 1877, assumirá o nome mais familiar de “*amorevolezza*”.<sup>127</sup>

## O nome, o lema e o brasão dos salesianos

Um testemunho escrito pelo Pe. Miguel Rua, que entrou para o Oratório em 1852 com dezesseis anos de idade, e recebeu pouco tempo depois o hábito clerical,<sup>128</sup> faz retroceder a 1854 um compromisso que já contém as premissas de uma consagração em vista de um exercício prático de caridade. Narra o Pe. Rua:

Na noite de 26 de janeiro de 1854 nos reunimos no aposento do senhor Dom Bosco; presentes: o mesmo Dom Bosco, Rocchietti, Artiglia, Cagliari e Rua, e nos foi proposto fazer, com a ajuda do Senhor e de S. Francisco de Sales, uma experiência de exercício prático da caridade para com o próximo, a fim de chegar, com o tempo, a

---

<sup>126</sup> E. VALENTINI, *S. Francesco di Sales negli scritti di Don Giulio Barberis e Don Eugenio Ceria*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*, cit., 251.

<sup>127</sup> N. do T.: *Amorevolezza* = amabilidade, bondade.

<sup>128</sup> Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*. Roma 1980, 536.

uma promessa e em seguida, se parecer possível e conveniente, fazer um voto ao Senhor. A partir daquela noite foi dado o nome de *salesianos* aos que se propuseram e se proporão tal exercício.<sup>129</sup>

O Pe. Eugênio Ceria escreve no primeiro volume dos *Anais da Sociedade Salesiana*:

O nome “salesianos” não gerou nenhuma surpresa, nem nos de então, nem em outros depois. Ao Salésio se intitulava o Oratório; do Salésio todos sabiam que Dom Bosco era devotíssimo; ao Salésio era dedicada a igreja erigida havia cerca de dois anos ao lado do internato. Qual fosse o movente secreto da denominação, Dom Bosco manifestou-o somente muito tempo depois, além de nas suas já citadas *Memórias*, num autógrafa, onde lemos: Este Oratório é posto sob a proteção de S. Francisco de Sales, para indicar que a base sobre o qual é posta esta Congregação, tanto em quem manda quanto em quem obedece, deve ser a caridade, a doçura, que são virtudes características deste santo.<sup>130</sup>

O lema *Da mihi animas coetera tolle*, como é sabido, tem uma origem bíblica; em *Gênesis 14,21* o rei de Sodoma presta homenagem a Abraão pela sua vitória contra o rei Codorlaomor e lhe propõe: “Entrega-me as pessoas e fica com os bens”. Em 1884, quando se tratou de escolher um lema a ser posto no brasão dos salesianos, segundo informa o Pe. Ceria, não houve dú-

---

<sup>129</sup> FDB 1989 C 10. Trata-se de uma nota autógrafa, escrita provavelmente depois da morte de Dom Bosco (cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996, 390). Desses quatro jovens somente Rua e Cagliero se tornaram salesianos.

<sup>130</sup> E. CERIA, *Annali della Società Salesiana*, I. Turim 1941, 15.

vidas. Havia quem sugerisse uma coisa, outros, outra. No fim, Dom Bosco disse: “Um lema já foi adotado desde os inícios do Oratório ainda nos tempos do Colégio Eclesiástico, quando eu visitava as prisões: *Da mihi animas coetera tolle*”. Todos aprovaram a proposta. De fato, alguns deles se lembravam de ter visto, desde meninos, essa frase escrita em letra maiúscula no quarto de Dom Bosco. Recordavam também que ele sempre atribuíra a expressão a S. Francisco de Sales.<sup>131</sup> Portanto, que melhor modo haveria para proclamar a identidade salesiana do que a de assumir o lema adotado pelo próprio Francisco de Sales?

Na realidade, o lema que S. Francisco de Sales adotou desde seus onze anos de idade era *Non excidet* (= não falhará, não se perderá); *Da mihi animas*, pelo menos como expressão ou citação, não consta dos seus escritos. Entretanto, um de seus filhos espirituais, João Pedro Camus, mais tarde ordenado bispo pelo seu mestre, atribui esse lema a Francisco num texto intitulado *O espírito de S. Francisco de Sales*, de 1758.<sup>132</sup>

Nesse mesmo erro provavelmente caiu também o Pe. Cafasso. Por exemplo, ele escreve numa das suas instruções ao clero de Turim:

Oh! Irmãos, eu nunca acabaria de falar, no entanto é preciso terminar. Almas e pecados, eis a síntese de tudo, o objetivo de todo o meu discurso. Almas e pecados, eis os dois anéis nos quais quero inserir tudo o que disse nesses dias. *Dai-me almas para salvar, Senhor*, repetimos com aquele apóstolo da caridade que foi S. Francisco de Sales; *dai-me almas para salvar*; dai-me pecados para com-

<sup>131</sup> Cf. MB XVII, 365-366.

<sup>132</sup> J. BOENZI, “*Da mihi animas*”. *Il grido del cuore pastorale di Francesco di Sales*, in *Quaderni di spiritualità salesiana*, 2ª série (2007) 50ss.

bater, para exterminar. Deixemos para quem quiser as loucuras e as extravagâncias deste mundo; nós, dediquemo-nos a conquistar pessoas para o paraíso e a diminuir os pecados sobre a terra. [...]. Coragem, portanto, caríssimos, esforcemo-nos todos os dias para ajudar, para salvar alguma alma, para impedir algum pecado. [...]. Esta seja a nossa firmeza neste mundo e esta também será a nossa ventura gloriosa, para mim e para vós, no belo paraíso. Assim seja!<sup>133</sup>

### **Documento: S. Francisco de Sales no *Vade-mécum* do Pe. Barberis**

O *Vade-mécum* do Pe. Júlio Barberis representa um verdadeiro e próprio manual de formação à vida religiosa salesiana. Conheceu notável difusão na Congregação e diversas edições. A primeira, em dois volumes, traz como título: *O Vade-mécum dos inscritos salesianos. Ensinamentos e conselhos expostos aos inscritos da Pia Sociedade de S. Francisco de Sales*, e foi publicado em 1901. Esta primeira edição impressa celebrava os vinte e cinco anos da eleição do Pe. Barberis como mestre dos noviços. A segunda edição, além da modificação do título e dos destinatários, que não são mais somente os inscritos, mas também os jovens salesianos, é ampliada num terceiro volume, dedicado às virtudes características da vida religiosa; os primeiros dois tratam da vida religiosa em geral e das práticas de piedade. O título resulta levemente modificado e revela a ampliação dos destinatários: *Ensinamentos, conselhos e exemplos expostos aos inscritos e aos estudantes da Pia Sociedade de S. Francisco de Sales*. A

---

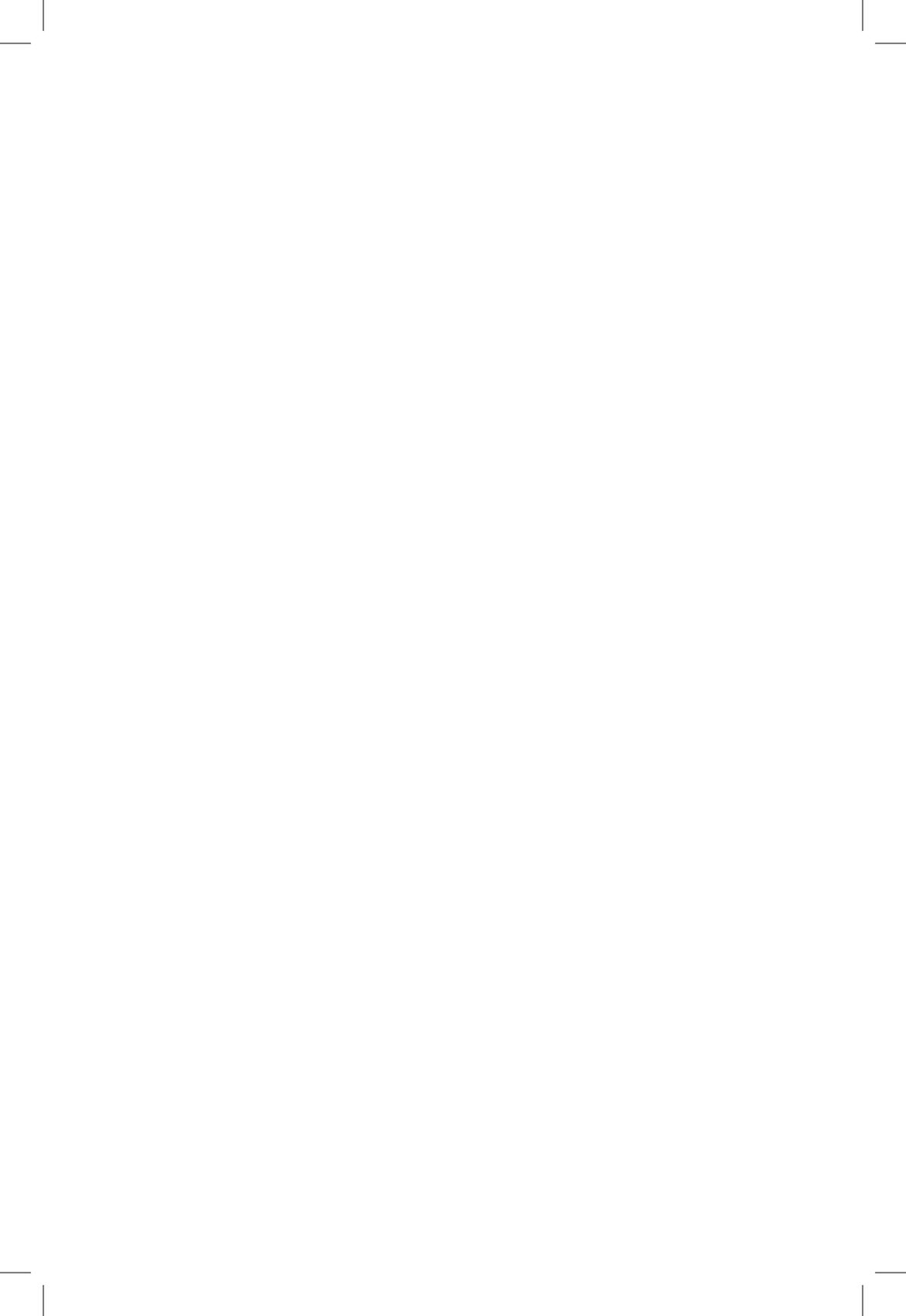
<sup>133</sup> G. CAFASSO, *Exercizi spirituali al clero. Istruzioni*. Turim 2007, 246-247.

última edição que conhecemos, publicada em 1965, é um volume único de 1141 páginas, dividido em três partes; nessa edição foram eliminadas as leituras edificantes, que acompanhavam todos e cada um dos parágrafos do texto original.

No final do seu *Vade-mécum*, o Pe. Barberis acrescenta, em apêndice, o *Regulamento de vida* que S. Francisco de Sales redigiu para si mesmo enquanto era estudante de leis na universidade de Pádua. Essas poucas páginas representaram, por muitíssimos anos, uma contribuição autorizada para a formação “salesiana” dos filhos de Dom Bosco.<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> N. do T.: Cf. G. BUCCELLATO, *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. LEV, Roma 2013, 82-90.



## CAPÍTULO IV

### DOIS SANTOS “SEMELHANTES”: DOM BOSCO E S. VICENTE DE PAULO

#### Particular afinidade espiritual

Excetuando o tempo que ele consagrava ao retiro anual, saía quase todos os dias de casa para cuidar dos pobres que o tiravam da solidão. Voltando para casa, após recitar o ofício divino de joelhos, ouvia seus religiosos ou pessoas externas que desejassem falar com ele. Se considerarmos que a estas ocupações somavam-se os assuntos das casas da sua Congregação, das Filhas da Caridade e das religiosas da Visitação, às quais dedicou cuidados especiais, deve-se dizer que os seus anos foram verdadeiramente plenos.<sup>135</sup>

A afinidade espiritual e também “de caráter” entre Dom Bosco e S. Vicente de Paulo foi sublinhada desde 1978 pelo Pe. Eugênio Valentini, no seu artigo *Dois santos semelhantes: Dom Bosco e S. Vicente de Paulo*.<sup>136</sup>

O estudo de Valentini parte da análise do volume de Dom Bosco *O cristão guiado à virtude e à civilização segundo o espírito de S. Vicente de Paulo*, publicado pela primeira vez em Tu-

<sup>135</sup> G. BOSCO, *Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà secondo lo spirito di S. Vincenzo de' Paoli*. Turim 1848, 154.

<sup>136</sup> E. VALENTINI, *Due santi simili. Don Bosco e San Vincenzo de' Paoli*, in *Palestra del Clero* 57 (1978) 22, 1474-1497.

rim em 1848. O pressuposto do autor, embora não demonstrável de forma rigorosa, é que entre as páginas deste livro é possível reconhecer os traços espirituais, de caráter e até mesmo *físicos*, do próprio Dom Bosco.

Quanto ao corpo – escreve Dom Bosco na primeira edição da sua biografia – sua estatura era média, mas bem proporcionada; a cabeça era grande, a fronte ampla, os olhos vivos, o olhar doce, o comportamento grave; externava um ar de afabilidade herdado da natureza que a virtude relevou ainda mais. Nos seus modos e nas suas atitudes manifestava uma ingênua simplicidade que anunciava a paz e a retidão de coração. Seu temperamento era forte e sanguíneo, sua compleição muito robusta.<sup>137</sup>

De nossa parte, procuraremos evitar qualquer paralelo forçado ou qualquer ideia preconcebida, para dar lugar a alguns elementos objetivos de contato e algumas “dependências” fáceis de encontrar; em todo caso, a hipótese de Valentini continua sendo sugestiva e plausível.

Francis Desramaut observa: “Três santos sacerdotes marcaram de forma particular a espiritualidade de Dom Bosco: Francisco de Sales, Felipe Neri e Vicente de Paulo; entretanto, só a Vicente de Paulo ele consagrou um livro inteiro.”<sup>138</sup>

“O nome de S. Vicente de Paulo – observa Pe. Lemoyne –, mediante suas *Conferências*, acompanhará muitas fundações das obras de Dom Bosco em todas as partes do mundo”.<sup>139</sup>

<sup>137</sup> G. BOSCO, *Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà...*, cit., 14.

<sup>138</sup> F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996, 278.

<sup>139</sup> MB II, 162. O internato de Gênova-Sampierdarena será o primeiro dedicado a S. Vicente de Paulo. Em seguida haverá outros, na Itália e em terras de missão.

Façamos algumas observações a partir desta obra da juventude de Dom Bosco.<sup>140</sup>

*“O cristão guiado à virtude e à civilização” (1848)*

O título completo da obra de Dom Bosco, publicada pela primeira vez de forma anônima em 1848, é *O cristão guiado à virtude e à civilização segundo o espírito de São Vicente de Paulo. Obra que pode servir para consagrar o mês de julho em honra do mesmo santo*. Trata-se de 288 páginas de pequeno formato, cuja introdução revela a intenção do autor, que vivia seu trigésimo terceiro ano de idade:

Entretanto, aquele Deus que suscitou um Vicente, qual chama luminosa, a espargir por toda a parte o sal das virtudes e a levar a luz da verdade da fé católica; aquele Deus que quis tirar do meio da plebe um homem desprezível a fim de escolhê-lo para fazer grandes obras que mudaram o aspecto da França e da Europa ao mesmo tempo: esse Deus faça com que a mesma caridade e o mesmo zelo se reacendam nos eclesiásticos para que trabalhem incansavelmente pela salvação das almas; assim, os povos, iluminados pelas virtudes do santo, excitados e movidos pelo bom exemplo dos sagrados ministros, corram a grandes passos por aquele caminho que conduz o homem à verdadeira felicidade: o paraíso.<sup>141</sup>

<sup>140</sup> Antes daquele ano, Dom Bosco já publicara *Dados históricos da vida do clérigo Luís Comollo* (1844), *As sete dores de Maria consideradas em forma de meditação* (1845), *O devoto do Anjo da Guarda* (1845), *História Eclesiástica* (1845), *O exercício de devoção à misericórdia de Deus* (1846), *O enólogo italiano* (1846), *Os seis domingos e a novena de S. Luís Gonzaga* (1847), *O jovem instruído* (1847) e a *História sagrada para uso das escolas* (1847).

<sup>141</sup> G. BOSCO, *Opere edite*. Vol. III (1847-1848). Roma 1976, 4[218]. Entre colchetes, a página correspondente em *Opere edite*.

A fonte principal usada amplamente pelo nosso Dom Bosco é um texto de 1780 de um autor francês, André José Ansart, publicado pela primeira vez em italiano, em Gênova, em 1840, com o título *O espírito de S. Vicente de Paulo*.<sup>142</sup> O texto de Dom Bosco, apesar da declarada dependência, apresenta interessantes traços de originalidade; antes de falar deles parece oportuno fazer uma breve observação.

## Dom Bosco autor espiritual

O empenho de Dom Bosco na produção e difusão da boa imprensa se origina certamente da formação recebida no Colégio Eclesiástico de Turim.

Entre suas obras, além de manuais de oração e de instrução religiosa e narrações hagiográficas, encontramos também escritos amenos ou teatrais, obras escolásticas, em particular de história, escritos apologéticos e doutrinários, escritos e informações a respeito da história da Congregação.

Duas características parecem acomunar toda a sua produção literária. A primeira é a *centralidade da religião*, isto é, a motivação única, que é como o pano de fundo de cada texto, de “dedicar-se com todos os meios sugeridos por uma caridade industriosa para que, mediante a palavra e os escritos, se levante

---

<sup>142</sup> A questão do confronto entre o texto de Dom Bosco, nas suas três edições (1848, 1876 e 1887), e o de Ansart, foi tratada por D. MALFAIT-J. SCHEPENS, *Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà secondo lo spirito di S. Vincenzo de' Paoli. Analisi del lavoro redazionale compiuto da Don Bosco*, in RSS 15 (1996) 317-381.

uma barreira contra a impiedade e a heresia”.<sup>143</sup> Dom Bosco não escreve movido por pretensões literárias ou artísticas, mas somente para difundir a mensagem da Igreja em todos os ambientes sociais. A segunda característica, que de alguma maneira pode ser considerada uma consequência da primeira, parece-nos ser o esforço contínuo para conservar um estilo imediato e popular, opção em favor da qual ele sacrifica qualquer pretensão cultural ou estilística.

Dom Bosco nunca escreveu tratados. Ele, como afirma de forma lapidar o Pe. Caviglia, “ensina com os fatos para produzir novos fatos”.<sup>144</sup> É por isso que o gênero literário mais original e eficaz é o da *biografia*. Ele usa com frequência *fontes*, que às vezes não se preocupa em citar, dado o caráter “divulgador” dos seus escritos. O caráter compilatório de alguns escritos não diminui seu valor espiritual. O fato de Dom Bosco recorrer a outro autor, mesmo sem citá-lo, pode prejudicar o caráter “científico” do texto (segundo os critérios atuais), mas não a convicção do santo a respeito do conteúdo da citação; em todo caso, o texto acaba por exprimir, para nós, o pensamento de Dom Bosco, em particular quando não há nenhuma “dissonância” entre a globalidade da sua experiência espiritual e o restante da sua produção literária.

A propósito disto, escreve Pe. Stella:

Os escritos de Dom Bosco, seja como for que tenham sido compilados, por ele ou por outros, com frases criadas ou assimiladas, têm uma importância a não ser descuidada,

---

<sup>143</sup> A citação é extraída do primeiro manuscrito das Constituições, chamado “Autógrafo Rua”.

<sup>144</sup> A. CAVIGLIA (ed.), *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco. Nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti. A cura della Pia Società Salesiana*, IV. Turim 1965, XXXIX.

diríamos, até mesmo essencial para uma pesquisa a respeito da personalidade do santo ou do seu êxito, também em relação ao uso daquela linguagem que, como ele desejava, punha-o em imediata e plena sintonia com as pessoas e com os ambientes em que desenvolvia sua ação.<sup>145</sup>

### **Traços de originalidade de *O cristão guiado à virtude*, de Dom Bosco**

A primeira diferença que se pode colher em relação à obra de Ansart é, antes de tudo, a que se refere aos destinatários da obra. Na introdução, o livro propõe, não somente aos eclesiásticos, mas a “todos os fiéis, um modelo de vida cristã”. “Este santo – escreve ainda o autor –, tendo passado por quase todas as situações baixas e elevadas, não houve virtude que nessas situações não tivesse praticado”.<sup>146</sup>

Outra característica original é o aspecto marcadamente “educativo” do texto; a mesma estrutura original da obra, subdividida em trinta meditações,<sup>147</sup> uma para cada dia do mês, e a proposta de um *fruto espiritual* no fim de cada uma delas, é um convite ao envolvimento do leitor, segundo um esquema “popular” por ele mesmo adotado outras vezes.<sup>148</sup>

<sup>145</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I. cit., 246.

<sup>146</sup> Esta característica “multissocial” deve ter impressionado Dom Bosco, que nos breves dados biográficos introdutórios não deixa de sublinhar que, “quando menino, Vicente foi destinado a cuidar do rebanho do pai”.

<sup>147</sup> Entre as *virtudes* características, às quais corresponde uma meditação diária, encontramos, por exemplo, a caridade para com os mendigos (3°), seu amor a Deus (4°), sua doçura (7°), a humildade (11°), a mortificação (14°), a paciência (16°), a pureza (19°), seus retiros espirituais (22°), a simplicidade (23°), o zelo pela glória de Deus e a salvação das almas (28°).

<sup>148</sup> A título de exemplo, pense-se em *Os seis domingos e a novena de S. Luís Gonzaga*, de 1846, ou em *O mês de maio consagrado a Maria Santíssima Imaculada para uso do povo*, de 1856.

De Vicente de Paulo e do seu espírito de penitência e de caridade, Dom Bosco já escrevera na *História Eclesiástica* de 1845:

Tirado dos cuidados do rebanho paterno para operar grandes coisas, correspondeu maravilhosamente. Animado de verdadeiro espírito de caridade, não houve qualquer tipo de calamidade ao qual ele não tenha acudido; fiéis feitos escravos pelos turcos, crianças expostas, jovens transviados, moças em situação de perigo, religiosas abandonadas, mulheres de má vida, condenados às galeras, peregrinos, enfermos, pessoas sem condições de trabalhar, transtornados mentais, mendigos, todos provaram os efeitos da caridade paterna de Vicente. Para tal finalidade fundou a Missão de S. Lázaro em Paris, que se difundiu por toda parte no mundo com grandíssima vantagem para toda a cristandade; instituiu também a Congregação das Filhas da Caridade, que tem por finalidade principal a assistência dos doentes nos hospitais. Este homem de fato admirável, preclaro por milagres e virtudes, espelho luminoso da Igreja, esplendor da França, sustentáculo das missões estrangeiras, octogenário, passou para a vida bem-aventurada em 1660.<sup>149</sup>

## Afinidade espiritual

Já acenamos ao estudo do Pe. Eugênio Valentini a respeito da particular afinidade que liga o fundador dos salesianos ao santo francês. O autor chegou até mesmo a afirmar que “Dom Bosco, descrevendo S. Vicente de Paulo, descreve a si mesmo”.<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> G. BOSCO, *Storia ecclesiastica ad uso della scuole utile per ogni ceto di persone*. Turim 1845, 328.

<sup>150</sup> V. VALENTINI, *Due santi simili*, cit., 14.

Eis algumas palavras de Dom Bosco nessa linha de pensamento:

Começava o dia oferecendo a Deus seus pensamentos, suas palavras, suas ações, em união com as de Jesus Cristo; em seguida, fazia a meditação; depois, ele mesmo recitava em voz alta as ladainhas do santo Nome de Jesus. Terminadas as orações, ia confessar-se (o que ocorria com frequência, pois, como atestou um dos seus diretores, não podia suportar nem mesmo a aparência de pecado), ou então fazer preparação para a santa missa. Pode-se dizer que nesta grande ação servia de modelo para os sacerdotes mais corretos. Pronunciava todas as palavras de maneira distinta e tão afetuosa, que se podia notar como seu coração sintonizava perfeitamente com suas palavras. Sua modéstia, o tom com que pronunciava as palavras que recordam ao sacerdote as próprias falhas e a própria dignidade, a serenidade do seu rosto quando se dirigia ao povo para anunciar-lhe a paz e a bênção do Senhor; numa palavra, tudo o que se podia reparar nele quanto ao exterior, era perfeito para dar a impressão, mesmo aos menos capazes, de parecer ver um anjo no altar.<sup>151</sup>

Pe. Lemoyne escreveu nas *Memórias Biográficas*: “Tendo Dom Bosco herdado da natureza, à semelhança de S. Vicente de Paulo, uma índole forte, própria de temperamentos vivazes e inclinados à cólera, notamos como ele o imitava na doçura para cativar os corações das pessoas”.<sup>152</sup>

Por sua vez, o modelo de congregação fundada por ele deve ter atraído particularmente a atenção de Dom Bosco, que, como

---

<sup>151</sup> G. BOSCO, *Il cristiano guidato alla virtù...*, cit., 99.

<sup>152</sup> MB II, 381.

S. Vicente, sentia a obrigação de contribuir em responder às necessidades urgentes do mundo mediante uma congregação de vida ativa. Um dos primeiros biógrafos do fundador dos salesianos, Albert du Boys, afirma:

Se, a exemplo de S. Vicente de Paulo, Dom Bosco fundou uma sociedade ativa, e não uma contemplativa, não é porque ele e os seus discípulos não compreendessem a sublimidade dos filhos de S. Bruno ou das filhas de S. Teresa e de S. Clara, mas porque naquele momento o impulso maior, mais urgente, era o de criar comunidades religiosas que pudessem consagrar-se ao bem da humanidade e prestar serviços visíveis e tangíveis à sociedade humana.<sup>153</sup>

Diversos testemunhos, particularmente a respeito das suas viagens à França, transmitem-nos, quase como num estribilho, a experiência humana e espiritual de Dom Bosco, como a de um novo S. Vicente de Paulo. “Em Paris – escreve o jornal francês *La Libertè* em maio de 1883 – nos ambientes religiosos, neste momento, só se fala de Dom Bosco, uma espécie de S. Vicente de Paulo italiano”.<sup>154</sup>

## **As motivações do autor**

A ocasião concreta que levou Dom Bosco a escrever essa obra não nos é conhecida; pode ser que a formação recebida no Colé-

---

<sup>153</sup> A. DU BOYS, *Dom Bosco et la pieuse Société des Salésiens*. Paris 1884, 311.

<sup>154</sup> Cf. MB XVI, 114.

gio Eclesiástico e a influência do Pe. Cafasso, que será um dos primeiros a apoiar as *Conferências* de S. Vicente em Turim, tenha estimulado o interesse do fundador dos salesianos. Seja como for, o certo é que, conforme observou o Pe. Braido, ele manifesta “um apaixonado compartilhamento do espírito caritativo e do estilo de doçura e mansidão”, que o levou também a associar S. Vicente de Paulo ao seu diretor espiritual, S. Francisco de Sales”.<sup>155</sup>

Eis as palavras de Dom Bosco:

Seu coração era nobre, generoso, terno, liberal, repleto de compaixão, constante nas dificuldades, intrépido em cumprir suas obrigações: sempre em guarda contra as seduções das honras, aberto à voz da indignação, pela qual jamais manifestou frieza ou má disposição; pelo contrário, parece que ele viveu somente para aliviar o sofrimento dos necessitados e vir em socorro dos infelizes. Essa bondade de coração fez com que estreitasse laços de amizade com todos os que amavam solidamente a virtude. Ele tinha total domínio sobre suas paixões, a ponto de apenas permitir perceber que ele as tinha. Pai terno, mas moderado em sua ternura, amava cada um dos filhos da sua Congregação; e na sua família, embora numerosa, nunca aconteceu de motivar ciúmes entre seus irmãos.<sup>156</sup>

Em 1832 nascera em Turim, sob os auspícios de Vicente de Paulo e a poucos passos da *Casa Pinardi*, a *Pequena Casa da Divina Providência*, de S. José Bento Cottolengo.

*O cristão guiado à virtude* foi reeditado por Dom Bosco, com algumas modificações, em 1876, dois anos após a aprovação

<sup>155</sup> Cf. G. BOSCO, *Il cristiano guidato alla virtù...*, cit., 88.

<sup>156</sup> G. BOSCO, *Il cristiano guidato alla virtù...*, cit., 15.

dos *Regulamentos da Sociedade de S. Francisco de Sales* e um ano antes da segunda edição italiana das Constituições, e depois novamente em 1887.

Na redação das Constituições da Sociedade Salesiana, Dom Bosco usou também as Constituições dos lazaristas ou padres da Missão. F. Motto escreve: “Na redação dos capítulos das Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales [...], Dom Bosco e os demais compiladores tiveram diante dos olhos, de maneira especial, as Constituições de cinco institutos religiosos: os padres da Missão, os redentoristas, os oblatos de Maria Virgem, os sacerdotes seculares das Escolas de Caridade, os maristas”.<sup>157</sup>

No contexto da redação das nossas Constituições, ou melhor, da sua difusão em língua italiana, nota-se uma singular opção do fundador dos salesianos: a de anexar ao texto constitucional *uma carta de S. Vicente*. Vale a pena comentar brevemente esta opção.

### **Uma carta de S. Vicente de Paulo nas Constituições de 1877**

Na segunda edição italiana das Constituições de 1877, no final da introdução *Aos Sócios Salesianos*, Dom Bosco decidiu acrescentar uma carta de S. Vicente de Paulo, escrita em 15 de janeiro de 1650 pelo fundador da Congregação da Missão para

---

<sup>157</sup> A estes Institutos devemos acrescentar também o dos rosminianos, segundo uma nota redigida em fevereiro de 1864 pelo próprio Dom Bosco (cf. E. CERIA, *Annali della Società Salesiana*, I. Turim 1941, 63-64).

os seus religiosos.<sup>158</sup> Precisamente em 1877 fora preparada também uma reimpressão da segunda edição de *O cristão guiado à virtude*.<sup>159</sup>

Dom Bosco, provavelmente, nesse momento particular de consolidação espiritual da Congregação, entreviu em S. Vicente de Paulo, na sua experiência espiritual e na Congregação fundada por ele, um *modelo* específico para indicar aos seus religiosos.

A carta de S. Vicente de Paulo, que tem como tema a importância da meditação pela manhã, continuará por cerca de trinta anos a acompanhar as Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales.<sup>160</sup>

Na edição de 1885 foi deslocada para o final do texto constitucional, precedendo as seis cartas de S. Afonso, que pela primeira vez aparecem acompanhando as Constituições.

O contexto em que é posta esta longa carta, faz-nos compreender que é intenção do fundador indicar uma *urgência*, que podemos supor destinada a prevenir ou a corrigir algumas desordens na prática da meditação, “com o resultado de que, não estando com os outros na oração comunitária, eles ficavam privados das vantagens que se tem ao fazê-la em comum, e muitas vezes pouco ou nada depois se fazia em particular”.

A afirmação central de toda a carta parece poder ser definida assim: *a graça da vocação está ligada à oração*.

---

<sup>158</sup> A carta de S. Vicente de Paulo, inicialmente dirigida ao senhor Lambert, superior em Richelieu, no Loire, parece que posteriormente foi dirigida aos superiores de todas as casas da Congregação (cf. A. FIAT, *Avvisi e conferenze spirituali di San Vincenzo de' Paoli ai membri della congregazione*. Turim 1895, 618).

<sup>159</sup> Cf. P. STELLA, *Gli scritti a stampa di San Giovanni Bosco*. LAS, Roma 1977, 58.

<sup>160</sup> Essa carta desaparecerá somente na edição bilingue (com o texto em latim) de 1907.

Foge ao nosso interesse imediato analisar o motivo pelo qual a carta de S. Vicente desapareceu depois de trinta anos das diversas edições das Constituições. Seja como for, ela oferece uma indicação importante para compreender o pensamento do fundador naquele momento particular da história da Congregação.

### **A Sociedade de S. Vicente de Paulo em Turim**<sup>161</sup>

A Sociedade de S. Vicente de Paulo, fundada em Paris por Frederico Antônio Ozanam,<sup>162</sup> penetrou na Itália cerca de dez anos depois da sua fundação. Em 1850, em Turim, foi instituída a primeira *Conferência de S. Vicente*. Pe. Stella informa: “Seus primeiros membros foram católicos praticantes que frequentavam o Colégio Eclesiástico, os padres Guala e Cafasso, e os exercícios espirituais de S. Inácio no alto de Lanzo... No verão de 1854, os sócios da Conferência distinguiram-se em Turim – como alhures – pela assistência generosa aos doentes do cólera-morbo”.<sup>163</sup>

Desde sua origem, as características principais das *Conferências* são: a laicidade; o respeito da autoridade da Igreja e a

---

<sup>161</sup> Em 2003 publicou-se um estudo interessante a respeito da história das Conferências de S. Vicente de Paulo em Turim: M. CESTE, *Testimoni della carità. Le conferenze di San Vincenzo a Torino. 150 anni di storia*. Turim 2003.

<sup>162</sup> Frederico Antônio Ozanam nasceu em Milão em 23 de abril de 1813, quinto de uma família de catorze filhos, de Antônio Ozanam e Maria Nantas. No mundo secularizado do século XX, este leigo foi um profeta para a Igreja do seu tempo, que ele amava “com grande amor e submissão”. Em 1833, com um grupo de sete amigos, fundou em Paris a Sociedade de S. Vicente de Paulo. Seus membros propunham-se “fazer, além de conferências de história, reuniões dedicadas à caridade, a fim de unir a ação à palavra e afirmar, mediante as obras, a vitalidade da própria fé”.

<sup>163</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, cit., 353.

filial submissão a ela; a elevação espiritual e a santificação dos seus membros e dos pobres assistidos; a simplicidade, amizade e fraternidade entre os coirmãos; a colegialidade nas decisões; a forma prática, ativa, direta da caridade e a visita às casas das famílias pobres como atividade, não individual, mas solidária do grupo.<sup>164</sup>

Pietro Stella escreve ainda:

Desde o início, os sócios da Conferência de S. Vicente acabaram unindo sua obra à de quantos... promoviam a educação popular, as escolas agrícolas, a assistência aos presos. Sua espiritualidade caritativa inspira-se particularmente na figura de S. Vicente de Paulo. A caridade para com todos, por eles mediada e assimilada, traduz-se em seguida em doçura paciente, especialmente com os meninos pobres e necessitados dos arrabaldes abandonados. Havia todas as condições para se criar uma assimilação entre a Conferência de S. Vicente e os Oratórios para a juventude abandonada existentes em Turim.<sup>165</sup>

Pe. Lemoyne, nas *Memórias Biográficas de S. João Bosco*, narra:

Dom Bosco, que teve grandíssima parte na fundação da primeira Conferência, teve-a também na fundação de outras, que de várias maneiras ele protegeu e ajudou, especialmente quando surgiram contra elas fortes oposições. Entre ele e a benemérita associação, havia o mais íntimo relacionamento, e o bom padre confiava aos cuidados dela os jovens que saíam das prisões e que

---

<sup>164</sup> Cf. <http://www.sanvincenzoitalia.it/origini/index.htm>

<sup>165</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, cit., 354-355.

ele reconduzira ao bom caminho. Aliás, alguns membros da Sociedade de S. Vicente fizeram também parte com ele de um comitê, legalmente constituído, para acompanhar de modo eficaz os jovens em regime de correção postos em liberdade pelas autoridades. Dom Bosco recomendava-lhes também que tivessem um amor de pai para com os filhos dos pobres visitados, e essas pessoas generosas acabavam favorecendo a ereção dos oratórios festivos, promoviam o catecismo e as aulas... Por muitos anos Dom Bosco participou da grande reunião geral das Conferências, que em dezembro era soleníssima, ora na igreja dos Santos Mártires, ora na dos Comerciantes e nelas sempre tomava a palavra. Ele conhecia a fundo o espírito de S. Vicente de Paulo, e expunha seus exemplos e seus conselhos.<sup>166</sup>

Tornando-se sócio honorário, junto com Sílvio Péllico e o arcebispo Fransoni, da primeira Conferência de Turim, Dom Bosco sempre manteve vínculos muito estreitos com essa associação.

Não se passaram muitos anos desde a criação da primeira Conferência em Turim sem que Dom Bosco instituísse outra entre os jovens do Oratório.<sup>167</sup> O objetivo não era unicamente o de ajudar em casos de situações de necessidade, mas também o de fazer crescer nos jovens a responsabilidade por uma *tarefa*, a *aliviar os sofrimentos do próximo*. Escreve ainda o Pe. Lemoyne:

Aqueles jovens, em torno de vinte, dois a dois, todos os domingos deviam ir fazer alguma visita a uma ou mais

---

<sup>166</sup> MB IV, 69.

<sup>167</sup> Trata-se de uma *associação*; este é o significado da palavra *conferência*. Dela farão parte alguns eclesiásticos, como os padres Rua, Barberis, Bongiovanni, Anfossi (cf. MB V, 471).

famílias pobres que lhes eram indicadas, levando alguma ajuda, dando conselhos oportunos aos pais, especialmente a respeito da educação cristã dos filhos; exortando-os a enviá-los ao catecismo e insistindo para que viessem ao Oratório. Eram acolhidos com simpatia, porque essas visitas, além da vantagem que proporcionavam, eram feitas com regularidade, caridade e respeito, como Dom Bosco aconselhava. Dessas visitas resultava um grande bem, inclusive para os “visitadores”, pois aprendiam a conhecer e amar o modo de aliviar os sofrimentos do próximo, de tal forma que, voltando para a vida do mundo, com facilidade podiam ser encaminhados às grandes Conferências de S. Vicente, onde continuavam a encontrar os meios para se santificar, e bons amigos, embora de condição mais elevada do que a deles.<sup>168</sup>

Semelhante associação surgiu também naqueles anos no Oratório de S. Luís no bairro de Porta Nuova. Em 1855, um fascículo das *Leituras Católicas* propôs o regulamento de uma Sociedade de S. Vicente de Paulo para os jovens das artes, ofícios e comércio.

Esta referência permanecerá constante na obra educativa de Dom Bosco, mesmo quando, em torno dos anos setenta, a circunstância dos internatos tornou mais difícil uma atividade caritativa “externa” nas periferias, ao passo que favoreceu o desenvolvimento, entre os jovens, das outras quatro Companhias (da Imaculada, S. José, S. Luís e Santíssimo Sacramento).<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup> MB V, 472.

<sup>169</sup> Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, 356.

## **Documento: A carta de S. Vicente nas Constituições Salesianas**

A lembrança desta carta de S. Vicente de Paulo anexada em 1877 à segunda edição italiana das *Regras ou Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales*, praticamente desapareceu da memória da Congregação, apesar de ter permanecido durante toda a vida do fundador e, depois de sua morte, por mais trinta anos, junto com as Constituições dos Salesianos.

Por vontade expressa de Dom Bosco ela foi posta numa posição “estratégica”, precisamente no centro do livrinho das Regras, entre a introdução *Aos Sócios Salesianos* e o texto das Constituições. “*Ponha-se depois da introdução e antes do texto das Regras*”, escreve de próprio punho Dom Bosco na cópia redigida pelo Pe. Barberis para o tipógrafo. Uma pequena introdução autógrafo do Pe. Barberis será cancelada junto com o título originariamente aposto por ele: *A respeito do levantar-se todos à mesma hora pela manhã*, que em seguida será substituído pelo próprio Dom Bosco com o de: *Carta de S. Vicente de Paulo dirigida aos seus religiosos sobre o levantar-se todos na mesma hora*, que resulta mais tarde na cópia impressa. Algumas outras correções, em geral de ordem estilística, são introduzidas por Dom Bosco no texto da longa carta, texto recopiado pelo Pe. Barberis.

Na edição das Constituições de 1903 a carta é precedida por uma longa introdução, que esclarece as intenções do fundador: “*Tendo nós grande necessidade de consolidar-nos quanto à questão do levantar pela manhã, a ser praticado por todos ao mesmo tempo e bem cedo a fim de adequar-nos à regra comum; e também para todos poderem chegar sempre em tempo para a meditação que costumamos fazer juntos, de manhã, antes da missa,*

*Dom Bosco quis que na segunda edição das nossas Regras fosse impressa esta carta de S. Vicente de Paulo; ela incutia esta prática com muita insistência e com razões muito ponderadas, com a intenção de que também nós assumamos as motivações de S. Vicente, como se fossem dadas por ele mesmo a nós, salesianos. Portanto, procuremos também nós extrair dessa carta o proveito que Dom Bosco dela esperava” (Regras ou Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales. Segundo o decreto de aprovação de 3 de abril de 1874, Turim 1903, 140).*

Dom Bosco invocou a autoridade, não de um místico, mas de um apóstolo da caridade para incutir com força aos seus salesianos a importância da meditação pela manhã.<sup>170</sup>

---

<sup>170</sup> N. do T.: Cf. G. BUCCELLATO, *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. LEV, Roma 2013, 105-110.

## **CAPÍTULO V**

### **JOÃO BOSCO E S. AFONSO MARIA DE LIGÓRIO**

#### **Influxo teológico, espiritual e pastoral do patrono dos confesores**

Afonso Maria de Ligório, sumo e luminoso ornamento da Igreja do século XVIII, nasceu em Nápoles em 1696. Sua juventude foi um conjunto de todas as virtudes; exatíssimo no cumprimento de todas as suas obrigações religiosas, comungava toda semana, até mais frequentemente, e visitava todos os dias o Santíssimo Sacramento. Aos dezesseis anos doutorou-se em ambas as Leis. Numa causa que ele esperava levar a bom termo, enganou-se e perdeu o processo. Bastou isto para aborrecê-lo com as coisas do mundo e determiná-lo a consagrar-se a Deus no estado eclesiástico. Inflamado de verdadeiro zelo pela salvação das almas, pregava com tanta unção, que seu pai, ao ouvi-lo pela primeira vez, comovido, exclamou: Meu filho me fez conhecer a Deus. Guiado pelo Espírito de Deus fundou a Congregação do Santíssimo Redentor, que tem como primeiro objetivo a instrução das pessoas rudes e dos camponeses. Contra sua vontade foi feito bispo de S. Ágata dos Godos pelo Papa Clemente XIII em 1762. A partir desse tempo, a vida de Afonso foi um contínuo pregar, confessar, rezar, jejuar... Deus remunerou a generosidade do seu servo elevando-o a uma sublime

contemplação, realçando sua santidade mediante muitos milagres.<sup>171</sup>

O primeiro encontro de Dom Bosco com os escritos e a espiritualidade de Afonso Maria de Ligório<sup>172</sup> provavelmente ocorreu mediante seu primeiro diretor espiritual, Pe. João Calosso, capelão de Morialdo, pequeno povoado a alguns quilômetros de Castelnuovo. Dom Bosco narra que, na época desse encontro, tinha cerca de onze anos:

Coloquei-me logo nas mãos do Pe. Calosso, que havia poucos meses chegara àquela capelania. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança nas coisas espirituais e temporais. Fiquei sabendo, assim, quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então eu não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual. Passava com ele todo o tempo que podia nos dias santificados. Nos dias de semana, quando possível, ia ajudar-lhe a santa missa. A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual,

---

<sup>171</sup> G. BOSCO, *Storia ecclesiastica ad uso delle scuole utile per ogni ceto di persone*. Turim 1845, 339-341.

<sup>172</sup> Sobre o relacionamento entre Dom Bosco e S. Afonso, cf. A. PEDRINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso M. dei Liguori. La dottrina salesiana e alfonsiana nella luce delle celebrazioni centenarie*, in *Palestra del clero* 67 (1988) 921-936; E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso. Con aggiunta vita cronologica di S. Alfonso M. dei Liguori Dottore della Chiesa a cura di Alfonso Maria Santonicola*. Pagani (AS) 1972.

pois antes agia de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber o porquê.<sup>173</sup>

A narração de Dom Bosco revela a percepção reflexa da origem de alguns traços da espiritualidade afonsiana, como a chamada à frequente confissão e comunhão. Segundo as *Memórias Biográficas*, o próprio Pe. Calosso deu a Dom Bosco as obras ascéticas de S. Afonso.<sup>174</sup>

O encontro mais profundo e pessoal com a doutrina e a figura espiritual de Afonso ocorreu nos anos do Colégio Eclesiástico. Os protagonistas remotos e próximos da história do Colégio, de fato, são os mais importantes *canais* através dos quais se difundiram a doutrina e os escritos de Afonso Maria de Ligório nos anos setecentos e oitocentos do Piemonte: Diessbach, Lanteri, Guala e Cafasso. “Estes *homens de Deus*, integérrimos – escreveu o salesiano Pe. Arnaldo Pedrini –, de forma coerente e concomitante foram os idealizadores e os realizadores do Colégio Eclesiástico de Turim (1817), que se tornou a sede, não somente de uma importante fortaleza contra o jansenismo, mas também e particularmente um cenáculo de estudo intenso e fervoroso a respeito da teologia moral de S. Afonso de Ligório”.<sup>175</sup>

## **As origens “afonsianas” do Colégio Eclesiástico de Turim**

O Colégio Eclesiástico de Turim surge em 1817, sob a inspiração do Ven. Pio Bruno Lanteri, discípulo do jesuíta

---

<sup>173</sup> MO 43.

<sup>174</sup> Cf. MB I, 238.

<sup>175</sup> A. PEDRINI, *Don Bosco e Sant’Afonso*, cit., 922-923.

Nicolau José Alberto von Diessbach, e por iniciativa do Teól. Luís Fortunato Guala, nos ambientes anexos à igreja de S. Francisco, em Turim, na rua que, ainda hoje, traz o nome do santo de Assis.

A abertura do Colégio foi um acontecimento denso de consequências para a Igreja do Piemonte;<sup>176</sup> de fato, com o Colégio, nascia em Turim uma nova “escola espiritual” de sacerdotes dotados de clara identidade, que os distinguiu daqueles formados pela Régia Universidade de Teologia. Ao rigorismo desta no âmbito da teologia moral contrapunha-se o desejo, por parte dos formadores do Colégio, de acabar com os últimos resquícios de jansenismo (ou do que, com ou sem razão, assim era qualificado naquele tempo)<sup>177</sup> e promover uma defesa da autoridade do Papa. Esta diferença de perspectiva levará o arcebispo Gastaldi, em 1878, à decisão de fechar o Colégio, acusando alguns dos seus membros de laxismo moral; será reaberto pelo sobrinho do Pe. Cafasso, o Côn. José Allamano, fundador dos Missionários da Consolata, em 1882.<sup>178</sup>

Diessbach, mestre de Lanteri, nasceu em 1732 em Berna, na Suíça. Depois de ficar viúvo, entrou para a Companhia de Jesus em 1759, na cidade de Turim; nesta cidade continuou a desempenhar seu ministério mesmo depois da supressão da Companhia em 1773. Amigo do redentorista tcheco S. Clemente Maria

---

<sup>176</sup> Para um aprofundamento da história e do influxo exercido pelo Colégio Eclesiástico e particularmente pelo Pe. Cafasso na Igreja do Piemonte, veja-se a rica bibliografia elaborada por G. TUNINETTI, *San Giuseppe Cafasso. Nota storico-biografica*, in G. CAFASSO, *Esercizi Spirituali al clero*, aos cuidados de L. Casto. Cantalupa (Turim) 2003, 28-33.

<sup>177</sup> Cf. G. PENCO, *Storia della Chiesa in Italia*, II. Milão 1977, 266.

<sup>178</sup> Para um aprofundamento dos motivos que levaram à crise e ao fechamento do Colégio Eclesiástico, cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, II. Roma 1988, 165-184.

Hofbauer, conheceu S. Afonso Maria de Ligório e era um “ligoriano” entusiasta.

Entre 1778 e 1780 fundou em Turim as *Amizades Cristãs*, associação secreta de clérigos e leigos que, ligando-se com votos e tendo como objetivo a perfeição cristã, promovia a difusão da boa imprensa, a luta contra o jansenismo e o regalismo ou “jurisdicionalismo”, e uma convicta adesão ao Papa no contexto do ultramontanismo.<sup>179</sup>

Seu aluno, Lanteri, além do apostolado dos exercícios espirituais de S. Inácio, contribuiu notavelmente na difusão, no Piemonte e além, das obras de S. Afonso, em particular, da tradução latina de uma espécie de manual para os confessores, com o título de *Homo apostolicus instructus in sua vocatione ad audiendas confessiones sive Praxis et instructio confessoriorum*, editada por Jacinto Marietti em Turim, em 1844.

Ao empenho de difundir a boa imprensa, Lanteri se dedicou de corpo e alma, mantendo contato com livreiros e tipografias de muitos países europeus. Ao disseminado espírito jansenista e regalista, Lanteri entendia opor a doutrina de Afonso de Ligório, divulgando, por iniciativa pessoal ou graças às *Amizades Cristãs* e ao apostolado de leigos e sacerdotes, a obra do santo Doutor,<sup>180</sup> que ele definiu “como uma biblioteca de todos os moralistas”. “Apegai-vos a Ligório – dizia –. Se se quiser fazer bem às almas, é preciso que nos apeguemos à doutrina deste autor; é preciso

<sup>179</sup> Cf. G. DE ROSA, *Il movimento cattolico in Italia. Dalla Restaurazione all'età giolittiana*. Bari 1988, 2ª ed., 3-4.

<sup>180</sup> É difícil calcular, mesmo de forma aproximativa, o número de cópias das obras do Santo Doutor que Pio Bruno Lanteri difundiu no Piemonte e mais além. Tommaso Piatti escreve que “só do livro *Máximas eternas* ele difundiu, numa única edição sem contar outras menores, 36.000 cópias” (T. PIATTI, *Il servo di Dio Pio Brunone Lanteri*. Turim 1934, 109).

revestir-se do seu espírito, se quisermos levar almas para Deus. Oh! Bendita doutrina deste bispo, e bendito o Senhor que nestes tempos nos deu um homem tão de acordo com o seu coração”.<sup>181</sup>

A partir desta convicção, Lanteri amadureceu a ideia de criar, em Turim, um internato para jovens sacerdotes a fim de ensinar-lhes a *moral prática* do santo bispo napolitano. Não pôde, porém, realizar seu projeto, provavelmente, por causa da oposição das autoridades civis ou eclesiásticas.<sup>182</sup> O Colégio surgiu da mesma forma, em 1817, graças à iniciativa do amigo e discípulo Luís Guala, outra figura de relevo dos anos oitocentos no Piemonte na obra de divulgação das ideias *afonsianas*.

Discípulo de Guala foi o Pe. Cafasso que, entrando para o Colégio Eclesiástico como estudante em 1833 logo depois da ordenação presbiteral, permaneceu ali como repetidor e docente de teologia moral e, finalmente, como reitor após a morte do Teól. Guala, em 1848.

### **A questão dos sistemas em teologia moral: probabilismo e probabiliorismo**

Tentemos penetrar, de leve, numa questão teológica que explica a particular incidência que a formação recebida no Colégio Eclesiástico terá na experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco.

---

<sup>181</sup> P. GASTALDI, *Della vita del servo di Dio Pio Brunone Lanteri, fondatore della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine*. Turim 1870, 406.

<sup>182</sup> Segundo G. Usseglio, a hipótese mais autorizada é que “o projeto não se realizou porque foi obstaculizado pela autoridade civil que não via com bons olhos a introdução de novas famílias religiosas na capital” (G. USSEGLIO, *Il Teologo Guala e il Convitto Ecclesiastico di Torino*. Turim 1948, 13).

A partir do final do século XVI, desenvolveram-se dois sistemas morais,<sup>183</sup> que “se diferenciavam conforme os princípios reflexos e os pressupostos antropológico-teológicos sobre os quais se apoiavam”.<sup>184</sup> Os dois principais sistemas morais que, no tempo de Dom Bosco, ainda animavam o debate teológico eram o *probabilismo* e o *probabiliorismo*.

O *probabilismo* é o sistema teológico-moral que domina na primeira metade dos anos seiscentos e afirma que, em caso de dúvida, “pode-se seguir a opinião contrária à lei, em favor da liberdade, contanto que seja realmente sólida, *embora a opposita seja mais provável*”.<sup>185</sup> Este sistema que, “no fundo, valoriza a liberdade humana, pondo-a acima da lei”,<sup>186</sup> antigamente era defendido por diversos teólogos moralistas, particularmente no período da Escolástica; inicialmente foi seguido também por S. Afonso, que o professou e defendeu por diversos anos. O *laxismo*, variante exagerada, que levou ao extremo o princípio probabilista, afirmando “a possibilidade de se seguir a opinião *levemente* provável que favorece a liberdade, *embora considere lícito o ilícito, e pecado venial o pecado mortal*” é contrário à doutrina da Igreja.<sup>187</sup> O probabilismo foi seguido particularmente pelos jesuítas, que sofreram ataques por parte dos dominicanos e dos jansenistas.

---

<sup>183</sup> O termo *sistema moral*, cunhado por S. Afonso Maria de Ligório, tornou-se uma expressão comum da moral católica e indica “a realização de um juízo vinculativo da consciência moral na presença de leis objetivamente não seguras” (M. VIDAL, *Nuova morale fondamentale. La dimensione teologica dell’etica*. Bolonha 2004, 404).

<sup>184</sup> Loc. cit.

<sup>185</sup> S. VANNI ROVIGHI, *Probabilismo*, in *Enciclopedia cattolica*, X, Cidade do Vaticano 1953, 59.

<sup>186</sup> Loc. cit.

<sup>187</sup> M. VIDAL, *Nuova morale fondamentale*, cit., 407.

Oposto ao probabilismo é o *probabiliorismo* (do comparativo latino *probabilior = mais provável*); ele domina a cena desde a segunda metade do século XVI até o final da primeira metade do século seguinte. Este sistema moral, de conotação rigorista, afirma que, em caso de dúvida quanto à licitude de uma ação, “pode-se seguir a opinião favorável à liberdade, *somente se essa opinião é mais provável do que aquela que favorece a lei*”.<sup>188</sup> Diversamente do probabilismo, o probabiliorismo põe a lei acima da liberdade humana. Entre seus defensores, além de diversos sumos pontífices, havia algumas ordens religiosas, como os religiosos teatinos, os franciscanos e particularmente os dominicanos, que comandaram uma verdadeira e própria “cruzada antilaxista”.

A moral de *S. Afonso* situa-se *entre os dois excessos* do laxismo e do rigorismo, e de certo modo espelha o espírito do iluminismo porque “promove a razão, dando mais importância à argumentação intrínseca do que a argumentos de autoridade, aceita os dados da experiência, contrapondo-se a preconceitos pré-científicos e se inclina a favorecer a liberdade *quando a lei não é certa*”.<sup>189</sup>

O princípio teórico *equiprobabilista* pode ser resumido desta forma: “Em caso de dúvida entre duas posições opostas, diante da *paridade de* probabilidades, pode-se seguir a opinião que favorece a liberdade”.<sup>190</sup>

Dom Bosco, consciente da importância da questão, escreve nas *Memórias do Oratório*:

---

<sup>188</sup> SISINIO DA ROMALLO, *Probabiliorismo*, in *Enciclopedia cattolica*, X. Cidade do Vaticano 1953, 56.

<sup>189</sup> M. VIDAL, *Nuova morale fondamentale*, cit., 416.

<sup>190</sup> *Ibidem*, 415.

Entre outras questões agitava-se muito a do probabilismo e do probabiliorismo. À frente dos primeiros achavam-se Alasia, Antoine e outros autores rigorosos, cuja doutrina, a do probabiliorismo, podia levar ao jansenismo. Os probabilistas seguiam a doutrina de S. Afonso, que agora foi proclamado doutor da Santa Igreja. Sua autoridade foi por assim dizer referendada pelo Papa, uma vez que a Igreja afirmou que se pode ensinar, pregar e praticar sua doutrina, nada havendo nela que mereça censura. O Teól. Guala situou-se com firmeza entre os dois partidos, e, pondo como centro de qualquer opinião a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, conseguiu aproximar os extremos. As coisas chegaram a tal ponto que, graças ao Teól. Guala, S. Afonso tornou-se o mestre das nossas escolas, com as vantagens por tanto tempo desejadas, cujos efeitos salutareos hoje experimentamos. Braço direito de Guala era o Pe. Cafasso. Com sua virtude a toda a prova, com sua calma prodigiosa, sua perspicácia e prudência, pôde suavizar as asperezas que ainda permaneciam em alguns probabilioristas com relação aos seguidores de S. Afonso.<sup>191</sup>

## **O estudo da moral prática no Colégio Eclesiástico de Turim**

O objetivo mais imediato das conferências de moral, que constituíam como o “esqueleto” da experiência formativa do Colégio, era a preparação para o exercício do ministério das

---

<sup>191</sup> MO 118-120.

confissões; durante a permanência no Colégio, os jovens presbíteros faziam só um exame, o de obter a faculdade para confessar.

Quanto ao conteúdo inovador daquelas primeiras conferências, informa-nos Colombero, ex-aluno do Colégio, na *Vida do Servo de Deus Pe. José Cafasso*:

Apenas eleito reitor da igreja de S. Francisco em 1808, o Teól. Guala lançou imediatamente as primeiras bases para pôr em prática uma ideia cultivada havia algum tempo. Tomou consigo alguns sacerdotes para que o ajudassem nas celebrações da igreja, e quando pôde dispor de sete ou oito, uns pensionistas, outros externos, começou a fazer-lhes todos os dias uma breve conferência, lendo-lhes o Alasia, que era o texto das nossas escolas e confrontando-o com S. Afonso, que ele chamava “o nosso santo”. Tudo era feito às ocultas, em silêncio, com a prudência requerida pela condição dos tempos nos quais a pretensão de pôr pingos nos is nas opiniões de Alasia era coisa perigosa. A orientação do Teól. Guala era totalmente nova e inaudita entre nós, o que certamente não teria deixado de suscitar animosidades e obstáculos no momento em que a coisa passasse a ser de domínio público e chegasse aos ouvidos dos diretores da instituição e da arquidiocese.<sup>192</sup>

A obra de S. Afonso que melhor se prestava a um curso de preparação ao ministério das confissões era, provavelmente, o *Homo apostolicus*, que o próprio Pio Bruno Lanteri tinha difundido no Piemonte, despendendo muitas energias e dinheiro.

---

<sup>192</sup> G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio Don Giuseppe Cafasso, con cenni storici sul Convitto Ecclesiastico di Torino*. Turim 1895, 44-45.

Em todo caso, a orientação do Colégio Eclesiástico tendia a formar um pastor de almas “benigno na doutrina e amoroso no trato”.<sup>193</sup> De fato, o objetivo fundamental que brota do pensamento teológico moral de S. Afonso<sup>194</sup> é o de nunca permitir que o penitente desanime, embora sem renunciar ao mesmo tempo a “desempenhar o papel” de juiz.<sup>195</sup>

A opção pela benignidade visa principalmente à praxe do sacramento da penitência e da assim dita *formação dos confesso- res*, tanto que, segundo alguns autores, o *patrono dos confesso- res e moralistas* realizou, nesse campo, uma *revolução copernicana*, enquanto soube colocar “a pastoral em relação com a fragilidade humana”,<sup>196</sup> fazer “depender o perdão, mais da misericórdia do que da lei”,<sup>197</sup> e restituir “à confissão e ao confessor a função de um ato de amor”.<sup>198</sup> É graças ao seu empenho pastoral em meio aos condenados, os vagabundos, os excluídos, os fora-da-lei, os pobres que afluíam às “celebrações no fim da tarde”,<sup>199</sup> que Afonso intuiu a importância da confissão como meio privilegiado para

---

<sup>193</sup> P. BRAIDO, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, I. São Paulo 2008, 162-163. V. Gioberti acusará o Colégio Eclesiástico de *laxismo*, além de *jesuitismo* (cf. V. GIOBERTI, *Il gesuita moderno*, IV. Nápoles 1848, 279-281).

<sup>194</sup> Pode-se fazer remontar esta perspectiva à própria espiritualidade de S. Inácio. “Não se permita que ninguém vá embora com o coração amargurado”, escrevia S. Inácio a Simão Rodríguez. Na segunda regra do discernimento dos espíritos da primeira semana dos exercícios espirituais lemos: “É próprio de quem tem bom espírito infundir coragem e energias, consolações e lágrimas, inspirações e serenidade, diminuindo e removendo todas as dificuldades, para ir para a frente no caminho do bem”.

<sup>195</sup> Segundo S. Afonso, “os deveres que um bom confessor deve cumprir são quatro: o de pai, médico, doutor e juiz” (citado em F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996, 149).

<sup>196</sup> M. VIDAL, *Nuova morale fondamentale*, cit., 416.

<sup>197</sup> Loc. cit.

<sup>198</sup> Loc. cit.

<sup>199</sup> Loc. cit.

mostrar a benignidade misericordiosa de Jesus Redentor, e não para incutir o medo de Deus juiz e punidor. Das páginas ricas de concretude das suas obras, emerge um tipo de ministério no qual a fidelidade à misericórdia de Deus faz do confessor, em primeiro lugar, um pai e um médico, depois um doutor e um juiz.<sup>200</sup>

É quase supérfluo sublinhar quanto a vida espiritual e pastoral de Dom Bosco foi influenciada por estes ensinamentos. Eis a razão pela qual consideramos oportuno dedicar algumas páginas à questão dos sistemas morais.

A obra afonsiana não teve muitos seguidores entre os moralistas piemonteses. Ao rigorismo, embora mitigado, do *seminário maior* de Turim, contrapunha-se, assim, a orientação “afonsiana” do Colégio Eclesiástico. A partir dessa diferença de perspectivas, são compreensíveis as objeções que, muitos anos depois de ter saído do Colégio Eclesiástico, Dom Bosco opõe ao seu arcebispo, diante da exigência de que seus clérigos fossem obrigados a estudar no seminário maior de Turim. Dom Bosco percebia claramente que os seus jovens salesianos, se fossem formados para uma moral rigorosa, seriam inadequados para viver a própria missão em meio aos jovens.

Entre as várias razões aduzidas por Dom Bosco para rejeitar a obrigação de os clérigos salesianos ficarem no seminário como internos consta a *não confiabilidade* dos professores do seminário, em particular no campo da teologia moral, da hermenêutica sagrada e da história eclesial.<sup>201</sup> Na questão do difícil diálogo com o arcebispo de Turim, muitas vezes foram postos em

---

<sup>200</sup> Cf. S. MAJORANO, *Il confessore, pastore ideale nelle opere di sant'Alfonso*, in SM 38 (2000) 329.

<sup>201</sup> G. TUNINETTI, *Gli arcivescovi di Torino e Don Bosco fondatore* in DpFS, *Don Bosco fondatore della Famiglia Salesiana*, Roma 1989, 263.

evidência os aspectos humanos e de caráter dos “contendores”, mas podemos muito bem imaginar que esta diferença de perspectivas, na questão dos sistemas morais, exerceu um papel não indiferente.

## **S. Afonso, Dom Bosco e o apostolado da boa imprensa**

Ao apostolado da pregação e à ação pastoral, que exerceu sempre com grande espírito de caridade também durante os anos do seu episcopado para ir ao encontro das necessidades espirituais e sociais do povo, S. Afonso uniu o apostolado da pena, deixando em herança uma vastíssima produção literária, com mais de cem títulos, entre livros e opúsculos diversos, que podemos subdividir substancialmente em escritos morais, dogmáticos e espirituais. “Iniciou tarde e em ritmo lento sua atividade de escritor. Em 1728, quando tinha 32 anos, fez uma primeira tímida aparição mediante o livrinho das *Máximas eternas*;<sup>202</sup> seguiram-se depois alguns opúsculos pouco significativos; em 1745 apareceram as *Visitas ao Santíssimo Sacramento*”.<sup>203</sup> Somente próximo aos 50 anos começou a publicar as primeiras obras maiores, entre as quais a *Theologia moralis*, sua grande obra-prima dogmático-moral, na qual trabalhou a vida inteira.<sup>204</sup>

Nas pegadas de Afonso e na esteira das *Amizades Cristãs* de Diessbach, de Lanteri e Guala, Dom Bosco despendeu muitas

---

<sup>202</sup> O título completo do escrito é *Máximas eternas, isto é, meditações para cada dia da semana*.

<sup>203</sup> G. VELOCCI, *Sant'Alfonso de Liguori. Un maestro di vita cristiana*. Cinisello Balsamo 1994, 9.

<sup>204</sup> A nona e última edição da obra que o tornou famoso em todo o mundo é de 1786, quando S. Afonso já tinha 89 anos.

das suas energias para a difusão da boa imprensa. Pietro Stella escreve: “Dom Bosco não se deu descanso como escritor, editor e propagador, porque estava pessoalmente persuadido de que a pregação da boa-nova mediante a imprensa era um serviço que ele devia prestar sem falta à religião e uma explicação necessária para a sua vocação de educador da juventude e do povo”.<sup>205</sup>

João Bosco não foi somente um propagador das obras de S. Afonso nos anos oitocentos,<sup>206</sup> mas ele mesmo, em diversos escritos, inspirou-se diretamente em alguma obra do santo Doutor ou foi influenciado indiretamente pela sua doutrina e pela sua espiritualidade. Oportunamente escreve Pe. Stella:

Nas obras apologéticas Dom Bosco cita com certa frequência textos patrísticos, especialmente em favor do primado do romano pontífice, da autoridade jurisdicional e magisterial na Igreja, ou destinados a pôr em relevo erros que mais tarde a polêmica católica viu pulular novamente no protestantismo. Mas, pelo que parece, trata-se quase sempre de erudição de segunda mão, haurida de Bergier, Moore, Charvaz, Bellarmino, S. Afonso, ou de autores menores piemonteses.<sup>207</sup>

Em 1846 Dom Bosco publicou “como obra sua”<sup>208</sup> o opúsculo *Exercícios espirituais de devoção à misericórdia de Deus*. “Na verdade – o observa J. Aubry – o pensamento não é totalmente original: Dom Bosco tomou-o de S. Afonso e de alguma outra parte.”<sup>209</sup> Quanto à influência de S. Afonso sobre temas das prega-

---

<sup>205</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 247.

<sup>206</sup> E. VALENTINI, *Don Bosco e S. Alfonso*, cit., 69-71. Aqui o autor faz um elenco sumário das obras de S. Afonso publicadas por Dom Bosco.

<sup>207</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 239.

<sup>208</sup> Cf. MB X, 1333.

<sup>209</sup> J. AUBRY (ed.), *Giovanni Bosco. Scritti spirituali*, II. Roma 1976, 18.

ções juvenis de Dom Bosco, informa-nos o Pe. Stella: “As pregações que dele dispomos, em grande parte são compiladas nos primeiros anos de sacerdócio, isto é, nos anos que ele transcorreu no Colégio Eclesiástico. Os temas desenvolvidos são na prática os que eram comuns nas pregações dos anos setecentos-oitocentos, clarissimamente ligados aos esquemas dos exercícios espirituais de S. Inácio, à produção literária de Paulo Segneri e de S. Afonso, que Dom Bosco retoma diretamente ou de seguidores”.<sup>210</sup>

Pe. Stella observa ainda a propósito da concepção que Dom Bosco tinha a respeito da *oração de petição*:

Ao procurar as fontes literárias, encontramos nas raízes das páginas sobre a oração de petição termos que constam de tratados escolásticos, de moral e também de ascese; por exemplo, os da teologia moral de S. Afonso ou da obra afonsiana *Do grande meio da oração* [...]. S. Afonso insiste no valor da petição, como ato predisposto pelo próprio Deus, que nos dispõe a conformar a nossa vontade à de Deus e que nos insere na corrente de graças que levará à salvação eterna. Nessa perspectiva, ele conserva ou recupera o que via de bom na oração de quietude, e dá um grande relevo à sentença tornada célebre: Quem reza certamente se salva, quem não reza certamente se condena.<sup>211</sup> A afirmação afonsiana foi acolhida por Dom Bosco. Encontra-se inserida numa série de sentenças de *O jovem instruído* e repetida em pequenas alocuções ou conferências.<sup>212</sup> Na mente de Dom Bosco, a oração de petição é instrumento eficaz para obter graças espirituais e temporais.<sup>213</sup>

<sup>210</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 98.

<sup>211</sup> ALFONSO M. DE' LIGUORI, *Del gran mezzo della preghiera*, in *Opere ascetiche*, II. Turim 1846, 529.

<sup>212</sup> Cf. G. BOSCO, *Il giovane provveduto*. Turim 1847, 332; Id., *Avvisi ai cattolici*. Turim 1853, 28; MB IX, 180 (sonho de 1868 sobre o inferno).

<sup>213</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, cit., 342-343.

Os testemunhos autorizados poderiam multiplicar-se. Parece-nos poder afirmar que não existe outro escritor sacro fora de S. Afonso que tenha influenciado mais, de forma implícita ou explícita, direta ou indireta, a produção literária de S. João Bosco.

## **Ecos da espiritualidade afonsiana**

Aqui não temos a possibilidade de aprofundar, um por um, os muitos reflexos da espiritualidade de S. Afonso, facilmente reconhecíveis nos escritos de Dom Bosco e na sua pedagogia espiritual, mas é conveniente fazer pelo menos algum aceno a diversos temas fundamentais.

### *– A questão da comunhão frequente*

A convicção profunda da *centralidade da religião* no seu sistema educativo acompanhará constantemente a obra educativa de Dom Bosco, que ao tratar do Sistema Preventivo escreve: “A confissão e a comunhão frequentes, a missa quotidiana, são as colunas que devem reger um edifício educativo, do qual se queira manter distante a ameaça e o castigo”. Também nas biografias de Domingos Sávio e Francisco Besucco, Dom Bosco concedeu bom espaço à doutrina de S. Afonso a respeito da frequência sacramental, servindo-se particularmente de *A monja santa*, opúsculo do santo Doutor; entre os demais textos “bosquianos” inerentes a este tema, recordamos: *O mês de maio*, *O jovem instruído*, e dois pequenos opúsculos publicados nas *Leituras Católicas*, respectivamente, em 1866 e 1870: *Práticas devotas para a adoração do Santíssimo Sacramento* e *Nove dias consagrados a Maria Auxiliadora*.

Além disso, Dom Bosco se empenhou em propagar muitos outros escritos que tratavam deste argumento.<sup>214</sup> Lembramos alguns que foram publicados em anos diferentes na coleção das *Leituras Católicas: O céu aberto mediante a comunhão frequente*, do franciscano Carlos Felipe de Poirino; *Duas alegrias escondidas, isto é, a comunhão frequente e quotidiana e a castidade perfeita*, do Pe. José Frassinetti; *Sobre a santa comunhão*, de Monsenhor de Ségur.

– *A doutrina dos novíssimos*

Entre os temas mais visitados pela pedagogia “bosquiana” para a santidade, têm função importante os novíssimos: morte, juízo, inferno e paraíso. “Um dos enganos da pedagogia moderna – teria dito o santo educador – é o de não querer que na educação se fale das máximas eternas e particularmente do inferno”.<sup>215</sup>

Em algumas obras de Dom Bosco, dedicadas a este argumento, pode-se reconhecer o influxo dos ensinamentos de S. Afonso, facilmente constatáveis mediante um confronto das obras dos dois autores.

Por exemplo, no capítulo introdutório de *O jovem instruído*, intitulado *Do que precisa um jovem para se tornar virtuoso*, Dom Bosco convida explicitamente os jovens, destinatários da obra, a se dedicarem “a ler algum livro espiritual, como o texto *Preparação para a morte*, de S. Afonso.”<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup> Cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant’Alfonso*, cit., 54.

<sup>215</sup> MB II, 214.

<sup>216</sup> G. BOSCO, *Il giovane provveduto*, cit., 18.

A primeira parte do manual é constituída por sete considerações, uma para cada dia da semana, retiradas quase por inteiro das *Máximas eternas* de S. Afonso. A primeira consideração, praticamente repete, em ambos, o tema introdutório dos *exercícios espirituais* de S. Inácio, o do *fim do homem*.

O Pe. Eugênio Valentini, no seu *Dom Bosco e S. Afonso*, de 1972, demonstrou amplamente a dependência do texto *O mês de maio* da obra afonsiana.<sup>217</sup>

– *A devoção a Maria Virgem*

Também a respeito da devoção a Maria, como afirma ainda E. Valentini, “nas formas e no fervor, [Dom Bosco] era tipicamente afonsiano.”<sup>218</sup> No opúsculo *Nove dias consagrados a Maria Auxiliadora*, por exemplo, Dom Bosco cita sete vezes as *Glórias de Maria*,<sup>219</sup> a primeira grande obra de S. Afonso, de 1750.

No *Exercício de devoção à misericórdia de Deus*, novamente encontramos súplicas a Maria, claramente inspiradas em S. Afonso, como esta: “Ó amorosa Mãe das misericórdias, doçura e conforto dos pecadores, fazei com que eu seja atendido, dado que jamais se pediu a Deus alguma graça por vosso intermédio, sem que ela tenha sido concedida”.<sup>220</sup> O texto de Afonso aqui evocado é *Preparação para a morte*, onde lemos na 16ª Consideração, *Da misericórdia de Deus*: “Ó Maria, minha esperança, vós sois a mãe da misericórdia, pedi a Deus por mim e tende piedade de mim”.<sup>221</sup>

<sup>217</sup> Cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso*, cit., 58-59.

<sup>218</sup> *Ibidem*, 61.

<sup>219</sup> Cf. loc. cit.

<sup>220</sup> G. BOSCO, *Esercizio di divozione alla misericordia di Dio*. Turim 1846, 38.

<sup>221</sup> ALFONSO M. DE' LIGUORI, *Apparecchio alla morte*, in *Opere ascetiche*, II. Turim 1846, 154.

Em outro texto publicado em 1870, o opúsculo *Nove dias consagrados a Maria Auxiliadora*, Dom Bosco inspira-se na obra-prima mariana de S. Afonso, *Glórias de Maria*; várias vezes cita-o diretamente, em outras se refere à doutrina,<sup>222</sup> ao exemplo e à autoridade do santo Doutor: “Com frequência, em ponto de morte, Maria consola seus devotos aparecendo-lhes visivelmente [...]. S. Afonso repetia frequentemente: se sou devoto de Maria, tenho certeza de que irei para o céu”.<sup>223</sup>

– *A devoção ao Santíssimo Sacramento*

A prática da chamada breve visita ao Santíssimo Sacramento, que Dom Bosco tanto recomendava aos seus meninos, foi alimentada pelo conhecido opúsculo de S. Afonso: *Visitas ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima para cada dia do mês*.<sup>224</sup> Este livrinho teve tão grande sucesso que José Cacciatore chegou a escrever: “Podemos afirmar, sem medo de errar, que o despertar eucarístico europeu, ao longo da segunda metade do século XVIII e durante todo o século XIX, é devido a este livrinho, verdadeiro código da piedade afonsiana e da mais simples religiosidade católica”.<sup>225</sup>

---

<sup>222</sup> No *Nono dia*, por exemplo, Dom Bosco retoma a doutrina afonsiana da “assistência especial de Maria em ponto de morte”, da qual S. Afonso fala no parágrafo 3 do capítulo das *Glórias de Maria*, intitulado *Maria torna doce a morte para seus devotos* (cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant’Alfonso*, cit., 62).

<sup>223</sup> G. BOSCO, *Nove giorni consacrati a Maria Ausiliatrice*. Turim 1870, 94-95.

<sup>224</sup> Trata-se de uma reimpressão de 1748 da publicação original que tinha como título *Pensamentos e afetos devotos nas visitas ao Santíssimo Sacramento e à sempre Imaculada Santíssima Virgem*.

<sup>225</sup> G. CACCIATORE, *S. Alfonso de’ Liguori e il giansenismo. Le ultime fortune del moto giansenistico e la restituzione del pensiero cattolico nel secolo XVIII*. Florença 1942, 295.

A este respeito, Karl Keusch afirma:

Não foi S. Afonso quem introduziu na Igreja o pio costume da visita ao Santíssimo Sacramento do altar. Todas as almas piedosas, todos os santos de Deus, foi ali que alimentaram a própria fé, viram crescer as próprias forças. Todavia, cabe ao nosso santo o mérito de ter dado uma forma precisa a esta santa prática com as suas *Visitas*, bastante afetuosas e clássicas. Tendo elas adquirido uma forma fixa, determinou-lhes um lugar ao longo do dia e no plano de todas as obras destinadas a aperfeiçoar um lugar e um tempo determinado.<sup>226</sup>

Dom Bosco foi um grande propagador desta prática piedosa entre os jovens: testemunham-no todas as biografias de jovens escritas por ele. Diversas outras práticas de piedade introduzidas no Oratório, como a *Via Crucis* ou o Exercício da Boa Morte, de inspiração inaciana, podem ter sido influenciadas e alimentadas precisamente pela leitura das obras ascéticas de Afonso de Ligório.

– *Uma santidade ao alcance da mão*

Na época em que viveu S. Afonso a santidade parecia quase um privilégio ligado a outros privilégios: classe social, profissão, dinheiro, estudo... O santo napolitano, também sob este aspecto, foi um inovador e precursor dos tempos, pois se empenhou na *socialização* da santidade, ou seja, para torná-la universal e igualitária: “Deus nos quer todos santos – repetia Afonso – cada qual no próprio estado de vida: o religioso como religioso, o lei-

---

<sup>226</sup> K. KEUSCH, *La dottrina spirituale di S. Alfonso*. Milão 1931, 413.

go como leigo, o padre como padre, o casado como casado, o comerciante como comerciante, o militar como militar, e assim por diante”.<sup>227</sup>

Podemos resumir sua concepção com uma sua expressão eficaz: trata-se de uma santidade “ao alcance da mão”,<sup>228</sup> isto é, uma santidade acessível a todas as categorias de pessoas, de qualquer idade, cultura ou classe social.

Sobre estes ensinamentos funda-se a pedagogia de Dom Bosco. O santo de Turim escreve na introdução a *O jovem instruído*: “Apresento-vos um método breve e fácil para viver, mas suficiente, para que vos torneis a consolação dos vossos pais, a honra da pátria, bons cidadãos na terra para ser, depois, um dia, felizes habitantes do céu”.<sup>229</sup>

A preocupação principal de Dom Bosco é a salvação de todos os jovens; mas a sua proposta espiritual vai além. De fato, o olhar e o “elã educativo” do fundador dos salesianos miram mais alto, indicando com clareza que, não somente a salvação, mas a própria santidade é possível para todos.

#### – *A concepção da vida religiosa*

Uma última consideração deve ser feita a respeito da dependência de Dom Bosco de S. Afonso quanto à concepção da vida religiosa.

---

<sup>227</sup> ALFONSO MARIA DE’ LIGUORI, *Pratica di amare Gesù Cristo*, in *Opere ascetiche*. Roma 1996, 90.

<sup>228</sup> ALFONSO MARIA DE’ LIGUORI, *Lettere, I*, Introdução aos cuidados de Salvatore Brugnano. Roma 1887, 95.

<sup>229</sup> G. BOSCO, *Il giovane provveduto*. Turim 1847, 7.

Um primeiro documento a citar são as instruções pregadas por Dom Bosco durante os primeiros exercícios espirituais da nascente *Sociedade de S. Francisco de Sales*. De fato, a partir de 1866, iniciou-se a experiência dos exercícios espirituais “por conta própria” em Trofarello. Naquela ocasião e nos anos seguintes, Dom Bosco não pregava as meditações de manhã, mas as instruções, com a finalidade de dar aos seus colaboradores os primeiros, indispensáveis ensinamentos sobre a vida religiosa.

Narra o Pe. Barberis:

A nossa Pia Sociedade começou a assumir maior regularidade quando [...] os salesianos começaram a fazer os exercícios espirituais separados dos jovens, o que antes não tinha sido possível. Dom Bosco, pessoalmente, por muitos anos, pregava as instruções, e quando não lhe cabia pregá-las, orientava o retiro, coisa que fez até o fim da sua vida, tão grande era a importância que lhe atribuía.<sup>230</sup>

Destas instruções, conservamos, entre outros apontamentos, também um caderno manuscrito de Dom Bosco, com catorze grandes páginas numeradas, e um folheto contendo uma síntese, colado no início, com o título (escrito por Dom Bosco de próprio punho) *Anotações e esboços de exercícios espirituais escritos pelo senhor Dom Bosco para os Salesianos. 1869*.<sup>231</sup> O Pe. Eugênio Valentini demonstrou a dependência destas instruções

---

<sup>230</sup> G. BARBERIS, *Il vade mecum dei giovani salesiani. Ammaestramenti e consigli esposti agli ascritti e agli studenti della Pia Società di S. Francesco di Sales*, III. S. Benigno Canavese 1906, 277.

<sup>231</sup> Cf. ACS A 225.06.04. Cf. MB IX, 985ss. Sobre os documentos relativos aos exercícios espirituais de Trofarello; cf. G. BUCCELLATO, *Alla presenza di Dio. Ruolo dell'orazione mentale nel carisma di fondazione di San Giovanni Bosco*. Roma 2004, 284-294.

dos escritos ascéticos de S. Afonso Maria de Ligório,<sup>232</sup> mediante um confronto de algumas partes dessas instruções com o livro *A verdadeira esposa de Jesus Cristo*, de S. Afonso.

O texto mais significativo, porém, para confirmar a clara influência de S. Afonso sobre Dom Bosco fundador, é a introdução às *Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales*, sob o título: *Aos sócios salesianos*,<sup>233</sup> na edição de 1877, introdução que foi ampliada, em relação à de 1875, também graças a integrações atribuíveis ao Pe. Júlio Barberis.<sup>234</sup> Esta introdução, que ainda hoje consta, pelo menos em parte, do apêndice das Constituições da Sociedade,<sup>235</sup> nos oferece a concepção da vida religiosa do fundador dos salesianos e é de clara derivação afonsiana.

Pe. Júlio Barberis, de fato, serviu-se abundantemente de S. Afonso, particularmente de *Avisos referentes à vocação religiosa*, de 1750, para os breves capítulos sobre a vocação, e da *Verdadeira esposa de Jesus Cristo*, de 1760, para o capítulo sobre a caridade fraterna.<sup>236</sup> O Pe. Valentini escreve:

A introdução [de 1877] é composta por 15 breves capítulos, dos quais, mais de dez refletem a doutrina afonsiana por ele tantas vezes pregada. Aliás, de dois capítulos, que na prática são três, Dom Bosco declara expressamente a dependência de S. Afonso. De fato, numa nota ao se-

<sup>232</sup> Cf. E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso*, cit., 38.

<sup>233</sup> Esta introdução é a chave hermenêutica para uma melhor compreensão do texto constitucional.

<sup>234</sup> Os acréscimos do Pe. Júlio Barberis, primeiro mestre de noviços da Congregação Salesiana, foram revistos e corrigidos pelo próprio Dom Bosco, como se pode verificar pelo manuscrito conservado no arquivo da Casa Geral.

<sup>235</sup> Cf. *Constituições e Regulamentos da Sociedade de S. Francisco de Sales*. São Paulo 1984, 243-265.

<sup>236</sup> Cf. P. BRAIDO, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, II. São Paulo 2008, 272.

gundo capítulo, escreve: “Este capítulo e o seguinte exprimem os sentimentos de S. Afonso Maria de Ligório, Doutor da Santa Igreja”. E no fim do capítulo acrescenta: Até aqui S. Afonso, Doutor da Santa Igreja.<sup>237</sup>

Sobre o mesmo tema, o Pe. Pietro Braido escreve:

As fontes às que Dom Bosco recorre mais larga e explicitamente para compor as páginas *Aos sócios salesianos* correspondem, sem nenhuma dúvida, aos livros: *Exercício de perfeição e de virtudes cristãs (virtudes religiosas, no terceiro volume, que é o que mais interessa), do jesuíta Afonso Rodríguez (1541-1616); A verdadeira esposa de Jesus Cristo e Opúsculos sobre o estado religioso, do fundador dos redentoristas, S. Afonso Maria de Ligório (1696-1787).*<sup>238</sup>

Uma última consideração importante deve ser feita a respeito de um apêndice inserido no fim da terceira e última edição italiana das Constituições durante a vida do fundador, a de 1885. Neste apêndice, Dom Bosco quis que fossem inseridas seis cartas de S. Afonso Maria de Ligório, dirigidas aos seus religiosos e *muito úteis também para os salesianos.*<sup>239</sup>

Esta particularíssima opção, por si só, seria suficiente para testemunhar a estima e a consideração que o fundador dos salesianos tinha por S. Afonso Maria de Ligório, bispo de S. Ágata dos Godos.

---

<sup>237</sup> E. VALENTINI, *Don Bosco e Sant'Alfonso*, cit., 44.

<sup>238</sup> P. BRAIDO, *Don Bosco fondatore. “Ai soci salesiani” (1875-1885). Introduzione e testi critici*. Roma 1995, 37.

<sup>239</sup> G. BOSCO, *Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il Decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Torino 1885, 3ª edição, 87.

## **Documento: As cartas de S. Afonso nas Constituições de 1885**

As seis cartas de S. Afonso Maria de Ligório foram anexadas pela primeira vez ao texto constitucional em 1885. Trata-se de seis circulares dirigidas pelo fundador da Congregação dos Redentoristas aos seus religiosos, entre 1754 e 1774. Essas cartas se encontram no final do texto constitucional da Sociedade de S. Francisco de Sales e são precedidas pela carta de S. Vicente de Paulo, que na edição de 1877 fora posta entre a introdução e o texto constitucional.

As cartas são precedidas por uma premissa que diz: “Julgou-se conveniente acrescentar a estas Regras uma carta de S. Vicente de Paulo e várias outras de S. Afonso Maria de Ligório, fundador, o primeiro, da Congregação dos Missionários de S. Lázaro, e o segundo, da Congregação do Santíssimo Redentor. Delas, os salesianos podem aprender a importância de serem fiéis às próprias Regras, e de dar atenção às pequenas coisas, vivendo como bons religiosos e perseverando na própria vocação. Portanto, leiamos-las de quando em quando, tendo em mente que se trata de dois santos que falam”.<sup>240</sup>

[...]. Dom Bosco as escolheu entre muitas outras do mesmo autor e, evidentemente, faz suas as preocupações do fundador dos redentoristas, seus sentimentos apaixonados, as recomendações sobre a fidelidade à vocação, sobre a obediência, a necessidade de manter o espírito das origens, a pobreza, a piedade. Elas representam um testemunho precioso dos temores que havia no

---

<sup>240</sup> *Regras ou Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales. Segundo o decreto de aprovação de 3 de abril de 1874, 87.*

coração de Dom Bosco diante dos riscos inerentes à rápida expansão da Sociedade.

Não esqueçamos o fato de que estas mesmas preocupações tinham inspirado pouco tempo antes, embora a respeito de temas diferentes, a chamada de atenção de 1884. “*Não me assusta – escreve S. Afonso – o temor da pobreza, nem das enfermidades ou das perseguições; o que me aterroriza é o temor de que alguns de vós, um dia, seduzidos por alguma paixão, abandonem a casa de Deus e voltem para o mundo, como ocorreu com vários que, por certo tempo pertenceram à Congregação e agora estão fora dela e vivem sem paz*”.

A colocação muito específica dessas cartas no texto das Regras, quase no final da existência humana do fundador, faz delas uma espécie de *testamento espiritual* de Dom Bosco para os seus. Lendo-as, é possível reconhecer, como que em transparência, os sentimentos do fundador, algumas recomendações manifestadas em outras partes e o amor intenso que ligou Dom Bosco, assim como S. Afonso, às respectivas fundações.<sup>241</sup>

---

<sup>241</sup> N. do T.: Cf. G. BUCCELLATO, *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. LEV, Roma 2013, 132-154.

## CAPÍTULO VI

### S. JOSÉ CAFASSO, PAI DO NOSSO PAI

**“Se fiz um pouco de bem, devo a este digno eclesiástico....”**

Braço direito de Guala era o Pe. Cafasso... No padre de Turim, Félix Golzio<sup>242</sup>, também do Colégio, escondia-se verdadeira mina de ouro. Na sua vida modesta pouco barulho fez; mas com seu trabalho indefesso, com sua humildade e ciência era um verdadeiro apoio, ou melhor, o braço direito de Guala e Cafasso... Eram eles os três modelos que a divina Providência me oferecia, e dependia só de mim seguir suas pegadas, a doutrina e as virtudes. O Pe. Cafasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, e se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades.<sup>243</sup>

José Cafasso e João Bosco nasceram a poucos anos de distância, respectivamente em 1811 e 1815, em Castelnuovo d’Asti, município que a partir de 1817 passará a fazer parte da diocese de Turim.

---

<sup>242</sup> Félix Golzio (1807-1873) foi diretor espiritual no Colégio Eclesiástico; aluno do Pe. Cafasso, depois tornou-se seu confessor. Era dotado de grande humildade e ciência, como testemunha Dom Bosco. Após a morte do Pe. Cafasso, em 1860, sucedeu a este e foi confessor de Dom Bosco até 1873, ano em que veio a falecer.

<sup>243</sup> MO 120.

Fisicamente pouco dotado, “pequeno de estatura, olhos brilhantes, ar afável, rosto angélico”,<sup>244</sup> Cafasso foi um dos primeiros alunos do novo seminário de Chieri em 1827. Em 1833, logo depois da ordenação presbiteral, entrou para o Colégio Eclesiástico de Turim, onde permaneceu, antes, como estudante, depois, como repetidor e docente de teologia moral<sup>245</sup> e, finalmente, como reitor após a morte do Teól. Guala em 1848; conservou este cargo até sua morte, ocorrida em 22 de junho de 1860.

Além do ensino da moral, o Pe. Cafasso dedicou-se de modo particular à pastoral dos presos e dos condenados à morte e à pregação de exercícios espirituais ao clero e aos leigos.

O influxo exercido pela doutrina e pelo zelo pastoral de S. José Cafasso sobre o clero de Turim foi muito profundo. Embora seu raio de ação possa parecer limitado aos alunos do Colégio Eclesiástico, ele, como oportunamente observa o Pe. Flávio Accornero, foi mestre de sacerdotes e, portanto, “multiplicou” seu ascendente sobre a Igreja do Piemonte:

Foi um homem capaz de opor-se ao mal e de conduzir a batalha do Senhor, desempenhando com zelo indizível sua atividade em favor das almas, como sacerdote e como mestre de sacerdotes. Precisamente por ter trabalhado num campo restrito e fechado, como são o confessionário, o púlpito e a escola de um colégio, para Cafasso resulta um título de indiscutível penetração, pois ele trabalhou formando multiplicadores: todo o clero do Piemonte pode-se dizer teve-o como inspirador e animador em função de novos caminhos, todos os diretores de

<sup>244</sup> A descrição é do próprio Dom Bosco em MO 51.

<sup>245</sup> O Pe. Cafasso foi professor de teologia moral prática por 24 anos, tendo como referência fundamental a doutrina de S. Afonso Maria de Ligório, enquanto no ensino oficial ainda dominava uma orientação rigorista.

almas tiveram-no como orientador. Sua doutrina, suas palavras, suas ideias passaram de sacerdote a sacerdote, de paróquia a paróquia, de alma a alma... Portanto, pode-se constatar um florescimento de alunos, de fundadores de instituições religiosas, de orientações ascéticas e morais, de caminhos de santidade iniciados. Quanto há de Cafasso na sua atividade e santidade? Certamente, muitos elementos que brotaram da fonte do santo penetraram na vida desses homens que representam as personalidades espiritualmente mais conhecidas do século XIX piemontês e que, na sua gigantesca estatura espiritual, provam a bondade e a força da semente da qual tiveram origem.<sup>246</sup>

A biografia de Cafasso, publicada por Luís Nicolis Di Robilant em 1912, assinala, entre os muitos discípulos que usufruíram do dom do discernimento do Pe. Cafasso, bispos, sacerdotes, fundadores, homens de todas as classes e culturas; em particular, entre os fundadores, o biógrafo assinala o Pe. Aglesio, primeiro sucessor do Cottolengo; a marquesa Júlia Falletti di Barolo; o Pe. João Cocchi; Domingos Sartori, fundador das Filhas de S. Clara; Francisco Faà di Bruno; o Teól. Gaspar Saccarelli, fundador do Instituto da Sagrada Família; Francisco Bono, fundador das Irmãs do Santo Natal; Clemente Marchisio, fundador das Filhas de S. José; Lourenço Prinotti, fundador do Instituto dos Surdos-mudos Pobres;<sup>247</sup> e finalmente, o nosso Dom Bosco, ao qual Di Robilant dedica um capítulo inteiro sobre o relacionamento com o Pe. Cafasso.<sup>248</sup>

---

<sup>246</sup> F. ACCORNERO, *La dottrina spirituale di san Giuseppe Cafasso*. Turim 1958, 155.157.

<sup>247</sup> Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso confondatore del Convitto ecclesiastico di Torino*, II. Turim 1912, 202-208.

<sup>248</sup> Cf. *Ibidem*, 208-230.

Além de doutor – escreve Di Robilant –, superior de comunidade, confessor e apóstolo, o Venerável era também chamado *Vir consiliorum*. De fato, sabe-se – foi escrito a respeito dele quando morreu – que tanto na capital, como no interior, qualquer um, do clero ou do laicato, que precisasse de conselhos e de uma direção para pôr em ordem a própria consciência [...] recorria ao Pe. Cafasso como a uma fonte segura. Começando pelos bispos, passando por todas as camadas de qualquer sociedade, até àqueles que o mundo considera insignificantes [...], todos encontravam nele a palavra adequada que, isenta de influxos meramente humanos, para todos revestia-se da marca divina da verdade e se adequava a todas as situações sociais.<sup>249</sup>

## Um encontro que marca uma vida

O primeiro encontro de Dom Bosco com Cafasso é narrado nas *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales*. Segundo as lembranças do autor das *Memórias*, que escreve à distância de muitos anos daqueles acontecimentos, era o segundo domingo do mês de outubro de 1827. Os moradores de Morialdo, povoado próximo a Castelnuovo d’Asti, celebravam a festa da Maternidade de Maria. Eis como o episódio é narrado por Dom Bosco:

Muitos andavam atarefados em casa ou na igreja, enquanto outros se mantinham como espectadores ou tomavam parte em jogos ou brinquedos diversos. Só vi uma pessoa longe de qualquer espetáculo. Era um clé-

---

<sup>249</sup> Ibidem, 149-150. As duas citações referidas são extraídas de dois jornais da época, *L’Armonia* e *Il Campanile*.

rigo<sup>250</sup> de pequena estatura, olhos cintilantes, aparência afável, rosto angélico. Apoiava-se à porta da igreja. Fiquei como que fascinado pela sua figura, e apesar de ter apenas 12 anos, movido pelo desejo de falar-lhe, aproximei-me e dirigi-lhe estas palavras: “Senhor cura, quer ver algum espetáculo da nossa festa? Eu o levo com muito gosto aonde desejar”. Ele fez gentilmente um sinal para que me aproximasse e começou a perguntar sobre minha idade, sobre o estudo, se já havia recebido a sagrada comunhão, com que frequência me confessava, aonde ia ao catecismo e coisas assim. Fiquei encantado por aquela maneira edificante de falar, respondi com satisfação a todas as perguntas e depois, como para agradecer-lhe a afabilidade, renovei o oferecimento de acompanhá-lo para ver algum espetáculo ou novidade. “Meu caro amigo, replicou, os espetáculos dos padres são as funções de igreja, quanto mais devotamente se celebrarem, tanto mais agradáveis serão. Nossas novidades são as práticas da religião, que são sempre novas e, por isso, deve-se frequentá-las com assiduidade. Estou só esperando que se abra a igreja para poder entrar.” Criei coragem para continuar a conversa e acrescentei: “É verdade tudo quanto me diz. Mas há tempo para tudo: tempo para ir à igreja e tempo para divertir-se”. Ele se pôs a rir e concluiu com estas memoráveis palavras, que foram como o programa de toda a sua vida: “Quem abraça o estado eclesiástico entrega-se ao Senhor, e nada do mundo deve interessá-lo, a não ser o que pode redundar em maior glória de Deus e proveito das almas”.<sup>251</sup>

---

<sup>250</sup> José Cafasso vestira o hábito clerical no dia 1º de julho de 1827, com a idade de 16 anos.

<sup>251</sup> MO 47-48.

É quase supérfluo sublinhar que as lembranças de Dom Bosco são entregues a uma Congregação recém-nascida para servir “de norma para superar as dificuldades futuras” e “como penhor do seu carinho paterno”.<sup>252</sup> Portanto, podemos supor que a visão um tanto austera da vida presbiteral, que emerge da resposta final do Pe. Cafasso, seja uma espécie de admoestação de Dom Bosco aos seus primeiros salesianos.

A relação de “acompanhamento espiritual” que desde o início surge entre o Pe. Cafasso e Dom Bosco caracteriza-se por forte assimetria. Embora sejam quase coetâneos, não é possível reconhecer nessa relação os sinais de uma “amizade”. Cafasso, de fato, será sempre para Dom Bosco uma guia, além de um docente, um mestre de vida sacerdotal e generoso benfeitor. A insistência sobre a virtude da obediência, a autoridade indiscutida do pai espiritual, os reflexos de um contexto familiar patriarcal, justificam a solidez e a consistência de uma relação na qual as respectivas funções aparecem bem definidas e distintas.

A respeito das relações que intercorrem entre os dois santos, assim testemunhou D. João Cagliero, então arcebispo de Sebaste e vigário apostólico da Patagônia, no processo de beatificação do Pe. Cafasso:

O nosso Dom Bosco tinha uma veneração pelo Pe. Cafasso muito especial, íntima e unida a um santo afeto que o ligava a ele e o tornava humilde discípulo diante da bondade e santidade do seu grande mestre, e durante vinte anos teve-o como diretor espiritual, único amigo, confidente e conselheiro. Nós que tínhamos um conceito elevadíssimo da bondade e das virtudes de Dom Bosco, unido ao mais intenso afeto e a uma profundíssima vene-

---

<sup>252</sup> MO 230.

ração pela sua santidade, formávamos um conceito ainda maior a respeito do seu mestre, Pe. Cafasso, da sua bondade, das suas virtudes e da sua santidade. Eu mesmo, em diversas circunstâncias em que tive a oportunidade de encontrar-me com o Ven. Cafasso e ouvir suas fervorosas exortações, persuadi-me da verdade do que Dom Bosco nos contava a respeito dele.<sup>253</sup>

A assimetria desta relação nada tira da sua forte conotação afetiva; testemunha-o a reação de Dom Bosco à notícia da morte improvisa do seu mestre. “Dom Bosco – narra o Pe. Lemoyne – fora avisado às pressas de que o Pe. Cafasso estava nas últimas. Imediatamente correu, junto com o jovem Francisco Cerruti, e chegou quando tinha acabado de expirar. Atirou-se de joelhos ao lado da cama e rompeu em grande pranto”.<sup>254</sup>

### **Discernimento baseado na autoridade moral do Pe. Cafasso**

Uma característica particular do acompanhamento espiritual do Pe. Cafasso, frequentemente sublinhada pelos biógrafos, é sua autoridade moral. Di Robilant escreve: “As orientações do nosso Venerável, além de claras, prontas e incisivas, eram repletas de eminente credibilidade moral [...]. Tanta segurança, unida a outros dotes, não deixavam a mínima hesitação em quem o interrogava; apesar disso, suas respostas, enquanto serenavam o

---

<sup>253</sup> *Taurin. Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso sacerdotis saecularis Collegii Ecclesiastici Taurinensis moderatoris. Positio super introductione causae.* Roma 1906, 482.

<sup>254</sup> MB VI, 648.

coração, eram consideradas um verdadeiro oráculo por quem as tinha provocado”.<sup>255</sup> “Destas persuasões – escreve ainda o biógrafo – de que ele fosse assistido por luzes sobrenaturais no aconselhamento, nascia precisamente a docilidade a que se acenou por parte dos que a ele recorriam”.<sup>256</sup>

Esta observação permite-nos compreender melhor a docilidade com que Dom Bosco costumava entregar-se confiadamente à guia do seu mestre.

Percorrer rapidamente as muitas situações nas quais a vida de Dom Bosco recebeu uma decidida orientação graças à intervenção autorizada do Pe. Cafasso pode ser, para nós, motivo de admiração. Depois do primeiro encontro, ocorrido provavelmente, não em 1827, mas em 1829,<sup>257</sup> a guia e o apoio do Pe. Cafasso foram decisivos para a consciência reflexa de Dom Bosco, em algumas situações particulares de discernimento:

– na decisão de não abandonar os estudos para poder abraçar o estado eclesiástico;<sup>258</sup>

– na decisão de não entrar para o noviciado dos franciscanos reformados no convento de Nossa Senhora dos Anjos;<sup>259</sup>

– na decisão de entrar para o seminário de Chieri;<sup>260</sup>

---

<sup>255</sup> L.N. DI ROBILANT, *Vita dei venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit.,153.

<sup>256</sup> *Ibidem*, 156.

<sup>257</sup> Cf. J. KLEIN-E. VALENTINI, *Una rettificazione cronologica delle “Memorie di San Giovanni Bosco”*, in *Salesianum* 17 (1955) 3-4, 581-610. Ao passo que as *Memórias do Oratório* situam este primeiro encontro em 1827.

<sup>258</sup> Cf. MO 110; MB I, 287.

<sup>259</sup> Cf. MB I, 303.

<sup>260</sup> Cf. MB I, 305.

– em dissipar as dúvidas que precederam a vestidura clerical e o pedido de admissão às ordens sagradas;<sup>261</sup>

– na decisão de entrar para o Colégio Eclesiástico logo depois da ordenação sacerdotal e da primeira missa celebrada por Dom Bosco na igreja de S. Francisco de Assis, anexa ao Colégio Eclesiástico, onde o Pe. Cafasso era “coordenador das conferências”;<sup>262</sup>

– na orientação das primeiras experiências pastorais;<sup>263</sup>

– em dissuadi-lo de partir para as missões e de entrar para a vida religiosa na Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, no fim de um turno de exercícios espirituais;<sup>264</sup>

– em contribuir para determinar a orientação geral da sua vida apostólica, também no que se referia ao apostolado da *boa imprensa*;<sup>265</sup>

– em orientar alguns projetos particulares da vida do nascente Oratório de S. Francisco de Sales.<sup>266</sup>

Uma das experiências formativas mais importantes do Colégio Eclesiástico era a oportunidade oferecida aos jovens sacer-

---

<sup>261</sup> Cf. MB I, 363-364.

<sup>262</sup> Cf. MO 116-117. 111; MB II, 38-39.

<sup>263</sup> Cf. MO 120ss.

<sup>264</sup> Cf. MB II, 203; L.N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, cit., 215-216.

<sup>265</sup> Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 222.

<sup>266</sup> Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 216-221. Pe. Cafasso apoiou desde o início a obra de Dom Bosco, não só espiritualmente, mas também como generoso benfeitor. Ao morrer, o Pe. Cafasso constava ainda como proprietário de uma parte do Oratório de S. Francisco de Sales, que ele deixou em herança a Dom Bosco, junto com uma oferta em dinheiro e o perdão de todas as dívidas (cf. G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio Don Giuseppe Cafasso, con cenni storici sul Convitto ecclesiastico di Torino*. Turim 1895, 198).

dotes de viver experiências apostólicas “guiadas” em ambientes particularmente difíceis, que lhes permitiam aumentar a bagagem humana e espiritual e, ao mesmo tempo, orientar-se quanto à opção do apostolado mais conveniente com vistas a um compromisso definitivo.

Também nisto a participação de Cafasso foi determinante. “Além de formar seus discípulos para a vida sacerdotal – esclarece o primeiro biógrafo, Colombero, ele mesmo ex-aluno do Colégio Eclesiástico – nosso sábio preceptor, na direção do Colégio, dedicava-se também a outro objetivo importante: conhecer em profundidade os seus alunos, seu caráter, suas disposições, suas tendências, a fim de, após dois anos de estudo, poder atribuir-lhes uma colocação conveniente. Este tipo de acompanhamento ele o punha em prática nas conversas de ordem pessoal, no quarto de hora de recreio que passava conosco, à mesa, enfim, por toda parte, ao longo do ano”.<sup>267</sup>

### **Influxo de um relacionamento muito particular**

Este especial acompanhamento, feito “a partir de dentro”, de relações simples e diárias, será decisivo para orientar a vida e a missão do fundador dos salesianos para com a juventude em perigo.

Na *Apresentação* da reedição da *Biografia do Sacerdote José Cafasso exposta em dois discursos fúnebres*,<sup>268</sup> por ocasião

---

<sup>267</sup> G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio Don Giuseppe Cafasso*, cit., 93-94.

<sup>268</sup> G. BOSCO, *Biografia del Sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim 1860.

do ano centenário da morte do diretor espiritual de Dom Bosco, 1960, Pe. Eugênio Valentini escreveu:

Humanamente falando, sem S. José Cafasso, nós não teríamos tido S. João Bosco, e provavelmente nem a Congregação Salesiana. Foi ele que o aconselhou, guiou na opção da própria vocação, defendeu e apoiou nos momentos difíceis da vida. A espiritualidade do mestre transfundiu-se em boa parte no discípulo, e nós, hoje, relendo essas páginas à distância de um século, percebemos facilmente o entrelaçamento e, por assim dizer, a fusão dessas duas espiritualidades... Pe. Cafasso foi para Dom Bosco o mestre, o diretor espiritual, o confessor, o benfeitor por excelência. Ora, este influxo de íntimas relações, durante o espaço de trinta anos, só podia deixar uma marca profunda, e que marca! na vida do discípulo. Esta é a primeira razão, a razão realmente objetiva, pela qual a espiritualidade de Cafasso se transfundiu em S. João Bosco.<sup>269</sup>

Saindo do Colégio Eclesiástico,<sup>270</sup> Dom Bosco continuou a confessar-se semanalmente com o Pe. Cafasso até sua morte, ocorrida em 1860; por longos períodos foi todos os dias ao Colégio Eclesiástico para estudar e retirar-se num quarto reservado para ele, em particular para a preparação das *Leituras Católicas*, em razão das quais usava frequentemente a biblioteca do Colégio.<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> E. VALENTINI, *Presentazione*, in E. Valentini (ed.), *San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate nel 1860 da San Giovanni Bosco*. Turim 1960, 6.

<sup>270</sup> Dom Bosco esteve no Colégio Eclesiástico por três anos em vez de dois, como era previsto pelo programa ordinário. Colombo atesta que este favor “era concedido aos jovens que mais se distinguiam pela piedade e pelo estudo (cf. G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio Don Giuseppe Cafasso*, cit., 190).

<sup>271</sup> Cf. L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 222-223.

Das conferências diárias de moral, Dom Bosco, além dos ensinamentos de S. Afonso, assimila também a benignidade do seu mestre e a sua visão do sacerdócio. Tanto quanto seu mestre, Dom Bosco é um homem de Deus, dado à pregação e ao confessional, otimista, convencido de que a santidade é possível também para os seus jovens, homem de oração e de estudo. Como o Pe. Cafasso, ele é um zeloso operário da caridade, sensível e atento às necessidades do “povo mais simples”, dos operários, dos jovens imigrados; capaz de *sentire cum Ecclesia*, como o seu mestre, foi marcadamente “florromano” em todas as questões, não só religiosas, mas também políticas, em atitude crítica em relação a todas as tensões sociais que, naqueles anos, viam o Papa como um possível antagonista; também ele não combaterá com as armas da política, mas com o anúncio apaixonado do Reino de Deus e a difusão da *boa imprensa*.

O afeto, a estima e o reconhecimento de Dom Bosco para com seu mestre são testemunhados pelo desejo de guardar e perpetuar sua memória.

O Servo de Deus Pe. José Allamano, filho de uma irmã do Pe. Cafasso, escreve:

Por sugestão dada pelo Servo de Deus Pe. João Bosco, um ano antes de sua morte, a fim de conservar a memória do Ven. Pe. José Cafasso, enviei uma circular a todas as pessoas que sabia que tinham conhecimento dele, a fim de recolher notícias a respeito da sua vida. Depois, entreguei essas memórias ao Côn. Colombero, pároco de S. Bárbara em Turim.<sup>272</sup>

---

<sup>272</sup> Taurin. *Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso...*, 10.

A de Colombero será a primeira, verdadeira, documentada, biografia de Cafasso. Dom Bosco, antes de Colombero, acariciou por muito tempo a ideia de escrever a Vida do seu mestre; assim testemunhou um seu sobrinho, afirmando também que nunca pôde realizar o projeto; segundo afirmação de Dom Bosco, o motivo foi o misterioso desaparecimento dos documentos recolhidos por ele e guardados num armário do Oratório.<sup>273</sup>

### **A Biografia do Pe. José Cafasso, de 1860**

No dia 23 de junho de 1860 morre o Pe. José Cafasso, com quarenta e nove anos de idade.

Duas semanas depois, na igreja do Oratório, com a voz interrompida várias vezes pela emoção,<sup>274</sup> Dom Bosco celebra uma missa de sufrágio. Cerca de dois meses mais tarde, no dia 30 de agosto, é celebrada outra missa na igreja de S. Francisco de Assis, anexa ao Colégio Eclesiástico; também nesta ocasião Dom Bosco pronuncia o elogio fúnebre.

No fim do ano, os dois discursos são reunidos num único fascículo das *Leituras Católicas*. Dom Bosco acrescenta uma introdução, o texto dos avisos sacros expostos por ocasião da morte do seu mestre, algumas orações devocionais que o Pe. Cafasso promovia, prometendo que, num segundo tempo, voltaria a trabalhar para redigir uma verdadeira e própria biografia.

---

<sup>273</sup> Esta confidência, ele a teria recebido do próprio Dom Bosco, já próximo da morte (cf. E. VALENTINI, *Presentazione*, in *San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate...*, cit., 33-34).

<sup>274</sup> Cf. D. RUFFINO, *Cronache dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. n. 1, 1860, 10.

A frequência e a profundidade do relacionamento que corria entre estes dois santos, obriga-nos a nos aproximarmos dessas páginas com particular atenção.

“Quem és tu, pergunto a mim mesmo – afirma Dom Bosco em certo ponto – que pretendes expor as gestas maravilhosas deste herói? Não sabes que as suas mais belas ações só são conhecidas por Deus?”<sup>275</sup>

A despeito desta premissa, é precisamente sobre a vida “pessoal” que Dom Bosco quer concentrar a atenção do leitor. “Por vida particular entendo especialmente o exercício das virtudes praticadas em suas ocupações pessoais e familiares, nas situações que em geral pouco se mostram aos olhos do mundo, mas que talvez sejam as mais meritórias diante de Deus”.<sup>276</sup>

O que mais impressiona nesses dois discursos é a capacidade que Dom Bosco mostra de saber colher, na experiência espiritual de Cafasso, uma especial síntese de caridade e ascese, de trabalho incansável e oração.

Quanto à vida juvenil de Cafasso, nosso autor observa: “Com que assiduidade ele vai à igreja, participa das celebrações sagradas, frequenta os sacramentos! A partir daí é que começam as maravilhas. Ele vai ouvir a palavra de Deus, em seguida repete-a aos colegas e amigos. Trabalha, mas suas fadigas misturam-se com jaculatórias, atos de paciência, oferecimento contínuo do seu coração a Deus”.<sup>277</sup>

À caridade heroica, Pe. Cafasso acrescenta um profundo espírito de oração:

---

<sup>275</sup> G. BOSCO, *Biografia del Sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim 1860, 18.

<sup>276</sup> *Ibidem*, 25.

<sup>277</sup> *Ibidem*, 68.

O Pe. Cafasso, incansável, dedica-se ao estudo da história sagrada, da história eclesiástica, dos santos padres, da teologia moral, dogmática, ascética, mística, da pregação, prepara casos para o curso nas paróquias, toma exames de confissão e, no entanto, eu venho a esta igreja e o vejo ajoelhado, rezando diante do altar de Maria, ou, prostrado, adora o Santíssimo Sacramento, ou então ainda atende as confissões rodeado de longa fila de fiéis ansiosos por expor-lhes as angústias da própria consciência e receber dele as normas para bem viver: ide ao santuário da Consolata e vede o Pe. Cafasso praticando algum exercício de piedade; visitai as igrejas onde se celebram as Quarenta Horas, e lá também o encontrais prostrado desafogando seus doces afetos para com seu amado Jesus.<sup>278</sup>

Sobre o mesmo tema do primeiro discurso fúnebre ainda se lia: “Mesmo durante o mais rigoroso frio do inverno, mesmo quando sofria dores de estômago, de dentes, de tal modo que com dificuldade conseguia ficar de pé, ele, antes das quatro da manhã, já estava de joelhos, rezando, meditando ou desempenhando alguma ocupação”.<sup>279</sup>

Qual é o “segredo” desta “maravilhosa quantidade de ações tão diversificadas” que, apesar disso, não afastam o santo da sua vida de oração? Dom Bosco individua não um segredo, mas cinco:<sup>280</sup> sua constante tranquilidade, a longa prática dos problemas unida a uma grande confiança em Deus, a exata e constante ocupação do tempo, sua temperança, a parcimônia no repouso.

---

<sup>278</sup> Ibidem, 89-90.

<sup>279</sup> Ibidem, 33.

<sup>280</sup> Cf. Ibidem, 91-97.

A este respeito, Dom Bosco escreve:

Pe. Cafasso, ao praticar a parcimônia no repouso, ganhou tempo. O único descanso que ao longo do dia permitia a seu corpo debilitado eram os três quartos de hora depois do almoço, durante os quais, trancado em seu quarto, em geral rezava, meditava ou se dedicava a alguma prática especial de piedade. À noite, era sempre o último a deitar e, pela manhã, o primeiro a levantar. O tempo do seu repouso noturno nunca ia além de cinco horas, muitas vezes era de quatro, às vezes, somente de três. Costumava dizer que um homem de Igreja deve acordar somente uma vez por noite. Com essas palavras ele nos garante que, acordando, fosse qual fosse a hora, logo se levantava para rezar, meditar ou fazer alguma ocupação.<sup>281</sup>

Estes eram os segredos que ele “não conseguiu manter suficientemente escondidos sem que viessem à tona para os que admiravam suas santas ações e se espelhavam em suas raras virtudes”,<sup>282</sup> e que suscitam a admiração agradecida do seu discípulo e nos permitem ainda uma vez conhecer mais em profundidade o “sentir” de Dom Bosco.<sup>283</sup>

O Pe. Eugênio Valentini, a propósito desta *Biografia* e da *afinidade espiritual* entre os dois santos, escreveu: “Há outra ra-

---

<sup>281</sup> Ibidem, 95.

<sup>282</sup> Ibidem, 92.

<sup>283</sup> Há uma singular incongruência numa citação do Pe. Juan Vecchi, Reitor-Mor, na carta *Quando rezardes, dizei “Pai nosso”*, de 2001. Eis o que escreve Dom Bosco: “Mediante estes cinco segredos, o Pe. Cafasso encontra o modo de fazer muitas coisas diferentes em pouco tempo e, assim, levar a caridade ao mais sublime grau de perfeição”. Na citação do Pe. Vecchi lê-se: “Mediante estes quatro segredos – conclui Dom Bosco –, o Pe. Cafasso encontrava o modo de fazer muitas coisas diferentes e levar a caridade ao mais sublime grau de perfeição”. O segredo que “desaparece” na carta do Reitor-Mor é precisamente o da oração durante a noite...

ção... pela qual encontramos nestas páginas tão admiráveis coincidências. É que cada homem, quando retrata os outros, em boa parte retrata a si mesmo. De fato, nós só vemos nos outros os aspectos que nos impressionam, que permanecem dentro da esfera dos nossos interesses, que revelam parte das soluções dos problemas que nos preocupam”.<sup>284</sup>

Esta hipótese sugestiva parece encontrar confirmação em alguns testemunhos da tradição salesiana. “O único descanso que ao longo do dia permitia a seu corpo debilitado eram os três quartos de hora depois do almoço...” escrevera Dom Bosco na biografia do Pe. Cafasso.

Em 29 de setembro de 1926, o Pe. Felipe Rinaldi, então Reitor-Mor da Congregação Salesiana, dirigia ao Card. Antônio Vico, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, uma carta na qual, vinculando-se com juramento, entre outras coisas, afirmava:

Nos últimos anos..., ele costumava retirar-se todos os dias em seu quarto entre as 14 e as 15 horas. Os superiores não permitiam que nessa hora alguém fosse incomodá-lo. Mas, sendo eu, desde 1883 até a morte do Servo de Deus, encarregado de uma casa de formação de aspirantes ao sacerdócio, e tendo-me ele dito que o procurasse onde ele estivesse sempre que eu precisasse, talvez com indiscrição, certo de poder encontrar-me com ele com mais comodidade, rompi diversas vezes a norma. Isto aconteceu não somente no Oratório, mas também em Lanzo e em San Benigno Canavese, aonde se retirava com frequência; aconteceu também em Mathi e na casa de S. João Evangelista em Turim. Pois bem, muitas vezes

---

<sup>284</sup> E. VALENTINI, *Presentazione*, in *San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate*, cit., 6-7.

fui ter com ele para falar-lhe precisamente nessa hora; em qualquer lugar e sempre, surpreendi-o recolhido, com as mãos juntas, em meditação.<sup>285</sup>

A correspondência é singular, mas não surpreende; nada mais natural do que o discípulo assimilar os hábitos do mestre, em cujas mãos depusera, por tantos anos, *toda decisão, todo estudo, toda atividade da própria vida*.<sup>286</sup>

Também quanto aos “hábitos noturnos” do Pe. Cafasso é possível encontrar uma correspondência na vida de Dom Bosco. Até a idade de quarenta e cinco anos, segundo uma confidência feita por ele mesmo ao Pe. Lemoyne no dia 5 de abril de 1884, Dom Bosco não dormiu mais de cinco horas por noite; inclusive, cada semana, saltava uma noite inteira;<sup>287</sup> só mais tarde, vencido pela doença, mitigou este seu severo estilo de vida.

## **Os três anos em que João Bosco se tornou Dom Bosco**

Em novembro de 1841 Dom Bosco foi admitido como interno no Colégio Eclesiástico de Turim; ali permaneceu cerca de três anos, como era permitido “aos jovens que mais se distinguem por piedade e estudo”.<sup>288</sup>

<sup>285</sup> A carta, datada de 29/9/1926, é anexada como apêndice aos documentos da Causa.

<sup>286</sup> MO 120.

<sup>287</sup> G. B. LEMOYNE, *Ricordi di gabinetto*, abril de 1884; o conteúdo desta confidência foi depois inserido por ele mesmo nas *Memórias Biográficas* (cf. IV, 187). Em outro lugar, o mesmo Pe. Lemoyne escreve: “O fervor da oração incessante mantinha Dom Bosco sempre unido a Deus. Ascânio Sávio estava convencido de que Dom Bosco ficava em vigília muitas horas por noite e às vezes a noite inteira, rezando” (MB III, 589).

<sup>288</sup> Cf. G. COLOMBERO, *Vita del Servo di Dio Don Giuseppe Cafasso*, cit., 190.

O modelo formativo do Colégio deixa um sulco indelével na sua experiência humana e religiosa. O Pe. Cafasso, em particular, acompanha Dom Bosco rumo à concepção de uma existência onde a caridade para com Deus e com os jovens se fundem num único e coerente projeto de vida.

Já pusemos em evidência a importância dos exercícios espirituais na experiência pessoal e apostólica de Dom Bosco, e o influxo fundamental da teologia de S. Afonso ensinada pelo Pe. Cafasso, como também pelo seu antecessor, o Teól. Luís Guala. Tentemos, agora, pôr brevemente em evidência, sem desenvolvê-los, alguns outros elementos da espiritualidade e da ação apostólica do fundador dos salesianos, elementos que têm sua raiz na formação recebida no Colégio Eclesiástico.<sup>289</sup>

– *Aqui se aprende a ser padre...*

O “modelo” proposto pelo Colégio Eclesiástico é ainda o que provém do final do Concílio de Trento, embora com características e acentuações originais. Os regulamentos, substancialmente, tendem a formar um eclesiástico reservado e separado do mundo.

Dom Bosco escreve nas *Memórias do Oratório*:

---

<sup>289</sup> Para aprofundar a questão das origens do Colégio Eclesiástico e seu influxo na formação de Dom Bosco, veja-se: G. BUCCELLATO, *Il Convitto Eclesiastico Diocesano di Torino*, in G. BUCCELLATO (ed.), *San Giuseppe Cafasso, il direttore spirituale di Don Bosco*. LAS, Roma 2008, 11-50; Id., *Alcuni influssi della scuola del Convitto sulle scelte pastorali di Don Bosco*, in G. BUCCELLATO (ed.), *San Giuseppe Cafasso, il direttore spirituale di Don Bosco*, cit., 51-63.

O Colégio Eclesiástico vem a ser um complemento dos estudos teológicos, porquanto nos nossos seminários estuda-se somente a dogmática especulativa; na moral estudam-se apenas as questões disputadas. Nele aprende-se a ser padre. Meditação, leitura, duas conferências por dia, aulas de pregação, vida recolhida, toda comodidade para estudar, leitura de bons autores, eram as ocupações às quais qualquer um devia aplicar-se a fundo.<sup>290</sup>

Esta concepção da vida presbiteral encontra sua confirmação autorizada nos ensinamentos do Pe. Cafasso, que tendem a formar nos jovens presbíteros uma forte consciência da própria dignidade, mas, ao mesmo tempo, também da própria “diversidade” em relação às demais pessoas.

– *Caridade pastoral, jovens das camadas populares e primeiros catecismos*

Da identidade do padre brota sua missão no mundo. A imagem que mais emerge é a do *padre-pastor*, que *faz as vezes de Jesus Cristo sobre a terra*, dedicado à *pregação* e ao *confessionário*, tomado por um ardente zelo pelas almas, que o torna “criativo”, a fim de responder aos desafios e às necessidades do ambiente em que vive.

Num memorando redigido pelo Pe. Pio Bruno Lanteri<sup>291</sup> en-

---

<sup>290</sup> MO 117.

<sup>291</sup> O texto integral deste memorando é referido por Mario Rossino em apêndice ao seu artigo *Il Convitto Ecclesiastico di S. Francesco d'Assisi. La sua fondazione*, in *Archivio Teologico Torinese*, I (1995) 473-475.

tre novembro e dezembro de 1816,<sup>292</sup>e conservado em Pinerolo no arquivo geral da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, a propósito das finalidades do novo instituto religioso, afirma-se: “Assistir os enfermos nos hospitais e os encarcerados, o povo simples, isto é, os criados, os jovens trabalhadores etc., que, em torno de cinco mil por ano, saem curados dos hospitais, após neles receber os cuidados da alma mediante a pregação das máximas eternas, e cultivando-os depois com essas mesmas máximas mediante as confissões, haveriam de se tornar bons cristãos e úteis cidadãos”.<sup>293</sup>

*Bons cristãos e úteis cidadãos...* Esta citação explica a inspiração que está na base de uma das sínteses mais características do projeto educativo salesiano.

Esta atenção aos “presos e ao povo simples”, aos operários, caracteriza, em continuidade com os projetos de Lanteri, as experiências apostólicas do Colégio Eclesiástico. Dom Bosco narra: “Começou primeiro por levar-me às prisões, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificavam-se naqueles infelizes”.<sup>294</sup>

---

<sup>292</sup> Esta datação pode ser determinada mediante argumentos de crítica interna. De fato, no memorando, faz-se referência à Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, cuja ereção ocorreu com decreto do vigário capitular Mons. Gonetti no dia 13 de novembro de 1816; além disso, no fim do mesmo, pede-se para poder dispor dos locais anexos à igreja de S. Francisco de Assis, a fim de ali dar início, desde o princípio do próximo ano de 1817, à dita Congregação e ao Colégio Eclesiástico. Portanto, a data de redação é anterior a janeiro de 1817, mas posterior a 13 de novembro de 1816.

<sup>293</sup> Loc. cit.

<sup>294</sup> MO 120-121.

Outra iniciativa promovida ou apoiada pelo Colégio Eclesiástico é a atividade catequética e de “animação” dos meninos e dos adolescentes. Di Robilant, recolhendo numerosos testemunhos, afirma “com absoluta certeza, que (os catecismos) começaram muito antes de 1841”<sup>295</sup> e, portanto, antes daquele 8 de dezembro que os filhos de Dom Bosco sempre consideraram como o início ideal da obra do oratório”.<sup>296</sup>

– *Uma Sociedade de leigos e eclesiásticos*

Dos primeiros textos constitucionais é fácil deduzir que Dom Bosco tinha pensado em criar uma única Sociedade, composta de eclesiásticos e de membros externos, isto é, de sacerdotes e leigos, que, embora continuando a viver em família, eram ligados pelas mesmas Regras e, juntos, colaboravam na educação da juventude pobre.

Em 1873, no diálogo com os consultores encarregados de examinar o texto das Constituições da Sociedade nascente, decidiu-se recusar definitivamente o capítulo constitucional sobre os membros externos. Esse diálogo fora difícil desde o início, mas, apesar das observações recebidas, Dom Bosco não quis renunciar ao projeto original, retomando-o obstinadamente.

No ano seguinte à aprovação das Constituições da Sociedade, 1875, ele começou a traçar as grandes linhas do projeto de

---

<sup>295</sup> L. N. DI ROBILANT, *Vita del venerabile Giuseppe Cafasso*, II, cit., 8.

<sup>296</sup> Por isso, Pietro Stella conclui: “O catecismo que Dom Bosco deu a Bartolomeu Garelli em dezembro de 1841, não muitas semanas após sua chegada a Turim, foi decisivo para ele, jovem sacerdote, mas não foi o primeiro que houve no Colégio Eclesiástico de Turim. De fato, pelo que parece, o ensino da doutrina cristã aos jovens fazia parte do programa de formação pastoral dos padres alunos do Colégio” (P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 95).

uma associação laical, à qual inicialmente deu o nome de *União de S. Francisco de Sales*, e que dois anos depois foi reconhecida mediante um breve de Pio IX no dia 9 de maio de 1876 com o nome de *União dos Cooperadores Salesianos*.

Também a ideia deste liame particular com os leigos pode ser considerada um fruto da formação recebida no Colégio Eclesiástico. De fato, nas Constituições da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem de Pio Bruno Lanteri é possível encontrar alguma coisa de análogo. Na escola de Diessbach, Lanteri quer envolver também os leigos na ação de “reconquista cultural” da sociedade, usando como instrumento privilegiado de apostolado a difusão do livro em todos os ambientes, mediante a leitura, o estudo, o exame de todas as classes sociais. Por isso, quando em 1816 fundou a Congregação dos Oblatos de Maria Virgem, dissolvida quatro anos depois e finalmente reconstituída com a aprovação do sumo pontífice, nas Constituições previu a adesão dos assim ditos “sócios externos”.<sup>297</sup>

Dom Bosco assume este conceito e esta terminologia que depois utilizará amplamente na redação das Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales, inspirando-se no texto constitucional da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem.<sup>298</sup>

#### – *O empenho no apostolado da boa imprensa*

Também o empenho de “difundir bons livros”, que, como vimos, é um dos objetivos apostólicos da nascente Sociedade

---

<sup>297</sup> Cf. *Costituzioni e regole della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine*. Turim 1851.

<sup>298</sup> Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996, 574.

de S. Francisco de Sales,<sup>299</sup> inspira-se no ambiente do Colégio Apostólico. Ao espírito jansenista e regalista Lanteri tinha procurado opor a doutrina de S. Afonso de Ligório, dedicando-se a difundir bons livros também graças ao apostolado de presbíteros e de leigos.

Pietro Stella escreve: “Dom Bosco não se deu tréguas como escritor, editor, propagador, porque estava pessoalmente persuadido de que pregar a boa-nova por meio da imprensa era um serviço que ele devia prestar sem falta à religião e uma explicação necessária da sua vocação de educador dos jovens e do povo. Esta foi uma convicção que ele teve em comum com muitos dos seus contemporâneos”.<sup>300</sup>

Além do seu empenho pessoal, deve-se sublinhar o dos seus primeiros colaboradores. Muitas são as publicações dos primeiros salesianos, de conteúdo diverso, que é fácil encontrar nas *Leituras Católicas* e também em outras edições. O empenho pela difusão da boa imprensa era advertido por todos e cada um, segundo quanto afirma o texto constitucional, como um elemento imprescindível da missão e do “carisma” da Congregação nascente.

– O “*sentire cum Ecclesia*” e a obediência ao Papa

No campo eclesiológico, as ideias do Colégio Eclesiástico corriam pelo sulco do ultramontanismo, que tinha caracterizado o nascimento das *Amizades Cristãs*. A autoridade e o prestígio do

---

<sup>299</sup> Cf. G. BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875*. Textos críticos aos cuidados de F. Motto. Roma 1992, 78.

<sup>300</sup> P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, I, cit., 247.

Papa eram defendidos contra os “inimigos do primado” e as doutrinas errôneas, mas também, como consequência, contra toda possível abertura para a “modernidade”.

Para criar este clima de fervor em relação ao Papa tinham contribuído alguns fatores concomitantes ao evento da Revolução Francesa. Antes de tudo, o galicanismo que, ao acentuar a peculiaridade da Igreja francesa em antagonismo com a romana, tinha esfriado as relações recíprocas; em segundo lugar, o próprio jansenismo, sempre polêmico contra o centralismo da cúria romana. Já Diessbach, tomando distância dessas posições, tinha fundado as “*Amizades*” com base num programa de “adesão sem reservas” à “Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana”.<sup>301</sup> O presbítero formado no Colégio Eclesiástico, portanto, é capaz de *sentire cum Ecclesia*; aliás, é marcadamente filorromano em todas as questões, não só religiosas, mas também políticas, em atitude crítica em relação a todas as tensões sociais que, naqueles anos, veem o Papa como um possível antagonista. Não é difícil reconhecer, nesta descrição, a posição “política” que Dom Bosco manteve constantemente, também durante os anos difíceis das guerras de independência, e os traços característicos de sua dedicação ao Papa.

### **Documento: Instrução do Pe. Cafasso ao clero sobre a oração**

Durante a sua vida, o Pe. Cafasso recolheu minuciosamente seus apontamentos numa série de cadernos, mas nunca publicou

---

<sup>301</sup> Cf. P. ZOVATTO, *La spiritualità dell'ottocento italiano*, in P. ZOVATTO (ed.), *Storia della spiritualità italiana*. Roma 2002, 508-511.

nada; um seu sobrinho, o Côn. José Allamano, tendo em mente o trabalho pastoral, no início do século XX publicou alguns volumes de meditações e instruções para o povo e o clero.

A partir de 2002 iniciou-se a edição crítica dos seus escritos. Na *edição nacional das obras de S. José Cafasso*, com a contribuição de alguns valentes estudiosos de Turim, foram publicados seis volumes de meditações, instruções, conferências, ensinamentos do santo de Castelnuovo. Esses volumes são um instrumento indispensável para compreender que tipo de padre e de cristão Cafasso se propunha formar.

Aqui nos referimos a uma instrução que trata de um dos temas centrais do ensino do Pe. Cafasso: o padre só pode ser um homem de oração. Aqui, como em toda parte, Cafasso usa seu estilo decidido, às vezes, até mesmo irônico, ao delinear a necessidade de uma vida feita de recolhimento e oração.

Não é fora de propósito supor que João Bosco tenha ouvido diversas vezes de seu diretor espiritual esta e outras instruções semelhantes durante as numerosas visitas ao santuário de S. Inácio em vista dos exercícios espirituais. Parece-nos poder dizer que o conhecimento dessas meditações e instruções ao clero deve ser um lugar obrigatório de passagem para quem quiser conhecer a fundo as raízes da espiritualidade de Dom Bosco.

A palavra *recolhimento* traz à mente as numerosas renúncias feitas por Dom Bosco em termos de jogos e divertimentos “profanos”, mas refere-se particularmente a uma vida interior, a uma solidão fecunda que deve ser cultivada no segredo do próprio quarto e que favorece a concentração e a oração. A expressão aparece seis vezes nas *Memórias do Oratório*. Dom Bosco, falando de dois membros da Sociedade da Alegria, Guilherme Ga-

rigliano e Paulo Braia, diz: “Ambos apreciavam o recolhimento e a piedade, e constantemente me davam bons conselhos”.<sup>302</sup> “Com o recolhimento e a comunhão frequente – é o precioso conselho do Teól. Borel – aperfeiçoa-se e se conserva a vocação e se forma um verdadeiro eclesiástico”.<sup>303</sup> A expressão consta também dos propósitos feitos por ocasião da vestidura clerical de Dom Bosco: “Procurarei amar e praticar o recolhimento”.<sup>304</sup>

A instrução do Pe. Cafasso sobre a oração não era destinada à publicação; por isso, tem o caráter de conversa familiar, sem nenhuma preocupação de elegância de estilo. É possível encontrá-la no segundo volume das obras publicadas pela *Edição Nacional das obras de S. José Cafasso*.<sup>305</sup>

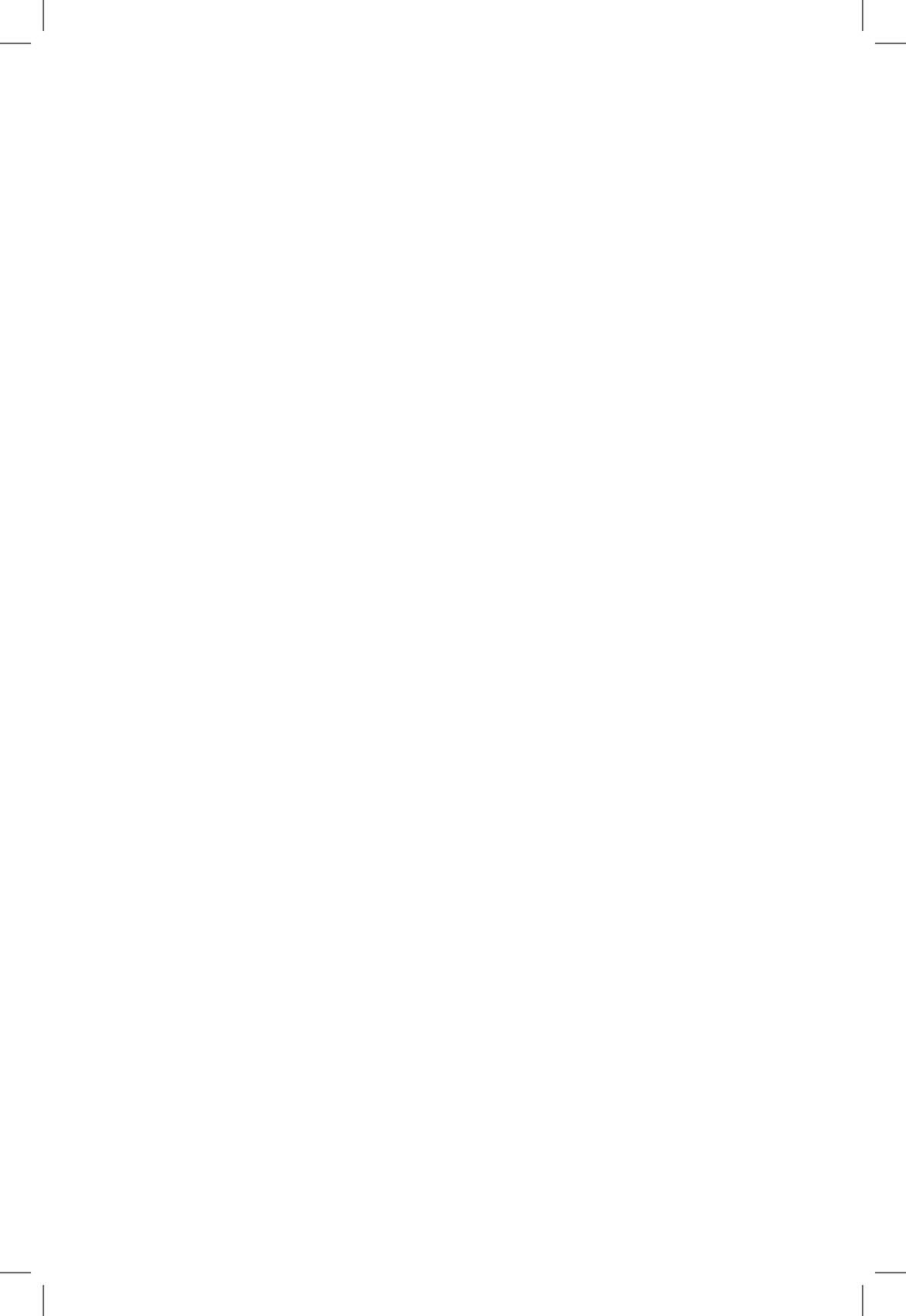
---

<sup>302</sup> MO 57.

<sup>303</sup> MO 107.

<sup>304</sup> MO 91.

<sup>305</sup> N. do T.: Cf. G. BUCCELLATO, *Alle radici della spiritualità di San Giovanni Bosco*. LEV, Roma 2013, cit., 176-184.



## CONCLUSÃO

Não somente o culto dos santos, mas também seu *conhecimento* está desaparecendo rapidamente dos povos de todos os países. A fim de conservá-lo intacto na sua memória, pouco se faz. As antigas representações dos santos, mesmo se continuassem a ser lembradas, não satisfariam mais os cristãos de hoje e de amanhã [...]. Para o futuro – não tanto em consideração às “necessidades” atuais, quanto na profunda verdade da revelação – o conhecimento dos santos deve ser recriado de forma tal que eles voltem a viver conosco, junto a nós, por nós e em nós, como os melhores guardas e vivificadores da *communio sanctorum* que constitui a Igreja.<sup>306</sup>

A um exame atento, as raízes da espiritualidade de Dom Bosco se apresentam mais complexas e variadas do que a tradição espiritual que dele se originou soube evidenciar.

A função exercida pela espiritualidade de S. Inácio de Loyola, por exemplo, pelos motivos que procuramos expor no capítulo primeiro, resulta parcialmente velada também na primeira tradição espiritual. A importância exercida pela prática dos exercícios espirituais na experiência espiritual e apostólica de Dom Bosco, e de alguns outros elementos, como o das relações entre Dom Bosco e a Companhia de Jesus, torna-se mais transparente a um contato mais vivo com as fontes.

---

<sup>306</sup> H. U. Von BALTHASAR, *Sorelle nello Spirito. Teresa di Lisieux e Elisabetta di Digione*. Milão 1991, 3ª edição, 37-38.

A contribuição da espiritualidade de S. Felipe Neri restituiu-nos a percepção do fundador dos salesianos de estar em continuidade com a obra e o espírito deste apóstolo da juventude. S. Felipe Neri, contemporâneo e amigo de S. Inácio, deixa-nos uma herança ideal de bons sentimentos e de conselhos espirituais que acompanham constantemente a experiência apostólica de Dom Bosco.

Ao passo que o conhecimento dos escritos e da experiência humana e espiritual de S. Francisco de Sales resulta menos comprovada do que a tradição mais recente procurou pôr em evidência. Sem nada eliminar da indubitável afinidade que é possível reconhecer entre o humanismo espiritual de S. Francisco de Sales e o nosso Dom Bosco, o conhecimento direto do bispo de Genebra, conforme outros eminentes estudiosos já afirmaram, é menos evidente em relação a outras inspirações carismáticas. Francisco de Sales é conhecido por Dom Bosco de acordo com o “sentir comum”, como o modelo ideal de todo educador, pela sua doçura e afabilidade. Basta isto a Dom Bosco, junto com o conselho do seu mestre, para atribuir a ele a “titularidade” da obra salesiana das origens e da Sociedade de S. Francisco de Sales.

S. Vicente de Paulo, tal como Dom Bosco o “sente”, é a expressão viva da caridade para com o próximo, que não pode ser separada da oração e do amor a Deus. Seu amor pelos pobres torna-se modelo exemplar proposto ao movimento que dele origina, na Itália e também no exterior.

A contribuição da santidade e da riquíssima produção espiritual de S. Afonso Maria de Ligório, conhecida diretamente ou através dos ensinamentos do Pe. Cafasso, marca de forma indelével a experiência sacerdotal de Dom Bosco, sua pedagogia

espiritual, sua atividade como confessor e fundador. S. Afonso, como S. Vicente e S. Felipe Neri, diversamente de S. Francisco de Sales, é um santo popular, por isso, certamente mais próximo da sensibilidade do fundador dos salesianos. Amante da música e do canto, também desde este ponto de vista é um modelo de pastor de estilo sóbrio e popular, que sabia adaptar-se ao nível cultural e à capacidade de compreensão dos seus destinatários.

Finalmente, S. José Cafasso, rico do dom espiritual do conselho, é o único que, dada a contemporaneidade das existências, teve um influxo direto sobre a experiência humana de S. João Bosco, além de influenciar sua formação teológica. Verdadeiramente, com o Pe. Eugênio Valentini podemos afirmar que sem o Pe. Cafasso não teria existido Dom Bosco, nem mesmo a Congregação Salesiana. Prova-o a simples observação de todos os momentos em que o acompanhamento espiritual do Pe. Cafasso foi decisivo para Dom Bosco. Um conhecimento melhor das suas meditações e instruções ao clero, poderia iluminar ainda mais e tornar mais nítidos os traços da experiência espiritual de Dom Bosco.

No final do caminho, permanece o desejo de ulteriores e mais minuciosos aprofundamentos, bem como um sentido de profunda gratidão em relação a todos os que, com seus estudos e suas análises cuidadosas, permitiram-nos evidenciar a complexidade das diversas contribuições espirituais.

Teria sido interessante considerar atentamente influxos destas figuras de santos entre si, além de seus laços com o nosso Dom Bosco. De fato, Felipe Neri foi contemporâneo e amigo de Inácio; Francisco de Sales, de 1582 a 1588, estudou retórica e filosofia no colégio de Clermont, dirigido pelos jesuítas; Vicente

de Paulo teve como diretor espiritual Francisco de Sales; Afonso de Ligório, ele mesmo nutriu-se da espiritualidade da Companhia de Jesus, da qual também hauriu um grande amor pela experiência dos exercícios espirituais, dos quais foi incansável propagador.

Por essas análises e pela riqueza dessas contribuições, a espiritualidade “bosquiana” não resulta “diminuída” ou posta na sombra; pelo contrário, a originalidade da síntese e a inteligente abertura aos dons do Espírito que chegaram a Dom Bosco mediante a contribuição dessas outras escolas de espiritualidade, tornam-na mais reconhecível e transparente, e ainda mais digna de ser transmitida, sem reduções e “descontos”, à família espiritual que dela teve origem.

À distância de dois séculos do seu nascimento, Dom Bosco nos ajude a conhecê-lo e amá-lo sempre mais, para continuarmos a sentir em nós a mesma ânsia de conquistar almas para Deus, a mesma caridade para com a juventude, o mesmo amor à vida da Igreja, que fizeram dele uma das figuras mais luminosas e fecundas da história da espiritualidade cristã.

# BIBLIOGRAFIA

## 1. Fontes salesianas

- BARBERIS G., *Il vade mecum dei giovani salesiani. Ammaestramenti e consigli esposti agli ascritti e agli studenti della Pia Società di S. Francesco di Sales*, III. S. Benigno Canavese 1906.
- BOSCO G., *Storia ecclesiastica ad uso delle scuole utile per ogni ceto di persone*. Turim 1845.
- ID., *Esercizio di divozione alla misericordia di Dio*. Turim 1846.
- ID., *Le sei domeniche e la novena di S. Luigi Gonzaga con un cenno sulla vita del Santo*. Turim 1846.
- ID., *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà, per la recita dell'Uffizio della Beata Vergine e de' principali Vespri dell'anno coll'aggiunta di laudi sacre*. Turim 1847.
- ID., *Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà secondo lo spirito di S. Vincenzo de' Paoli*. Turim 1848.
- ID., *Porta teco cristiano ovvero avvisi importanti intorno ai doveri del cristiano acciocché ciascuno possa conseguire la propria salvezza nello stato in cui si trova*. Turim 1858.
- ID., *Biografia del Sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim 1860.
- ID., *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim 1861.
- ID., *Nove giorni consacrati a Maria Ausiliatrice*. Turim 1870.
- ID., *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1888*, Introdução, notas e texto crítico aos cuidados de A. da Silva Ferreira. Editora Dom Bosco, Brasília 2012.

- ID., *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858] – 1875*.  
Textos críticos aos cuidados de F. Motto. Roma 1992.
- BOYS A. DU, *Dom Bosco et la pieuse Société des Salésiens*. Paris 1884.
- CAVIGLIA A. (ed.), *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco. Nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*. Aos cuidados da Pia Sociedade Salesiana, IV. Turim 1965.
- CERIA E., *Annali della Società di San Francesco di Sales*, 4 vols. Turim 1941-1951.
- LEMOYNE G. B.-AMADEI A. - CERIA E., *Memorie biografiche di San Giovanni Bosco*, 19 volumes de texto e dois de índices. San Benigno Canavese (Turim) 1898-1948.
- Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il Decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Turim 1877.
- Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il Decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Turim 1885.
- ROMERO C. (ed.), *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*. Roma 1983.
- RUFFINO D., *Cronache dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim 1860.

## 2. Outras fontes

- ALFONSO M. De' LIGUORI, *Apparecchio alla morte*, in *Opere ascetiche*, II. Turim 1846.
- ID., *Del gran mezzo della preghiera*, in *Opere ascetiche*, II. Turim 1846.
- ID., *Lettere*. Introdução aos cuidados de S. Brugnano. Roma 1887.
- ID., *Pratica di amare Gesù Cristo*, in *Opere ascetiche*. Roma 1996.
- CAFASSO G., *Esercizi spirituali al clero. Istruzioni*. Turim 2007.

COLOMBERO G., *Vita del Servo di Dio Don Giuseppe Cafasso, con cenni storici sul Convitto ecclesiastico di Torino*. Turim 1895.

*Costituzioni e regole della Congregazione degli Oblati di Maria V.* Turim 1851.

DI ROBILANT L. N., *Vita del Venerabile Giuseppe Cafasso fondatore del Convitto ecclesiastico di Torino*, 2 vols. Turim 1912.

GALLONIO A., *Vita del Beato P. Filippo Neri, fiorentino, fondatore della Congregazione dell'Oratorio, scritta e ordinata per anni*. Roma 1601.

GASTALDI P., *Della vita del servo di Dio Pio Brunone Lanteri, fondatore della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine*. Turim 1870.

GIOBERTI V., *Il gesuita moderno*, 5 vols. Nápoles 1846-1849.

*Regole della Compagnia di Gesù*. Roma 1834.

SOMMERVOGEL C., *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, VII. Bruxelles 1894.

*Taurin. Beatificationis et canonizationis Servi Dei Josephi Cafasso sacerdotis saecularis Collegii Ecclesiastici Taurinensis moderatoris. Positio super introductione causae*. Roma 1906.

### **3. Estudos**

ACCORNERO F., *La dottrina spirituale di san Giuseppe Cafasso*. Turim 1958.

AUBRY J. (ed.), *Escritos espirituais de São João Bosco*. São Paulo s/d.

BALTHASAR H. U. Von, *Sorelle nello Spirito. Teresa di Lisieux e Elisabetta di Digionc*. Milão 1991.

BOENZI J., "Da mihi animas". *Il grido del cuore pastorale di Francesco di Sales*, in *Quaderni di spiritualità salesiana*, 2ª série, 7 (2007) 49-59.

- BONA C., *Le "Amicizie". Società segrete e rinascita religiosa (1770-1830)*. Turim 1962.
- BRAIDO P., *Don Bosco fondatore. "Ai Soci salesiani" (1875-1885)*. Introdução e textos críticos. Roma 1995.
- ID., *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, 2 vols. São Paulo 2008
- BROCARDO P., *Maturare in dialogo fraterno*. Roma 1999.
- ID., *Gli Esercizi Spirituali nella esperienza di D. Bosco e della vita salesiana*, in P. BROCARDO-I. CAPITANIO (eds.), *Il rinnovamento degli Esercizi Spirituali. Simposio salesiano europeo*. Turim-Leumann 1975, 23-77.
- BRUSTOLON A., *Alle origini della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine. Punti chiari e punti oscuri*. Turim 1995.
- BUCCELLATO G., *Gli esercizi spirituali nell'esperienza di Don Bosco e alle origini della società di San Francesco di Sales*, in M. Ko (ed.), *È tempo di ravvivare il fuoco*. Roma 2000.
- ID., *Alla presenza di Dio. Ruolo dell'orazione mentale nel carisma di fondazione di San Giovanni Bosco*. Roma 2004.
- ID., *Alcuni influssi della scuola del Convitto sulle scelte pastorali di Don Bosco*, in G. BUCCELLATO (ed.), *San Giuseppe Cafasso, il direttore spirituale di Don Bosco*. LAS, Roma 2008.
- ID., *Convitto Ecclesiastico di Torino. Un modello di formazione presbiterale nell'ottocento italiano*, in G. BUCCELLATO (ed.), *San Giuseppe Cafasso il direttore spirituale di Don Bosco*. Roma 2008.
- CACCIATORE G., *S. Alfonso de' Liguori e il giansenismo. Le ultime fortune del moto giansenistico e la restituzione del pensiero cattolico nel secolo XVIII*. Firenze 1942.
- CASELLE S., *Giovanni Bosco a Chieri. 1831-1841. Dieci anni che valgono una vita*. Turim 1988.
- CESTE M., *Testimoni della carità. Le conferenze di San Vincenzo a Torino. 150 anni di storia*. Turim 2003.

- DE ROSA G., *Il movimento cattolico in Italia. Dalla Restaurazione all'età giolittiana*. Bari 1988.
- DESRAMAUT F., *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim 1996.
- DICASTERO PER LA FORMAZIONE, *Sussidi*, 3 vols. Roma 1988.
- FRANGI L., *S. Francesco di Sales e la sua dottrina nelle letture cattoliche*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*. Roma 1986.
- GALLAGHER T., *Gli esercizi di Sant' Ignazio nella spiritualità e carisma di fondatore di Pio Brunone Lanteri*. Roma 1983.
- GIANOTTI S., *Bibliografia generale di Don Bosco. Bibliografia italiana 1844-1992*. Roma 1995.
- GIRAUDO A., *Lo spirito apostolico di Don Bosco e i suoi modelli*, in *Quaderni di spiritualità salesiana*, 2<sup>a</sup> série, 7 (2007) 61-81.
- GUIBERT J. DE, *La spiritualità della Compagnia di Gesù. Saggio storico*. Roma 1992.
- KEUSCH K., *La dottrina spirituale di S. Alfonso*. Milão 1931.
- KLEIN J.-VALENTINI E., *Una rettificazione cronologica delle "Memorie di San Giovanni Bosco"*, in *Salesianum* 17 (1955) 3-4, 581-610.
- LERCARO G., *Metodi di orazione mentale*. Milão 1969.
- MAJORANO S., *Il confessore, pastore ideale nelle opere di sant' Alfonso*, in *SM* 38 (2000) 321-346.
- MALFAIT D. - SCHEPENS J., *Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà secondo lo spirito di S. Vincenzo de' Paoli. Analisi del lavoro redazionale compiuto da Don Bosco*, in *RSS* 15 (1996) 317-382.
- PEDRINI A., *S. Giuseppe Cafasso nella scia della dottrina del Salesio*, in *Palestra del clero* 62 (1983) 625-637; 718-736.
- ID., *Don Bosco e Sant' Alfonso M. De' Liguori. La dottrina salesiana e alfonsiana nella luce delle celebrazioni centenarie*, in *Palestra del clero* 67 (1988) 921-936.

- PENCO G., *Storia della Chiesa in Italia*. Milão 1978.
- PIATTI T., *Il servo di Dio Pio Brunone Lanteri*. Turim 1934.
- ROSSINO M., *Il Convitto Ecclesiastico di S. Francesco d'Assisi. La sua fondazione*, in *Archivio Teologico Torinese*, I (1995) 452-481.
- SIMON DIAZ J., *Jesuitas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*. Madri 1975.
- SISINIO DA ROMALLO, *Probabiliorismo*, in *Enciclopedia cattolica*, X. Cidade do Vaticano 1953, 56-57.
- STELLA P., *Don Bosco e le trasformazioni sociali e religiose del suo tempo*, in P. BROCARDI-M. MIDALI (eds.), *La Famiglia Salesiana riflette sulla sua vocazione nella chiesa di oggi*. Turim-Leumann 1973, 145-170.
- ID., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, 3 vols. Roma 1979-1988.
- ID., *Don Bosco nella storia economica e sociale*. Roma 1980.
- ID., *Don Bosco e S. Francesco di Sales: incontro fortuito o identità spirituale?*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*. Roma 1986, 139-159.
- TUNINETTI G., *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, 2 vols. Roma 1988.
- ID., *Gli arcivescovi di Torino e Don Bosco fondatore* in DICASTERO PER LA FAMIGLIA SALESIANA, *Don Bosco fondatore della Famiglia Salesiana*. Roma 1989, 247-278.
- ID., *San Giuseppe Cafasso. Nota storico-biografica*, in G. CAFASSO, *Esercizi Spirituali al clero*, a os cuidados de L. Casto. Cantalupa (Turim), 2003, 28-33.
- USSEGLIO G., *Il Teologo Gitala e il Convitto Ecclesiastico di Torino*. Turim 1948.
- VALENTINI E., *Presentazione* in E. VALENTINI (ed.), *San Giuseppe Cafasso. Memorie pubblicate nel 1860 da San Giovanni Bosco*. Turim 1960.

- ID., *Don Bosco e Sant'Alfonso. Con aggiunta Vita cronologica di S. Alfonso M. dei Liguori Dottore della Chiesa a cura di Alfonso Maria Santonicola*. Pagani (Salerno) 1972.
- ID., *Due santi simili. Don Bosco e San Vincenzo de' Paoli*, in *Palestra del Clero* 57 (1978) 22, 1474-1497.
- ID., *S. Francesco di Sales negli scritti di Don Giulio Barberis e Don Eugenio Ceria*, in J. PICCA-J. STRUS (eds.), *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*. Roma 1986.
- VANNI ROVIGHI S., *Probabilismo*, in *Enciclopedia cattolica*, X. Cidade do Vaticano 1953, 57-61.
- VELOCCI G., *Sant'Alfonso de Liguori. Un maestro di vita cristiana*. Cinisello Balsamo 1994.
- VIDAL M., *Nuova morale fondamentale. La dimensione teologica dell'etica*. Bolonha 2004.
- ZOVATTO P. (ed.), *Storia della spiritualità italiana*. Roma 2002.

